

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Belas Artes



APÊNDICES | MUSEUS DO DISTRITO DE VISEU

Ana Rita Santos Almeida Martins Antunes

MESTRADO EM MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Belas Artes



APÊNDICES | MUSEUS DO DISTRITO DE VISEU

Questionário Diagnóstico

Fichas Técnicas das Unidades Museológicas

Arquivo Fotográfico

Ana Rita Santos Almeida Martins Antunes

MESTRADO EM MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Luís Jorge Gonçalves

LISBOA | NOVEMBRO 2011

[Questionário Diagnóstico]

[Questionário Diagnóstico]

Museu	Núcleo Museológico	Núcleo Arqueológico	Colecção Visível	Património	Associação Cultural	Centro de Exposições
Designação						
Implantação Urbana						
Acessos						
Edifício		Recuperado/ Adaptado			Construído de Raiz	
		Funções			Inauguração	
Morada Contactos						
Horários						
Bilhete						
Verba Anual						
Recursos Humanos						
Missão						
Vocação	Abrangência Territorial	Local	Regional	Nacional	Internacional	
	Campo Temático	Arte	Etnografia/ Antropologia		Arqueologia/ História	Ciência/ Técnica/ História Natural
	Composição Disciplinar	Unidisciplinar	Pluridisciplinar		Interdisciplinar	Transdisciplinar
	Tutela					
Metas Objectivos						
Orgânica Espacial		Espaços Públicos		Espaços Acesso Controlado		Espaços Reservados
Reserva						
Tipologia Discurso		Permanente		Temporária		Rotatividade
Organização Expositiva (temas, cronologia...)						
Circuitos Museológicos						
Colecção	Modalidade Incorporação	Compra	Legado	Recolha	Transferência	Cedência
		Doação	Herança	Achado	Aquisição	Empréstimo
	Composição	Original		Réplicas		Reconstrução
	Estado Conservação					
Inventário						

[Questionário Diagnóstico]

Estruturas Comunicação	Flyer/ Desdobrável	Roteiro/ Catálogo	Sinalética Exterior	Sinalética Interior	Logótipo
	Textos Introdutórios	Folha Sala	Tabelas	Publicações	Linguagem Museal
Divulgação	Outdoors/ cartazes		Site	Newsletter	
	Entidade Encarregada		Outros		
Estruturas Equipamento	Plintos	Estrados	Vitrinas	Materiais	
	Estrutura	Linha	Outros		
Parcerias					
Serviço Educativo					
Notas					

[Fichas Técnicas]

Numa primeira fase, o que deu corpo ao desenvolvimento da investigação, foi o preenchimento de um questionário diagnóstico e a posterior elaboração das respectivas fichas técnicas, das unidades museológicas visitadas.

Sem este levantamento, não teriam sido lançados os alicerces de toda a estrutura do presente estudo. Assim, por considerarmos de extrema importância a inclusão desta informação, passamos a fazê-lo em apêndice.

As unidades museológicas, vão ser apresentadas mediante o concelho a que pertencem, seguindo a ordem do Quadro Síntese inserido na página 23 da dissertação.

Museu Municipal Manuel Soares da Albergaria | Carregal do Sal

Rua Alexandre Braga, 32

3430-007 Carregal do Sal

Telf. 232960404

museu@carregal-digital.pt

Responsável | Dr. Evaristo Pinto

Horário | Terça-feira a domingo das 10h.12h / 15h.17h, Encerra às Segundas-feiras

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local e Nacional; Composição Pluridisciplinar; Campos Temáticos de Arte | | Etnografia/
Antropologia | Arqueologia/ História

Tutela Privada | Câmara Municipal de Carregal do Sal

Colecções | Pintura (neo-realismo, surrealismo e abstraccionismo); Escultura (Aureliano Lima década 70);
Arqueologia (pré-história à idade média); Etnografia séc. XIX (vinícola, agrícola, memórias, armaria - espingardas de
caça)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2007

Visitantes 2010 | 5 000 ano

Implantação Urbana | Situa-se no quarteirão oriental da Vila de Carregal do Sal. A identificação para o edifício é escassa, mas compensada com o total conhecimento por parte dos habitantes. Na fachada do edifício brasonado, destaca-se o nome do seu maior fundador Manuel Soares da Albergaria, o qual dá nome ao museu.

Edifício | Tradicionalmente conhecido como a “Casa das Correntes”, foi mandado construir em meados do século XX, por Manuel Soares da Albergaria. O edifício integra um lindíssimo conjunto arquitectónico edificado na última década. De planta em L, construída por piso térreo e andar nobre é uma notável construção dos tempos modernos. *“Todavia, a sua gramática decorativa, reforçada pelo Brasão de Armas dos Albergarias e pelas suas elegantes fachadas sugere concepções arquitectónicas adoptadas nas residências senhoriais beirãs, evidenciando uma clara solução de compromisso enraizada nos valores da tradição.”*¹

O edifício manteve as suas funções de habitação até finais do Estado Novo e com a fundação do Regime Democrático em 1974, diversos serviços públicos ocuparam o edifício. Em 8 de Novembro de 1988 foi adquirido por um conjunto de vereadores do município para dar residência às colecções de pintura moderna oriundas do Círculo de Cultura de Carregal do Sal, e só na década seguinte são iniciadas obras de remodelação do espaço, com a finalidade de o adaptar a funções museológicas. A criação do museu

¹ Desdobrável do Museu Municipal Manuel Soares da Albergaria, textos de Evaristo Pinto com edição da Câmara Municipal Do Carregal do Sal.

teve a sua génese na vontade expressa de um grupo de pessoas que fundaram nos anos sessenta o Círculo de Cultura de Carregal do Sal, onde se destacam a prestigiada figura de Luís de Almeida e Melo, o ilustre advogado César Veloso, o poeta Manuel Soares de Albergaria e Melo, o padeiro Eduardo Silvestre, bem como personalidades locais, com o interesse de envolverem directamente a comunidade local em actividades culturais. A acção empreendedora e espírito dinâmico de Luís de Almeida e Melo e a sua estreita relação com pintores, seus conhecidos da época, resultaram na valiosa reunião de obras que originou a colecção de pintura para a “Galeria de Arte Moderna” que tanto desejava desenvolver no âmbito das actividades daquele círculo. A Câmara Municipal de Carregal do Sal consciente de toda a herança social e cultural deixada em legado ao município, desenvolveu todos os esforços para adquirir um espaço digno que desse refúgio a todas as colecções e acervo patrimonial do concelho, concretizando assim, um velho sonho de gerações.

Equipa Técnica | Composta por três pessoas, o responsável pelo museu e património concelhio e dois seguranças (vigilantes).

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 pisos, organizados com 4 salas de exposição permanente, sala de reserva (espaço também adaptado ao serviço educativo e centro de documentação), gabinete administrativo, recepção, cafetaria e loja (espaços adaptados num corredor). Contíguo ao museu existe o espaço da Biblioteca Municipal, o Espaço Internet e o Posto de Atendimento ao Cidadão.

Espaço Exposição Temporária | Devido ao pouco espaço para dar abrigo a toda a colecção, e de forma a conseguir dinamizar regularmente o museu, o corredor do 2do piso é o espaço destinado para receber exposições temporárias.

Espaço Exposição Permanente | O núcleo de arte contemporânea de âmbito nacional e internacional é a excepção do restante acervo do museu, essencialmente constituído por bens culturais de proveniência local. A cada sala de exposição refere um núcleo distinto, Pintura, Escultura, Arqueologia, Etnografia e Armaria. No piso superior estão sediadas as salas de pintura, escultura e arqueologia. A primeira reúne uma notável colecção de vinte e um quadros de pintura moderna de Carlos Botelho, João Aires, Artur Bual, João Hogan, Vieira da Silva, Nuno de Siqueira, Cândido Portinari, Lurdes de Castro, Marcelino Vespeira (entre outros), uma prestigiada geração de pintores, cujas obras se inserem nas tendências artísticas do Neo-Realismo, Surrealismo e Abstraccionismo. A sala destinada à escultura reúne um conjunto considerável de peças dos anos 70, do escultor e poeta, Aureliano Lima, natural do Carregal do Sal; todo o espaço é dedicado à sua memória onde podemos encontrar peças em ferro recuperado e policromado, gesso, pedra e madeira. Na colecção de arqueologia podemos descobrir um significativo número de artefactos originários de escavações feitas no concelho nas décadas de oitenta e noventa do século passado. A exposição assume uma sequência cronológica e temática de ocupação humana desde a pré-história à Idade Média. Do espólio apresentado, sobressai um extenso conjunto de objectos descobertos em locais de habitação e em monumentos megalíticos, desde o Neolítico Antigo à Idade do Bronze.

No piso 1 está instalada a sala de Etnografia. Composta por uma centena de peças de temática vinícola, representativas e enraizadas a esta região do Dão. Fazem também parte deste núcleo peças ligadas à agricultura que constroem testemunhos de memórias do quotidiano camponês nos seus mais diversos

aspectos da vida material, social e cultural. Ainda de referência representativa e documental os usos e os costumes da prática da caça entre o Douro e o Mondego, podemos observar o núcleo de armaria, constituído por várias espingardas de caça do século XIX.

Colecção | Todas as peças estão inventariadas em formato de papel, adquiridas por doação, compra e por recolha em escavações de sítios arqueológicos do concelho. De uma forma geral em bom estado de conservação.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Anualmente são programadas actividades que se estendem fora das paredes do museu. Ainda ao abrigo da câmara e tendo como representação o mesmo responsável, podemos visitar no conselho o Núcleo Museológico de Varas de Parada, um antigo lagar de azeite, musealizado e preparado com utensílios originais do seu processo e fabrico, um forte testemunho histórico-arqueológico de interesse cultural e pedagógico e de fruição patrimonial adaptado a diversos públicos. Em paralelo funcionam durante todo o ano, com especial incidência no período da primavera e início do verão, a saída para o terreno, para a visita dos monumentos megalíticos e sepulturas que originaram o conjunto de peças expostas no núcleo de arqueologia.

Comunicação | O logótipo de estrutura quadrada e cor bordeaux uniforme de base, delimitada com uma linha branca de espessura de 1 mm, símbolo a sugerir um edifício como referência à Casa das Correntes. *Lettering* a branco com serifas. Aplicado em todas as publicações, sinalética interna e no vinil autocolante aplicado nas portadas de vidro na entrada do museu. No conjunto de publicações levadas a cabo pela autarquia, o flyer do Museu é um desdobrável gratuito com um conjunto geral de informação do edifício, história do museu da colecção que nela habita. O roteiro, com um valor simbólico, contém informação mais detalhada sobre toda a história do edificado, fundadores da colecção e do espaço do museu, e cada uma das peças é descrita de forma pormenorizada.

As publicações foram editadas desde 2001, em toda a sua totalidade escritas pelo Dr. Evaristo Pinto, que se dedicou e estudou exaustivamente o património concelhio e a colecção. São de evidenciar o Roteiro do Museu, o Catálogo de Etnografia – Por Terras do Concelho, o Roteiro do Circuito Pré-Histórico Fiais/Azenha, do Circuito Arqueológico da Cova da Moira e do Percurso Patrimonial das Cimalhinhas, o desdobrável do Percurso Patrimonial de Chãs e o de Apresentação do Núcleo Museológico - Lagar de Varas de Parada, o Livro do Municipal Municipal – das origens à sua formação, o Roteiro do Património Arqueológico do Concelho Fase 1 e Fase 2 e ainda uma Colecção de Postais Ilustrados – Carregal do Sal Patrimonial.

A sinalética existe a identificar exteriormente, cada uma das salas, com a temática a desenvolver, apresentada numa placa de acrílico. Da mesma forma, todas as restantes dependências do museu, são também identificadas da mesma forma. De acordo com as cores escolhidas para o logótipo do museu, a sinalética segue a mesma linguagem visual e está aplicada na parede com pequenas peças metalizadas, a uma altura média, para ser facilmente identificada. Em cada um dos núcleos para além das tabelas identificativas de cada peça, a narrativa é descrita num texto introdutório, onde adoptam suportes e formatos semelhantes, nos diferentes núcleos apresentados. No núcleo de pintura, as tabelas são apresentadas na parede em pequenas estruturas de acrílico com uma folha branca impressa a preto com todas as informações respectivas de cada peça (nome, autor, material, data, nº inventário). Colocadas a

diferentes distâncias das obras (pelo facto do número de obras existentes na sala), estão colocadas numa altura regular média, que permite ser identificada por qualquer visitante. O texto introdutório impresso numa placa de acrílico gravada a branco de base metálica, dificulta a leitura por se encontrar em frente a uma porta vidrada e por ter um tamanho de letra pequeno e conter demasiadas linhas de texto.

Na sala de escultura a linguagem é similar, mantêm-se as tabelas em acrílico mas aplicada num suporte vertical linear, de base (circular) e braço metálicos quando as esculturas já têm base e se encontram no chão; no caso de esculturas de mesa os suportes acrílicos têm estrutura em L, apenas para estarem na vertical. Nesta sala a leitura dos textos introdutórios está melhorada, por estarem aplicadas num fundo opaco, um deles com uma breve nota biográfica e o outro destacado por ser impresso a branco numa placa de acrílico preto com referência às peças apresentadas na exposição. O primeiro é também demasiado extenso e com letra pequena. No núcleo de arqueologia, dentro das vitrinas, todas as peças estão legendadas com numeração e numa das extremidades inferiores da mesma uma legenda dos artefactos, escrita a branco sobre acrílico transparente. Os textos introdutórios seguem a mesma linguagem, com impressão gravada a branco em chapa de acrílico aplicada na parede por cima de cada vitrina, o que mais uma vez não proporciona uma leitura acessível, por ter um fundo bastante trabalhado e também pela questão da letra ser reduzida e do texto ser demasiado extenso. No piso inferior, a sala de etnografia e armaria assume tabelas identificativas semelhantes, muitas delas com um volume de texto demasiado. O texto introdutório assume o mesmo problema que os anteriores, difícil leitura e demasiado extenso.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pela pelo Museu através de cartazes e pequenos programas de actividades afixados na biblioteca, espaço internet e espaço camarário, através do site do município e por meios de comunicação local e regional (rádio, imprensa, jornais...). Existem para além das publicações lançadas pelo Museu, a colecção de postais ilustrados.

Equipamento | O processo expositivo é diferenciado mediante as obras apresentadas. Na sala de pintura, todas as obras estão suspensas por uma calha metalizada aplicada na extremidade da parede que as suporta. Foi escolhido um percurso da direita para a esquerda. Entre obras a distância é considerável e a ideal para poder ter a placa identificativa. O espaço da sala é amplo e ao centro estão dispostos alguns sofás que permitem a qualquer visitante fruir de forma mais cuidada cada obra. Na sala de escultura as peças encontram-se sobre plintos fechados em madeira de cor mel, com uma base de perfil metálico. Três deles diferenciados pelo local onde se encontram na narrativa têm um suporte em madeira escura de forma geometrizada e consideravelmente mais esguios e altos. Devido à configuração espacial da sala (estreita e comprida), todas as peças encontram-se alinhadas à direita, de onde apenas é possível perceber a frente da escultura, e de certos ângulos um pouco da lateral. A distância entre plintos é reduzida o que tem um aspecto visual bastante denso. Na sala de arqueologia, os artefactos encontram-se dispostos em plintos, com uma estrutura semelhante às esculturas, mas fechadas com um tampo de vidro (furado nas laterais para a respiração das peças). Têm dimensões superiores e a madeira é num tom *wengué*. Existem também peças sem protecções em vidro que assumem uma base igual. Toda a sala é sombria pelo excesso de fotografias dos locais arqueológicos, aplicadas sob as paredes em vinil autocolante. O facto de todas os plintos serem maciços com um tom escuro, ainda acentua mais a densidade da sala. O processo expositivo assume uma cronologia e cada vitrina é representativa do espólio encontrado num determinado local. Juntamente com os textos de parede o visitante facilmente faz

a correspondência e identifica as peças ao local. Na sala do piso inferior todas as peças se encontram sobre um estrado metálico de tom creme. Mantém-se a utilização de impressões fotográficas em todas as paredes o que fecha demasiado a sala. Neste caso em particular, as peças praticamente não respiram e todo o processo expositivo se assemelha a um depósito de peças num espaço reduzido.

Iluminação | Mantém um discurso semelhante apesar da diferente tipologia do acervo apresentado, esta é mostrada, na sala de pintura, sob três calhas longitudinais aplicadas no tecto com pequenos focos direccionados para cada uma das obras. Na sala de escultura recorre-se apenas a uma calha, devido à pouca largura da sala. Na colecção de arqueologia a calha está distribuída a toda a largura da sala, por forma, a iluminar todas as vitrinas. Em todas as salas, onde existem janelas, estas encontram-se tapadas com cortinas de *black-out* para cortar a entrada de luz natural.

Acessos | O museu para além do lance de escadaria, tem um pequeno elevador de capacidade média, para poder servir visitantes com capacidades motoras reduzidas e para o transporte de peças.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, e como reforço tem diariamente na sua recepção um segurança. Será pertinente especificar que esta segurança é também a pessoa que faz visitas guiadas na ausência do responsável.

Limpeza/ Manutenção | A nível de conservação preventiva, é feito um relatório de controlo diário, com o registo da temperatura e humidade. A restante limpeza é feita diariamente nas zonas de passagem e pontualmente no interior das vitrinas e aos suportes que sustentam as peças. Estes serviços são assegurados por uma equipa da câmara.

Núcleo Museológico do Lagar de Varas de Parada | Carregal do Sal

museu@carregal-digital.pt

Responsável | Dr. Evaristo Pinto

Horário | Terça-feira a domingo das 10h.12h / 15h.17h, Encerra às Segundas-feiras

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Câmara Municipal de Carregal do Sal

Colecções | Etnografia (séc. XIX)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | -

Visitantes 2010 | -

Espaço Exposição Permanente | O espaço é um núcleo que depende do Museu Municipal Manuel Soares da Albergaria. Está apresentado, mantendo a aparência original. Algumas peças encontram-se identificadas, contudo o espaço apenas se encontra aberto na presença do responsável pelo museu, que acompanha os visitantes e procede a visita guiada. O espaço do lagar foi recuperado pela autarquia, já com o interesse da criação do núcleo, como infra-estrutura mais fiel, na representação de peças expostas na sala de etnografia do museu sede.

A divulgação do espaço depende do museu municipal, onde, em visitas escolares, sempre que possível, é integrado no circuito museológico.

Museu Municipal de Castro Daire | Castro Daire

Rua Dr. Lacerda Pinto

3600 Castro Daire

Telf. 232 315 837

turismo@cm-castrodaire.pt

museumunicipal@cm-castrodaire.pt

Responsável | Dra. Cristina Gomes

Horário | Segunda-feira a Sexta-feira das 10.30h às 12h / 13.30h às 18h; Sábados das 10.30h às 12h/ 13.30h às 17h

Encerra aos domingos e feriados

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Interdisciplinar; Campos Temáticos de Arqueologia/ História | Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Câmara Municipal Castro Daire

Colecções | Arqueologia (neolítico, idade metais, romanização e idade média); Arquitectura (séculos XVIII a XX); Etnografia Local séc. XIX (agrícola, olaria, cestaria, tamancaria, latoaria, campainhas e chocalhos, ciclo linho, vestuário)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 1980

Visitantes 2010 | 3 000/ 4 000 ano

Implantação Urbana | *O concelho de Castro Daire possui uma localização privilegiada que lhe proporciona características naturais e paisagísticas únicas, destacando-se o Rio Paiva e a Serra do Montemuro.*² O museu encontra-se no centro da vila, virado para o jardim municipal.

Edifício | O espaço do museu ocupa a antiga Casa do Bispo, D. Manuel Vasconcelos Pereira, edifício do séc. XVIII, com uma pequena capela adjacente. O espaço foi recuperado e adaptado a museu, sofrendo obras em meados de 1980, onde todo o piso da rua, dividido em duas salas, dá residência ao museu e ao espaço internet. O edifício pertence ao Millennium BCP, e este piso inferior encontra-se alugado pela Câmara Municipal de Castro Daire para manter a colecção numa zona central da vila.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O espaço do museu ocupa apenas uma sala ampla do edifício. Num piso térreo, a sala adjacente ao museu, e com entrada pela sala de exposição dá lugar ao posto de turismo, recepção, loja e espaço internet.

² Folheto Informativo do Turismo de Castro Daire

Espaço Exposição Temporária | Para o efeito é reservada uma pequena área na entrada para a exposição permanente. Geralmente as exposições que integram este espaço, são pequenas mostras de artesanato local. Na altura da visita estava patente uma exposição de um artista local.

Espaço Exposição Permanente | O acervo existente insere-se essencialmente na temática etnográfica, com pequenos apontamentos de achados arqueológicos. De tipologia permanente, a exposição está dividida por núcleos: 1.Arqueologia e História (mapa da vila e referência a património das freguesias que a compõem), 2.Agricultura, 3.Olaria, 4.Cestaria, 5.Tamancaria, 6.Latoaria, 7.Campainhas e Chocalhos, 8.Linho, 9.Vestuário. De vocação etnográfica da região, o museu tem como objectivo conservar e divulgar um espólio de objectos característicos de cada um dos núcleos apresentados e conseguir manter viva, a arte de um conjunto de artesãos do concelho. A doação e o empréstimo foram a modalidade de incorporação, e das peças expostas, dentro do núcleo de arqueologia a Inscrição Romana do Penedo de Lamas é uma réplica, e o Pisão (instrumento onde a lã era trabalhada para tornar o tecido impermeável) é uma miniatura do original.

Colecção | De forma geral, a colecção encontra-se em bom estado de conservação inventariada na totalidade, em formato de papel. Composta por algumas peças representativas de cada núcleo, que integraram o acervo por doação e empréstimo.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | São efectuadas visitas guiadas e actividades direccionadas para as escolas, no sentido de preservar, o ainda existente, trabalho dos artesãos do concelho, sempre que solicitadas.

Comunicação | A identificação do edifício é feita com a colocação de letras recortadas em chapa metálica colocadas na fachada do edifício. Ainda no exterior, uma placa de acrílico gravada com o horário e dias de funcionamento. A exposição tem ao longo de toda a narrativa, textos introdutórios que explicam o núcleo, nomeadamente na arqueologia (impresso na parede), olaria e a função do pisão (impressos na estrutura metálica que suporta as peças). Os restantes núcleos, dada a sua simplicidade são apenas identificados e explicados pelo guia que faz a visita, quando esta é solicitada. Todas as peças se encontram identificadas com uma tabela que expressa o número de inventário, sua proveniência/ doador, material e principal função. No museu podem ser adquiridas miniaturas de alguns dos núcleos expositivos. Feito pelos artesão do concelho, este artesanato permite divulgar a região e os artesãos que ainda mantêm vivas algumas tradições do concelho.

Divulgação | A difusão das actividades é feita através do site da câmara e dos meios de comunicação local (jornal, carta, rádio...)

Equipamento | O processo expositivo mantém um discurso coerente ao longo de toda a exposição. As peças são colocadas sobre estrados metálicos (plintos de diferentes alturas) de cor cinzenta (muito claro), onde na frente o nome do núcleo é impresso com letras de vinil recortado. As peças são expostas sem protecção e de forma bastante acessível a qualquer utilizador, e apesar de ser um método pouco seguro tem um propósito, que o visitante, se tiver necessidade de perceber melhor o objecto tiver de lhe mexer e o sentir, pode fazê-lo. Principalmente em visitas guiadas para escolas, muitas vezes é fomentado que as crianças sintam os objectos mais próximos de si, para os entenderem na sua totalidade. O processo expositivo segue uma cronologia, somente no núcleo de arqueologia. Nos restantes não segue qualquer

ordem específica. Os núcleos vão sendo apresentados, um a seguir ao outro, com artefactos mais exemplificativos. O percurso é feito da direita para a esquerda, sobre os estrados. As peças de dimensões maiores encontram-se no centro da exposição, também em estrados similares.

Iluminação | A iluminação é geral, feita através de focos e de determinados ângulos por iluminação natural.

Acessos | A sala de exposição é de aceso térreo, e a rua onde se cedia o edifício do museu é uma rampa, o que permite a qualquer público visitar a colecção.

Segurança | Não existe sistema de alarme, contudo a localização do espaço é próxima do posto da GNR, e o edifício só se encontra aberto com um responsável no seu interior.

Limpeza/ Manutenção | Assegurado por funcionários da câmara.

Museu Maria da Fontinha | Castro Daire

Além Rio, Gafanhão

3600-345 Castro Daire

Telf. 232 357 361

armenio-vasconcelos@gmail.com

Responsável | Dr. Arménio Vasconcelos

Horário | Com marcação de visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Internacional; Composição Pluridisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia/ História e Etnografia/ Antropologia

Tutela | Privada

Colecções | Pintura Portuguesa; Pintura Brasileira

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 1984

Visitantes 2010 | 5 000 ano

Implantação Urbana | Entre Serras de Montemuro e da Arada, passa o Rio Paiva. Nas proximidades deste a localidade de Além Rio pertencente à freguesia do Gafanhão, concelho de Castro Daire, é o espaço mais misterioso e secreto para a criação de um local que privilegie o bem-estar da criação artística e fruição da natureza.

Edifício | *Em homenagem a Maria do Carmo Rosário (1897 – 1970), natural de Sequeiros, S. Pedro do Sul, a qual viveu cerca de 50 anos em Além do Rio, onde está sepultada e cujo falecimento ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. A Casa Museu foi inaugurada a 5 de Agosto de 1984, pelo então residente da República, Gen. Ramalho Eanes, com a presença do Ministério da Cultura, Dr. Coimbra Martins, Embaixador do Brasil, da Espanha e outras centenas de individualidades.*³

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Metas/ Objectivos | Museu de Arte, com uma colecção que surge com o gosto pelo coleccionismo. O local escolhido com minúcia, como forma de homenagear a avó, Maria da Fontinha, passará a ser denominado como o “Centro de Cultura e Artes Maria da Fontinha”, incorporado no “Museu Territorial do Vale da Paiva e Serras”, e onde se localizará o (...) *núcleo central do projectado Museu Territorial que englobara mais de duas dezenas de pólos culturais e de interesse, contemplando patrimónios da variada índole.*⁴

³ Cit. por Arménio Vasconcelos *in* desdobrável do Museu Maria da Fontinha

⁴ Cit. por Arménio Vasconcelos *in* desdobrável do Museu Maria da Fontinha

Orgânica Espacial | O edifício do museu tem dois pisos. A exposição, a sala de residência artística e a biblioteca encontram-se no piso superior. O piso inferior é ocupado pela residência particular do colecionador. No jardim podem observar-se diferentes espaços pertencentes à casa, como a capela, o chafariz, o lago dos peixes, o auditório José Vasconcelos, a Escolinha do Professor Ricoca e tantas outras relíquias espalhadas pelo Parque da Fontinha.

Espaço Exposição Temporária | Expostas no auditório José de Vasconcelos.

Espaço Exposição Permanente | *Uma coleção com mais de 4500 objectos distribuídos pelos campos da pintura, escultura, etnografia, alfaias agrícolas, automóveis antigos e clássicos, sendo porventura, o local do mundo, no exterior do Brasil, onde se encontram mais artistas plásticos deste país, com cerca de quatro centenas de obras de arte.*⁵ Na exposição visitada, apenas se encontra o acervo de artes plásticas, onde são apresentados em reserva e exposição, entre outros, os distintos artista Anunciação, Alves Cardoso, Arpad Szenes, Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Malhoa, Carlos Reis, Columbano, Bual, Cannone, Botelho, Medina, Domingos Sequeira, Eduardo Viana, Dalí, Lozano, Ney Tecídio, Di Cavalcanti, Glauco Chaves, Bordini, Mandarino, Alvarez, Falcão Trigo, Varela Aldemira, Cargaleiro, Alzira Rocha e muitos outros (...) *portugueses, brasileiros, espanhóis, argentinos, franceses, malawianos, alemães, italianos, etc...* A Casa Museu tem recebido várias condecorações e galardões de dezenas de entidades brasileiras e portuguesas, as quais exercem acções no campo da Cultura.⁶ A escolinha do Professor Ricoca como homenagem a todos os professores do ensino primário, as peças da avó Maria da Fontinha, com parte dos seus pertences num registo etnográfico da época e a Capela de Nossa Sra. Carmo (erigida em 1982) com especial relevância da Via Sacra com as suas 14 peças esculpidas em gesso e ferro pelo artista francês do século XIX, Dutruque (com obra no museu do Louvre). O tecto pintado por Maria Alcina Castelo Branco com altar-mor em talha dourada e pertenceu à Igreja de Aguda em Figueiró dos Vinhos

Colecção | Com composição pluridisciplinar e de tipologia permanente, todas as peças estão inventariadas (fotografadas e filmadas) e de uma forma geral em bom estado de conservação. O acervo integrou o museu, através da compra e da doação dos artistas e na sua maioria é composto por peças originais, à excepção das serigrafias (réplicas).

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Visita guiada adaptada ao grupo que se desloca ao museu.

Comunicação | O logótipo é composto por uma tipografia simples com serifas e a preto. O símbolo deste é também ele tipográfico, mas desenhado especialmente par o efeito. Composto pelas iniciais M e F, de estrutura moderna é apresentado a vermelho e é colocado no logótipo quase como um apontamento. O símbolo proporciona um jogo interessante de contrastes e provoca maior dinâmica no conjunto. Existe um desdobrável com uma breve resenha da colecção e da Casa Maria da Fontinha. Para além do desdobrável, foram editadas diversas publicações, *Padre António Vieira: De Paiáçu (Payassu) ao Quinto Império, no*

⁵ *Idem*

⁶ *Ibidem*

seu *Quinto Centenário* (1608-2008), *Para Além do Rio, Na Héliade em busca do passado*, todos da autoria de Arménio Vasconcelos.

As tabelas identificativas são apresentadas em *k-line*, impressas a preto com tamanho de letra reduzido, onde é discriminado o nome do autor e da obra. O alinhamento das tabelas, nem sempre segue a mesma ordem em relação às peças expostas.

Divulgação | Feita através de blogue e *newsletter*.

Equipamento | O processo expositivo é diferenciado e não é ilustrado por uma linguagem coerente. A exposição é apresentada sob diversas estruturas que poderiam ser integrantes de uma habitação.

Iluminação | Feita por focos, colocados em locais estratégicos das salas, para dar uma luminosidade geral à exposição. Nos espaços de etnografia a iluminação é bastante escassa.

Acessos | Efectuado através de um lance de escadarias, exteriores, e outras em caracol, interiores. No que respeita a ser visitado por públicos com mobilidade reduzida pode ser uma limitação, não só no acesso à sala de exposição, mas também pelo espaço de passagem ser reduzido.

Segurança | A casa dispõe de um sistema de alarme ligado a uma central de segurança. Devido à pouca permanência na casa, e à envolvimento isolada da mesma, a segurança é um factor e elevado interesse para o proprietário.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada por uma funcionária contratada para o efeito.

Exposição Etnográfica do Mezio | Castro Daire

Cooperativa de Artesãos de Montemuro

Castro Daire

Telf. 254 689 265

Responsável | D. Lurdes

Horário | Terça-feira a Domingo das 9.30h às 16.30h

Bilhete | 1€ pessoa

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Associação Etnográfica e Social de Montemuro | Cooperativa de Artesão de Montemuro

Colecções | Etnografia local séc. XIX (trajes, ciclo do linho, ciclo da lã, etnografia agrícola, o cereal, a habitação quarto/ cozinha, ervanária, processo azeite, cestaria, loiças)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2001

Visitantes 2010 | 5 000 ano

Implantação Urbana | Na zona norte do concelho de Castro Daire, percorremos a recta do Mezio, isolada de zona de habitação, o restaurante da Cooperativa de Artesãos de Montemuro é procurado por muitos, para saborear o tão falado Arroz de feijão com salpicão cozido.

Edifício | Construído de raiz desde 2001 é a cede da Associação Etnográfica e Social de Montemuro e da Cooperativa dos Artesãos de Montemuro, entidades que tutelam a Exposição Etnográfica e a loja, oficinas e restaurante, respectivamente. A cooperativa fundada desde 1981, tentou sempre preservar a técnica, a matéria-prima e uma arte de “saber fazer” e para tal começou a recolha em 1979.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Metas/ Objectivos | Proporcionar um factor de interesse, que mantenha a comunidade na região para evitar a desertificação. Preservação do património cultural, aproveitando a matéria-prima da região, respeitando a técnica e os padrões usados durante gerações.

Orgânica Espacial | No que respeita à orgânica espacial, o piso térreo dá lugar ao restaurante, à loja e a uma pequena sala de exposição com uma cozinha antiga representativa dos habitantes da aldeia. A exposição ocupa o segundo piso do edifício, disposta por temáticas numa única sala. Adjacente a esta, a sala dos teares, utilizada diariamente, para a confecção das peças em linho.

Espaço Exposição Temporária | Não efectuadas

Espaço Exposição Permanente | A exposição de cariz permanente, é iniciada com um manequim vestido a rigor com um traje domingueiro. Na sala de exposições podemos encontrar trabalhos feitos em lã, o

ciclo do linho, o quarto típico da época com colchão e palha e a manta de retalhos, uma secção para a ervanária, o processo do azeite, a cestaria, as loiças, o trabalho do campo representado pela carroça de bois e alfaias agrícolas, o cereal – cultivo e preservação, e trajes das respectivas matérias-primas, inclusive uma noiva vestida à época.

Colecção | Do acervo, existe uma catalogação com urgência de inventário. As peças encontram-se em bom estado de conservação e integraram o espaço de exposição através das modalidades de recolha e doação. Na sua maioria, a exposição é composta por peças originais, à excepção do tear e masseira, devido às dimensões. Não é efectuado nenhum controlo preventivo sobre as peças.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Recebem visitantes de escolas, turismo sénior e apenas quem tem interesses gastronómicos. Em grupos escolares é frequente surgirem pedidos para ver a artesã a trabalhar no tear.

Comunicação | O flyer da exposição é inexistente, contudo têm a publicação de um dvd, com os núcleos tratados na exposição (na altura da exposição encontrava-se esgotado). No que respeita ao *merchandising* da exposição, a cooperativa reúne um conjunto considerável de artesãos que fabricam a sua arte para ser vendida na loja. A sinalética exterior é feita através de duas placas na auto-estrada e um outdoor de sinalização, já no espaço da cooperativa. No interior, cada peça tem uma pequena etiqueta de k-line com a sua identificação.

Divulgação | A difusão das actividades é feita através de folhetos existentes no posto de turismo de Castro Daire, através do site do município e pelos meios de comunicação local e regional (rádio, imprensa, jornais...). A cooperativa participa em muitas feiras de artesanato o que possibilita uma divulgação mais alargada.

Equipamento | O processo de encenação é inexistente. As peças encontram-se dispostas pela sala, por forma, a serem perceptíveis os processos que se pretendem demonstrar. As peças de dimensões reduzidas estão colocadas sobre expositores de fabrico manual, como bancos em madeira. As loiças são as únicas peças colocadas em prateleiras construídas par o efeito, em madeira e sem protecção. A exposição está dividida por núcleos. Cada núcleo trata um determinado processo e é explicado ao visitante pelos objectos originais que cumpriam essas funções.

Iluminação | A luz natural é escassa, acompanhada com alguns pontos de iluminação artificial direccionada.

Acessos | Os acessos exteriores são feitos pela auto-estrada e depois por uma estrada nacional. No que respeita aos acessos internos são efectuados por um lance de escadas, factor que se torna uma limitação para visitantes com mobilidade reduzida.

Segurança | Assegurada pela Cooperativa.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela Cooperativa.

Museu Serpa Pinto | Cinfães

Rua Alexandre Braga, 32

3430-007 Carregal do Sal

Telf. 232960404

museu@carregal-digital.pt

Responsável | Dr. Carlos Félix

Horário | Verão | 10h.13h | 14h.18h . Inverno | 10h.13h | 14h.17h

Bilhete | 7€ pessoa (desconto p/grupos, estudantes e +65)

Vocação | Abrangência Internacional, Pluridisciplinar, Arte | Arqueologia e História

Tutela Pública | Fundação Abel e João Lacerda

Colecções | Mobiliário Oriental (artefactos cerâmica e marfim); Biografia Serpa Pinto (espólio vida e obra); Arqueologia (pré-história à idade média)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2003

Visitantes 2010 | 6 000 ano

Implantação Urbana | O Concelho de Cinfães, situado entre os rios Cabrum, Paiva e Douro, desde os tempos remotos tem sido um fundamento de atracção de povos, dado o seu rico e atractivo património arqueológico e toponímia de alguns lugares. O edifício museológico situa-se no cento histórico da Vila de Cinfães, virado para o Jardim Municipal.

Edifício | Inicialmente uma Antiga Cadeia, foi recuperado pela autarquia em 2003 para dar dignidade ao espólio arqueológico proveniente de escavações da região.

Metas/ Objectivos | Preservar e dar a conhecer o património concelhio

Equipa Técnica | Composta por duas pessoas, o responsável pelo turismo e uma recepcionista (vigilante).

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 3 pisos. No superior encontra-se o gabinete da direcção e o espólio africano de uma família cinfanense doou ao museu. No piso da entrada, dividido em duas salas, uma com a colecção principal do museu e a outra assume um papel polivalente e dá lugar à recepção, posto de turismo e loja, disponível para venda peças concebidas por artesãos cinfanenses oriundos de diferentes freguesias do concelho (tanoaria, tamancaria, esteiraria, correaria, cestaria, latoaria, odres, tecelagem e miniaturas em madeira). O piso inferior é uma área destinada a receber exposições temporárias.

Espaço Exposição Temporária | Na altura da visita esta sala apresentava a exposição, “Rota do Românico do Vale do Sousa”, e pretendia dar a conhecer todo o património Artístico e Arquitectónico do

Vale do Sousa através do seu monumentos românicos, testemunhos privilegiados da transmissão de valores tradicionais desta região, que nos levam a ter outro olhar sobre a arquitectura histórica e patrimonial. “...a Rota do Românico do Vale do Sousa define-se como um projecto de desenvolvimento e de ordenamento do território, baseado em recursos de natureza cultural, de que deverá resultar a reabilitação do património histórico edificado e o envolvimento da comunidade, bem como a garantia de que ela seja a grande beneficiária de toda a intervenção”⁷ Em períodos do ano, cuja sala não recebe espólio expositivo, este espaço é ocupado por artesanato local oriundo de diferentes Freguesias do Concelho.

Espaço Exposição Permanente | O piso superior encontra-se o legado gentilmente cedido por Maria Amélia e Isidro Teixeira, um casal com raízes em Cinfães. Deste espólio fazem parte, mobiliário oriental bem como peças e artefactos de cerâmica e marfim. A sala principal de exposição assume dois núcleos distintos, o primeiro foca a vida da ilustre personalidade cinfanense, Serpa Pinto onde nos é possível observar um pouco da sua obra como explorador, o que foi a sua vida militar e familiar, através de uma pequena mostra do quotidiano e recursos de Cinfães na época. Esta exposto parte do seu legado, do qual se destaca a 1ª edição do livro “Como eu Atravessei África” (editado em 1881), alguns telegramas e uma parte dos objectos pessoais usados pelo explorador durante a expedição ao continente africano. Para completar a núcleo expositivo podemos observar uma pequena mostra de reproduções de uniformes militares usados por Serpa Pinto. O núcleo seguinte de exposição, foca artefactos arqueológicos recolhidos em investigações levadas a cabo pela autarquia Cinfanense, em algumas freguesias do concelho. O espólio remonta ao tempo dos castelos, à época da expansão do Império Romano pela Península Ibérica, ao período dos Castros e aos primórdios da Humanidade.

Colecção | A colecção é na sua maioria composta por peças originais, com excepção das fardas militares, que são uma réplica das existentes na época. Todas as peças estão inventariadas e de uma forma geral em bom estado de conservação. O acervo foi adquirido pelas modalidades de recolha em escavações arqueológicas; e doação no que respeita ao espólio de Serpa Pinto.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Este serviço encontra-se a funcionar na Casa da Cultura, contudo o museu proporciona visitas guiadas a pedido das escolas do concelho e do Turismo Sénior do Inatel.

Comunicação | O logótipo de estrutura quadrada e cor laranja uniforme de base, sem símbolo. *Lettering* a branco e a amarelo-torrado, a *bold* e sem *serifas*, cuja palavra museu está escrita a minúsculas e o nome do museu a maiúsculas. Aplicado no desdobrável gratuito distribuído aos visitantes e no primeiro núcleo expositivo, sobre a vida e obra do explorador, onde o logótipo é aplicado nos cartazes de contextualização e nas tabelas identificativas. O desdobrável do museu, ilustra de forma sucinta a orgânica espacial, percursos, núcleos expositivos, e num breve resumos expões textualmente a colecção permanente.

Não propriamente ligado à colecção do museu, mas fazendo um registo da cultura da região, podemos considerar como propaganda os objectos de artesanato local. A sinalética exterior recorre a um *lettering* metalizado, aplicado na fachada principal do edifício. Internamente, apenas por indicação de quem

⁷ Fundação A LORDE, *Rota do Românico do Vale do Sousa | Uma experiência fundada na História*, ISBN | 978.972.8845.10.0

trabalha no espaço, podemos identificar as áreas visitadas. No piso superior, não existe qualquer registo, nem a nível da doação feita pelo casal, nem como identificação de cada peça apresentada. O mostruário de peças é apenas explicado pelo responsável que nos acompanha na visita. Na sala principal, os núcleos são apresentados, de forma distinta com textos introdutórios que nos contextualizam os artefactos observados e onde a narrativa é contada, por forma, a interligar os dois núcleos apresentados. No primeiro núcleo expositivo, a história é contada por cartazes aplicados no topo das paredes, onde apenas o observador mais atento denota a sua existência. Os pertences do explorador são identificados do lado direito, com placas de *k-line* preto impressas com uma legenda e logótipo do museu; os que se encontram no interior das vitrinas são identificados da mesma forma. No núcleo seguinte os textos são apresentados na estrutura que suporta os artefactos e para uma melhor percepção por parte do visitante, estes textos são ilustrados com mapas do concelho, que sinalizam os locais referidos. No interior das vitrinas as peças têm uma pequena legenda impressa numa placa de *k-line* branco.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pela pelo Museu através de cartazes e pequenos programas de actividades afixados na Casa da Cultura, através do site do município e por meios de comunicação local e regional (rádio, imprensa, jornais...). Procedem-se também ao envio de uma *newsletter* par a *mailing list* registada no sistema do museu. O museu mantém parceria com o Turismo de Portugal, o que permite em simultâneo, ter capacidade de divulgação por outros meios.

Equipamento | O processo expositivo é diferenciado mediante as obras apresentadas. Na sala do piso superior, as peças apenas se encontram dispostas, por forma, a poderem ser todas observadas. Não seguem qualquer discurso museológico ou preocupação museográfica. Na principal sala de exposição o primeiro núcleo expositivo, reúne o conjunto de objectos identificativos da vida do explorador, que são dispostos na parede e em plintos de madeira maciça com uma estrutura de vidro na parte superior (como protecção). São apresentados consoante a sua tipologia e cada vitrina tem o reforço histórico, registado nos painéis colocados no topo das paredes. O núcleo arqueológico é composto por 6 estruturas paralelepípedicas de madeira, cuja frente assume a dupla função de geografia pelo mapa, e de contexto pelo texto introdutórios. Cada vitrina tem espaços vidrados, conforme os artefactos existentes para a exposição. As duas primeiras estrutura, apenas de texto e imagem, assumem um papel de ligação entre os núcleos expositivos e a semelhança que em ambos poderemos encontrar, de origem no Concelho de Cinfães – “SERPA PINTO – Novos Mundos ao Mundo” e “Cinfães à época de Serpa Pinto”. As restantes estruturas, apresentadas por cronologia protegem no seu interior os artefactos mais relevantes daqueles períodos – “A época dos castelos”, “A chegada dos romanos”, “Os castros” e “Os primórdios”. Em todas as estruturas podemos observar artefactos cerâmicos, entre outros, de dimensões reduzidas. Uma inscrição de dimensões superiores encontra-se fora dos expositores.

Iluminação | A iluminação das salas de exposição tem diversas vertentes. No piso superior apenas é assegurada por iluminação externa. Na sala principal de exposição, uma das laterais tem um número considerável de janelas que conferem uma iluminação ambiente, contudo a intensidade é quebrada pelas próprias estruturas expositivas que se encontram em frentes das janelas. Esta iluminação é reforçada por uma calha colocada no tecto a todo o comprimento da sala, com focos mais direccionados, spots de luz que incidem sobre os textos introdutórios e por iluminação colocada no interior das vitrinas expositivas.

Acessos | O museu assume dois lances de escadaria que ligam os pisos entre si. No caso de visitantes de mobilidade reduzida apenas o piso superior é que não pode ser visitado, pois o núcleo expositivo principal, tem acesso directo à recepção e o piso inferior tem uma entrada pelo exterior do edifício.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, e diariamente só se encontra aberto com um dos responsáveis presentes.

Limpeza/ Manutenção | A limpeza e manutenção do edifício são asseguradas pelos serviços camarários.

Museu de Lamego | Lamego

Largo de Camões 5100-147 Lamego

Telf. 254 609 600

mlamego.alexandrabraga@imc-ip.pt

Responsável | Dra. Alexandra Braga

Horário | Terças-feiras a Domingo das 10:00 às 12:30 | 14:00 às (Verão) 18:00

Encerrado ao público à 2.ª feira e nos feriados de 1 de Janeiro, Domingo de Páscoa, 1 de Maio e 25 de Dezembro

Ingresso Bilhete | 2€ (desconto para jovens, grupos escolares e seniores)

Vocação | Abrangência Internacional, Pluridisciplinar, Arte | Arqueologia e História

Tutela Pública | Instituto dos Museus e da Conservação

Coleções | Pintura (séculos XVI a XVIII); Escultura (séculos XIII, XIV, XVII e XVIII); Ourivesaria (séculos XV a XX); Cerâmica e Azulejaria (séculos XVI a XX); Arqueologia (romana, medieval e barroca); Capelas e Altares (séculos XVII e XVIII); Viaturas (séculos XVIII e XIX) e Mobiliário (séculos XVII a XIX).

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 1917

Visitantes 2010 | 24 000/ ano

Implantação Urbana | A cidade de Lamego localiza-se na região norte do distrito de Viseu e sub-região do Douro, “*com 8 848 habitantes é considerada a segunda maior cidade do distrito. Considerada uma cidade histórica e monumental, pois possui uma grande quantidade de monumentos, igrejas e casas brasonadas, sendo também uma diocese portuguesa.*”⁸

Edifício | “*O Museu situa-se em pleno centro histórico da cidade de Lamego e está instalado no antigo Paço Episcopal, mandado reconstruir por D. Manuel de Vasconcelos Pereira, Bispo de Lamego entre 1773 e 1786. O edifício atrai pela sua singela fachada, bem ao sabor do barroco provincial, pouco dado às efusões plásticas então em voga, mas não abdicando de uma equilibrada grandiosidade, compatível com a dignidade eclesial do seu inquilino. O portal setecentista, de uma elegância contida, ostenta no topo o brasão do seu reconstrutor, ladeado por um corpo de janelas sobriamente decoradas, que se prolongam, superiormente, nas varandas com balaústres, ao gosto da época. D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, Bispo de Lamego entre 1901 e 1922, aqui pretendeu instalar um Museu de Arte Sacra, mas a Revolução de 1910 obrigou à suspensão dos trabalhos. No ano seguinte, a Câmara Municipal de Lamego decidia a criação de um Museu Artístico, a partir de do espólio recolhido por este Prelado, o que só veio efectivamente a acontecer em 5 de Abril de 1917, por publicação em Diário do Governo (n.º*

⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lamego>

53, 1ª Série), com a denominação de Museu de obras de Arte, Arqueologia e Numismática, ainda com a instalação provisória no ex-Paço Episcopal.”⁹

Metas/ Objectivos | Preservar e dar a conhecer o património proveniente do Paço Episcopal de Lamego.

Equipa Técnica | O quadro do museu é composto por 19 pessoas integradas em diferentes serviços (vigilantes, limpeza, comunicação, conservação preventiva, serviço educativo, gestão de colecções, serviços administrativos e direcção)

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 pisos. No piso inferior está localizada a recepção, a loja, livraria, espaço de exposição temporária, parte da exposição permanente e reservas. O piso superior maioritariamente é composto pelas salas de exposição e auditório.

Espaço Exposição Temporária | Na altura da visita integrava este espaço, uma exposição de pintura contemporânea.

Espaço Exposição Permanente | A colecção exposta assume um discurso permanente, seguindo uma cronologia apresentada e núcleos expositivos. O museu assume 5 salas de exposição, às quais corresponde um núcleo diferenciado. *“A característica mais notória da colecção do Museu de Lamego é, sem dúvida, o seu eclectismo, à semelhança do que sucede na maioria dos museus coevos. O espólio primitivo de mobiliário, tapeçarias, escultura e pintura, que já se encontrava no Paço, foi complementado com ourivesaria, paramentaria, capelas e respectivas esculturas provenientes do extinto Convento das Chagas de Lamego, a que se acrescentou ao acervo arqueológico que a Câmara Municipal e particulares cederam ao museu.*

Cronologicamente e do ponto de vista estilístico, esta colecção situa-se maioritariamente no século XVIII, sem prejuízo de, no seu todo, abranger um largo período que vai do século I aos nossos dias, com evidente realce para o período renascentista, onde as tapeçarias flamengas e a pintura de Vasco Fernandes assumem o estatuto de ex-libris do Museu.

*O Museu de Lamego constitui uma importante referência artística e patrimonial no panorama regional, nacional, e mesmo internacional, pela excelência e singularidade de algumas das obras de arte que expõe, possuindo, actualmente, em regime de exposição permanente, secções de pintura (séculos XVI a XVIII); escultura (séculos XIII, XIV, XVII e XVIII), ourivesaria (séculos XV a XX), cerâmica e azulejaria (séculos XVI a XX), arqueologia (romana, medieval e barroca), capelas e altares (séculos XVII e XVIII), viaturas (séculos XVIII e XIX) e mobiliário (séculos XVII a XIX)”.*¹⁰

Colecção | A colecção é composta por peças originais e integrou o acervo do museu por transferência do respectivo Paço Episcopal de Lamego. Encontra-se inventariada, disponível para consulta através da matriz *net*. O seu estado de conservação, varia de mau a médio. Existe a necessidade de muitas das peças serem sujeitas a restauro, contudo o estado de muitas delas, é agravado, pelas condições precárias do edificado.

⁹ http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/museus_palacios/

¹⁰ http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/museus_palacios/

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | O museu efectua visitas guiadas com actividades educativas integradas, mediante os diferentes públicos que o contactam.

Comunicação | A comunicação exterior é escassa, e mesmo a própria identificação do edifício é reduzida. O museu dispõe de diferentes publicações, com diversas temáticas que integraram a exposição permanente do museu, entre outras. No interior, o museu recorre a diferentes sistemas de informação. Esta é feita por folhas de sala e tabelas em cada uma das peças expostas.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pela pelo Museu através de cartazes e pequenos programas de actividades afixados na Casa da Cultura, através do site do município e por meios de comunicação local e regional (rádio, imprensa, jornais...). Procede-se também ao envio de uma *newsletter* para a *mailing list* registada no sistema do museu. O museu mantém parceria com o Turismo de Portugal, o que permite em simultâneo, ter capacidade de divulgação por outros meios.

Equipamento | O processo expositivo é diferenciado mediante os núcleos expositivos. Nas salas de pintura e tapeçarias (pisos 1), o recurso aos equipamentos é reduzido, pelo facto de o espólio ser apresentado na parede. A sala que aplica linguagem de equipamentos, é a sala de arte sacra, cujos equipamentos incorporados, são vitrinas de madeira, vidradas na frente e nas laterais. Os equipamentos assumem uma estrutura esquelética. A ourivesaria civil assume a mesma tipologia de equipamentos. Na questão das esculturas, são utilizados plintos brancos maciços. A linha de equipamento não se mantém constante durante a exposição, factor que prejudica consideravelmente a leitura do visitante. No piso inferior, os azulejos estão expostos na parede e os coches também se encontram ao nível do chão. Peças de maior dimensão não assumem suportes. No núcleo de arqueologia românica recorre-se a um cenário com luz mais ténue com paredes pintadas de preto. Algumas peças encontram-se expostas na parede, mas as restantes apenas se encontram encostadas ou na parede dadas as suas dimensões.

As tabelas apresentadas nas salas expositivas são estruturas de acrílico transparente vertical. Existem ainda outros registos, como é o caso dos suportes das tapeçarias, com base metálica e parte superior, impressa com a respectiva descrição.

Iluminação | A iluminação das salas de exposição tem diversas vertentes. Espaços, cuja colecção permite, a iluminação natural e utilizada como reforçam. Os tectos assumem calhas suspensas como forma de iluminação geral. O interior das vitrinas tem pequenos focos de iluminação direccionada.

Acessos | É feito por um lance de escadarias internas.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral. Só se encontra aberto com um dos responsáveis presentes.

Limpeza/ Manutenção | A limpeza e manutenção do edifício são asseguradas pelos serviços do museu, assim como o registo de temperatura e humidade, feito diariamente. Está elaborado um plano de conservação preventiva.

Núcleo Museológico Felmica | Mangualde

Quinta do Ribeiro

Apartado 67, 3534-909 Mangualde

Telf. 232 619 590

paulo.moutela@mota-sc.com | www.mota-sc.com

Responsável | Dr. Paulo Moutela

Horário | com marcação de visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arqueologia/ História

Tutela Privada | Felmica - Minerais Industriais S.A.

Colecção | Espólio documental da empresa, desde a inauguração do edifício em 1969.

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2002

Visitantes 2010 | 5 000 ano

Implantação Urbana | Mangualde é uma cidade da região Centro e sub-região do Dão-Lafões. O município é limitado a norte pelo município de Penalva do Castelo, a leste por Fornos de Algodres, a sueste por Gouveia, a sul por Seia, a sudoeste por Nelas e a noroeste por Viseu. Em 1102 foi concedido foral ao concelho pelo Conde D. Henrique. Até ao século XIX designou-se *Azurara da Beira*. Mangualde é sede de um município com 220,72 km² de área e 21 158 habitantes (2004), subdividido em 18 freguesias, Abrunhosa-a-Velha, Alcafache, Chãs de Tavares, Cunha Alta, Cunha Baixa, Espinho, Fornos de Maceira Dão, Freixiosa, Lobelhe do Mato, Mangualde, Mesquitela, Moimenta de Maceira Dão, Póvoa de Cervães, Quintela de Azurara, Santiago de Cassurrães, São João da Fresta, Travanca de Tavares e Várzea de Tavares. O edifício da empresa localiza-se a uns 7 km do centro da cidade, numa localidade adjacente a zona industrial.¹¹

Edifício | O núcleo museológico localiza-se na actual fábrica de exploração e transformação mineira.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Metas/ Objectivos | A criação do núcleo em 2002, surge com o sentido de preservar o património histórico da empresa. Desde a sua edificação até aos dias de hoje, o núcleo retrata a história de vida dos trabalhadores que a ajudaram a manter.

Orgânica Espacial | Situada no segundo piso do edifício. Os restantes departamentos são pertencentes à empresa. Serviços de cafetaria, bar, auditório, são de uso exclusivo dos trabalhadores.

¹¹ Folheto informativo do município, adquirido no Posto de Turismo de Mangualde

Espaço Exposição Temporária | Não efectuadas

Espaço Exposição Permanente | De tipologia permanente o núcleo é composto por espólio documental. Valores salariais, trabalhadores registados, verbas da empresa e investimentos em maquinaria. Os grandes projectos escritos em actas internas. O percurso de uma empresa, a níveis, humano e empreendedor. O exemplo de um fardamento, apesar de actual. A placa de inauguração do edifício datada de 18 de Janeiro de 1969, pelo Secretário de Estado da Indústria, Engenheiro Amaro da Costa. Ao visitante é também apresentado um mostruário da matéria-prima que podem ser extraída das minas, já separada e agrupada por tipologias.

Colecção | Existe uma catalogação da documentação existência. Integrou a exposição por existir nas instalações da empresa e também por transferência. Espólio composto por peças originais em bom estado de conservação, contudo, parte deste pode ser perdido, por se encontrar demasiado exposto à luz e não existir um plano de conservação preventiva.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Apenas visitas quando solicitadas.

Comunicação | Apesar de não existir um logótipo que identifique o núcleo, em toda a identificação presente na sala, recorre-se ao uso do logótipo da empresa. Um símbolo quadrado, assente num dos vértices de cor cinzenta com as iniciais a vermelho. Este é completado com uma tipografia simples, sem serifas e a maiúsculas com o nome da empresa, FELMICA. Em letras pequenas aplicadas como um roda pé, a categoria da empresa, minerais industriais, com tipografia a cinzento, *lettering* a minúsculas e sem serifas. Existem tabelas identificativas dos documentos expostos, impressas em cartão e colocadas em suportes de acrílico transparente.

Divulgação | O espaço, foi referenciado pelo departamento da cultura da CM de Mangualde.

Equipamento | Apesar dos erros, no que respeita à conservação, o projecto museográfico foi pensado com algum cuidado. O espaço é amplo e assume duas tipologias de equipamento distintas. A sala é preenchida por armários de madeira, que em determinadas áreas são rasgados por uma superfície vidrada, como uma vitrina, e onde se encontra visível o espólio documental, materiais, matérias que também se encontra nos armários. A outra estrutura de equipamento, são vitrinas centrais com uma cúpula de vidro em toda a superfície superior. Estruturas lineares com pés metálicos, base branca lacada, e com uma caixa de vidro a cobrir. O espólio aí apresentado, igualmente documental, assenta numa peça branca, de estrutura triangular (similar a um telhado), que permite a colocação de documentos para ambos os lados, e permitindo, pelo seu ângulo, obter uma melhor leitura.

Iluminação | Esta é primordialmente natural, característica bastante afirmada no edificado, com áreas consideráveis de vidro, permitindo uma boa luminosidade. Existe também o recurso a iluminação artificial, obtida por focos embutidos no tecto da sala.

Acessos | O acesso entre os pisos do edifício, pode ser feito por escadas ou por elevador.

Segurança | Assegurada pela empresa.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela empresa.

Casa Museu Aquilino Ribeiro | Moimenta da Beira

Soutosa - Peva Soutosa

3620-443 Viseu

Telf. 232 607 293

Responsável | Dona Cecília e Dona Fernanda

Horário | Dias úteis das 10h às 12h/ 14h às 17h

Bilhete | 2€ pessoa

Vocação | Abrangência Internacional; Composição Pluridisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia/ História | Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Fundação Aquilino Ribeiro

Colecções | Espólio Biográfico (biblioteca, objectos pessoais e espólio documental de Aquilino Ribeiro); Pintura; Cerâmica de Rosa Ramalho (olaria tradicional portuguesa, século XX); Escultura Africana (século XX).

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 1988

Visitantes 2010 | 600 ano

Implantação Urbana | Moimenta de beira é um concelho do centro/ norte de Portugal com aldeias de singular monumentalidade, ligadas por uma paisagem soberba e multicolor que atrai facilmente o visitante que procura novos rumos de descoberta e aventura. Cerca de 12000 habitantes distribuem-se por 20 airosas freguesias plenas de história e actividade. A designação de Moimenta, “monumento”, sugere um mausoléu levantado em honra dos mortos... A cultura castreja, a civilização romana e árabe marcaram profundamente a história destas terras que iniciaram o seu verdadeiro processo de consolidação a partir dos primórdios da nacionalidade.¹² O espaço museológico está inserido na freguesia de Soutosa, situada a sul do concelho.

Edifício | A Casa Museu foi um espaço adaptado e recuperado, destinado a receber o espólio de Aquilino Ribeiro. Datada de 1988, o edificado foi outrora a residência de eleição do escritor. Inserida numa vasta propriedade, após a sua recuperação, toda a sua orgânica foi mantida, por forma, a preservar a memória de Aquilino Ribeiro.

Metas/ Objectivos | A fundação surge com o sentido de dar a conhecer a vida e obra do escritor. Preservar o seu espólio, os seus bens e o acervo derivado do seu gosto pelo coleccionismo.

Equipa Técnica | Composta por duas pessoa.

Orgânica Espacial | O edifício é composto por dois pisos. No inferior podemos encontrar a sala e o espaço do escritório, e no piso superior antigas zonas de descanso da habitação podemos visitar quatro

¹² Desdobrável do Posto de Turismo de Moimenta da Beira

salas com colecção distinta. No edifício exterior (não visitado) podemos encontrar a biblioteca do autor com obras que podem ser consultadas sempre que solicitado.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A colecção é de tipologia permanente e composta por diferentes núcleos. Nas salas do piso inferior podemos visitar o mobiliário de sala, com vertente etnográfica, e o antigo escritório com o espólio documental e objectos pessoais do escritor.

No piso superior, o primeiro núcleo, foca o tema da arte sacra, composto por pinturas, crucifixos e estatuária de pequena dimensão. Uma dependência deste núcleo tem exposto um mobiliário de casa referente a uma sala de visitas, parte dele com gravações orientais, incrustações de marfim e tampo de mármore oriundos das suas muitas viagens. O núcleo seguinte fala-nos um pouco sobre a vida e obra do autor, bem como do seu casamento, um espólio bastante diversificado não só documental mas com pintora, escultora e alguns objectos pessoais, de salientar uma floreira trazida da Alemanha pela esposa, datado do séc. XVIII. A sala seguinte ilustra alguns pintores da escola de Paris, Belmanta, Amadeu de Sousa Cardoso e Stuart e um pequeno registo de Rosa Ramalho. A última sala da colecção ilustra espólio de arte africana composto por estatuária e peças de caça. O corredor do piso superior é todo ele ocupado por obras de pintura do espólio do autor. E no piso inferior podemos observar diversos azulejos antigos, também expostos na zona de acesso.

Colecção | Todo o acervo está catalogado, contudo, não segue os parâmetros de inventário. Toda a colecção é composta por peças originais e tem um nível de conservação médio. Não existe espaço de reserva e toda a colecção se encontra exposta. A modalidade de incorporação foi a herança e a doação.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Visitas guiadas, quando solicitadas.

Comunicação | O visitante pode encontrar uma placa identificativa no exterior do edifício museológico. O interior, no que respeita a sinalética, é desprovido da mesma. Cada núcleo não é identificado o que é compensado pelo facto da visita ter a obrigatoriedade de ser guiada. No que respeita a informação interna, nenhum dos núcleos é identificado com texto introdutório, contudo as obras são identificadas com uma pequena tabela (onde consta o nome da peça, material, autor e data). Estas tabelas encontram-se aparafusadas a parede com uma estrutura de acrílico transparente de protecção. As peças que se encontram dentro das vitrinas nem sempre se encontram identificadas.

Divulgação | Não efectuada.

Equipamento | As questões museográficas da casa Aquilino Ribeiro, tiveram de ser adaptadas, por forma, a manter perceptível a organização da habitação do escritório. No piso inferior, todo o espólio está disposto como de uma habitação se tratasse. Na passagem para o segundo piso o espólio de azulejaria visualizada encontra-se assente numa estrutura acrílica devidamente identificada. No piso superior, no corredor, as diversas pinturas são aplicadas sobre a parede de uma forma não cuidada, e arriscaria a dizer, sem qualquer preocupação visual pois encontram-se demasiado altas o que dificulta uma boa observação. A sala de arte sacra assume dois equipamentos distintos. Um deles em madeira maciça e duas vitrinas esqueléticas com pés de madeira e caixa de vidro a cobrir toda a sua superfície superior. A sala com o

espólio da sua vida tem dispostas quatro vitrinas iguais às apresentadas no núcleo anterior, cujas peças são dispostas sobre um tecido aveludado de base. As peças de pintura estão suspensas numa calha lateral aplicada no rodapé superior da sala. Os restantes dois núcleos de arte africana e de pintura dispõem de equipamentos iguais aos anteriores (vitrinas com base esquelética em madeira e topo de vidro) e algumas peças colocadas em plintos brancos maciços. O espólio de pintura é novamente aplicado na calha superior e na sala africana as peças de caça são expostas na parede. O percurso é feito num espaço reduzido e as peças acabam por não “respirar” entre si.

Iluminação | Esta é assegurada por focos de iluminação direccionada colocados nos tectos de cada uma das salas. Em alguns dos casos, como na sala de arte sacra e no piso inferior da habitação, recorre-se ao uso de iluminação natural.

Acessos | O acesso entre pisos, é feito através de uma escadaria interna bastante estreita, que impossibilita a restrição de visita a públicos com mobilidade reduzida. Todo o espaço expositivo assume, dimensões reduzidas, o que não proporciona uma boa mobilidade nem a visita por parte de grupos com mais de quatro pessoas. Existe ainda um acesso pelo exterior do edifício, que nos conduz à antiga sala de visitas, o que em termos práticos assume a mesma problemática.

Segurança | Esta é assegurada pelas funcionárias da fundação.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela fundação.

Casa do Aldeão | Moimenta da Beira

Soutosa-Peva Soutosa

3620-443 Viseu

Telf. 232 607 293

Responsável | Dona Cecília e Dona Fernanda

Horário | Dias úteis das 10h às 12h/ 14h às 17h

Bilhete | 2€ pessoa

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Fundação Aquilino Ribeiro

Colecções | Etnografia Local (casa do caseiro - espólio da habitação)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 1988

Visitantes 2010 | 600 ano

Edifício | O espaço do museu encontra-se situado na herdade adjacente à fundação Aquilino Ribeiro. A habitação foi durante muitos anos a casa dos caseiros. De estrutura em pedra com uma escadaria de acesso ao piso superior, o espaço do museu foi inaugurado em 1988, aquando da abertura da fundação.

Equipa Técnica | Composta por duas pessoa.

Metas/ Objectivos | O espaço etnográfico pretende mostrar memórias do passado. Habitações de pouco recurso eram recorrentes na época.

Orgânica Espacial | O espaço expositivo ocupa apenas um piso, dividido em três áreas, que correspondiam à divisão original da habitação. Todos os outros serviços funcionam fora do espaço expositivo, nomeadamente a biblioteca/centro de documentação da fundação.

Espaço Exposição Temporária | Não efectuadas

Espaço Exposição Permanente | O discurso museológico foca-se nas vivências das comunidades, as dificuldades por que passavam e a dedicação a um trabalho predominantemente rural. A exposição integra património etnográfico correspondente a artefactos utilizados no quotidiano. São representados o quarto: cama de ferro; manta de retalhos; sala de estar com máquina de costura; o tear (instrumento fundamental para a criação de vestuário e atalhados, fruto de trabalhos sazonais no campo), encontra-se também representada a cozinha/ sala de estar, com as painéis de ferro, a típica lareira e os pratos e canecas de esmalte já desgastados pelo tempo. A habitação era o espaço de convívio das famílias quando não se encontravam nos trabalhos de campo ou quando as condições climatéricas os impediam de estar em casa.

Um espaço de memórias, ocupado pelos serões e tantas outras partes de património imaterial, que se não forem preservados vão acabar por cair no esquecimento.

Colecção | O acervo apresentado e composto na sua totalidade por peças originais. O seu estado de conservação é médio e integrou o espólio através da doação e herança

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Apenas visitas quando solicitadas.

Comunicação | Não efectuada

Divulgação | Não efectuada.

Equipamento | O cenário retrata na perfeição uma habitação típica da sociedade da época e para tal não se recorreu a nenhum equipamento que afectasse o discurso expositivo. Uma habitação de uma família com possibilidades reduzidas ilustra pormenores das vivências que por si só, se explicam.

Iluminação | A iluminação é escassa e predominantemente natural.

Acessos | São efectuados por uma escadaria de pedra exterior o que impossibilita o acesso de habitantes com mobilidade reduzida.

Segurança | Esta é assegurada pelas funcionárias da fundação.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela fundação.

Casa Museu do Alvite | Moimenta da Beira

Telm.: 933135754

professoramodesta@sapo.pt

Responsável | Professora Modesta

Horário | Com marcação visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Associação Gente da Nave

Colecções | Etnografia local (casa do caseiro - espólio da habitação; etnografia agrícola)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2000

Visitantes 2010 | Registo não efectuado

Implantação Urbana | *Alvite fica situada na parte mais alta do Planalto da Nave, com altitudes compreendidas entre os 900 e os 1016 metros. É uma das 20 freguesias do Concelho de Moimenta da Beira, Distrito de Viseu. Alvite viveu durante muitos anos isolada do mundo comunicando com o exterior por uma estrada, que a ligava à Estrada Nacional 226 (Moimenta da Beira / Lamego). Hoje Alvite é servida não por uma mas por 3 estradas que Km a Km, abriram cominho para o exterior. Os Alvitanos constituem hoje um povo com cerca de 1200 habitantes distribuídos pelos lugares de Alvite, Porto da Nave, Mostro Fino, Espinheiro e Quinta dos Caetanos que atingido pelos raios quentes do sol de verões fustigado pela neve geada ventos e chuvas no inverno, labuta no seu dia-a-dia por um amanhecer cada vez mais risonho. A sua situação geográfica determina o seu clima. Alvite é hoje uma vila razoavelmente desenvolvida, tendendo cada vez mais para uma modernização, que por vezes chega a ser agressiva. Com a evolução dos tempos tornou-se uma localidade descaracterizada onde se misturam casas de construção moderna com que mantêm a traça antiga. A população nesta freguesia tem vindo a diminuir, passando de 1526 habitantes em 1981, para 1228 em 2001. As actividades predominantes são a pecuária sendo um dos maiores produtores de leite do concelho e de comércio de têxteis.¹³ O espaço museológico está inserido na zona histórica da freguesia.*

Edifício | A Casa Museu foi um espaço adaptado e recuperado em 2000 com a finalidade de dar abrigo a memórias e tradições de uma comunidade quase desaparecida

Metas/ Objectivos | A Casa Museu pretende preservar o património local e não deixar cair no esquecimento as origens de uma comunidade.

¹³ Folheto Informativo da Casa Museu do Alvite

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O espaço é composto por 2 pisos sendo o superior essencialmente utilizado para expor objectos do quotidiano. O piso inferior destina-se à reprodução de património imaterial como é o caso dos serões. Não dispõe de outro serviço adicional.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A colecção é de tipologia permanente e de temática etnográfica em diversas vertentes. A sala de exposição ilustra diferentes temas da habitação. Podemos encontrar o quarto com colchão de palha, cama de ferro, manta de retalhos e bonecos de trapos. A cozinha com panelas de ferro, a masseira, a peneira da farinha e os cestos de vime indicados para conservar o pão; um espaço apetrechado com loiças, armários e as candeias, tão utilizadas naquele tempo. O retrato da higiene pessoal ilustrado por um antigo lavatório composto por uma estrutura de metal e respectivas loiças. A máquina de costura, o ferro de bridas e algumas ferramentas de trabalho é outra vertente do espólio etnográfico apresentado. A sala de exposição foi mantida na sua estrutura original e o que consideramos hoje como uma dependência da casa era comum nesta época. Ao entrarmos no espaço, a única dependência reúne em si mesma a sala de estar, o quarto, a cozinha e a casa de banho. Para além do espólio etnográfico, conseguimos observar um riquíssimo espólio fotográfico que retrata os trabalhos levados a cabo pela comunidade, ilustra os serões e não deixa perder um conjunto de costumes e linguajares alvitêses. No piso inferior podemos observar um conjunto de objectos agrícolas, alfaias, carros de bois, charruas e o tão reservado canto para os serões de inverno coberto de palha mudada todos os anos.

Colecção | Todo o acervo se encontra catalogado, contudo não segue os parâmetros de inventário. Composta por peças originais encontra-se com um nível médio de conservação. Não existe espaço de reserva e todo o acervo se encontra exposto. A modalidade de incorporação foi a recolha e a doação por parte dos habitantes locais.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | A Casa Museu dispõe de visitas guiadas às escolas e turismo sénior. Promove actividades regulares para tornar a comunidade local mais participativa, contudo apenas nas 1ª primeira semana de Agosto com a Feira das Tradições, parceria com a Junta de Freguesia e a Câmara de Moimenta da Beira, a Casa Museu consegue ter no seu espaço um grupo considerável de visitantes.

Comunicação | Existe um pequeno desdobrável que para além de focar um pouco sobre a geografia e história da freguesia, retrata algumas tradições da comunidade, como os serões, o fabrico do pão, as meias de lã, o fabrico artesanal do queijo, entre outros. Existem tabelas identificativas dos documentos expostos, impressas em cartão e colocadas em suportes de acrílico transparente.

Divulgação | Não efectuada.

Equipamento | Inexistente. As peças estão dispostas como se de uma habitação se tratasse.

Iluminação | Predominantemente natural.

Acessos | Efectuado por uma escadaria exterior de pedra.

Segurança | Assegurada pela associação.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela associação

Museu Etnográfico de Arcozelos da Torre | Moimenta da Beira

Responsável | Veríssimo Santos

Horário | Com marcação visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | A.R.C.A (Associação Recreativa e Cultural Arcozelense)

Colecções | Etnografia local (casa do caseiro - espólio da habitação, trajes, profissões)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2002

Visitantes 2010 | Registo não efectuado

Implantação Urbana | O museu localiza-se na zona histórica da aldeia de Arcozelos da Torre pertencente ao concelho de Moimenta da Beira.

Edifício | O espaço do museu encontra-se sediado numa antiga habitação situada no centro da comunidade num espaço recuperado e adaptado que abriu as portas ao público em 2002.

Metas/ Objectivos | O espaço foi criado como forma de prestar apoio a população. Na dependência A.R.C.A (Associação Recreativa e Cultural Arcozelense), instituição que pratica a solidariedade social e se dedica, há longos anos, na defesa da cultura popular e nos usos e costumes do “antanho”, vivendo de forma simples e com poucos subsídios. A associação, pioneira em muitas iniciativas, presta apoio à população, nomeadamente infância, juventude e terceira idade, segundo valores sociais, formativos, culturais, recreativos. Estes apoios prestados à comunidade são também um suporte para a pesquisa, a recolha, o estudo e à divulgação de um conjunto de heranças culturais populares da região. Como forma de realizar esses objectivos foi criado um museu etnográfico entre outros serviços ao abrigo da instituição.

Equipa Técnica | Composta por duas pessoas.

Orgânica Espacial | O espaço do museu é uma antiga habitação em pedra cuja estrutura interior se manteve face às origens. Uma vez mais a exposição retrata as vivências e o quotidiano das comunidades. Num único piso de exposição podemos encontrar diversas salas ocupadas pelas dependências da própria habitação. Adjacente à habitação, encontram-se mais dois edifícios, um deles designado como a sala típica “o queijo” onde são efectuados diversos almoços de convívio da Associação; o outro deles, uma sala polivalente ainda em recuperação.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A exposição é composta na sua totalidade por espólio da habitação, trajes típicos e utensílios provenientes de profissões (carpinteiro, resineiro, ...).

Todas as dependências reproduzem uma habitação original o que, por conseguinte, não distingue a tipologia de objectos nele inseridos. A primeira sala faz uma retrospectiva de trajos da época para além de nos mostrar uma máquina de costura e as arcas próprias para guardar as vestimentas. Outro espaço retrata a cozinha com as respectivas panelas de ferro os armários forrados com os “biquinhos” feitos em papel; a masseira, peça tão essencial para a produção do alimento base da época entre muitos outros objectos que espantam o olhar dos mais novos. Outro compartimento retrata o quarto com um colchão de palha e a manta de retalhos; não deixando de apresentar os antigos lavatórios e bacios de loiça esmaltada. A última dependência é ocupada pelo espaço da refeição, com todos os objectos que lhe são inerentes: mesa de jantar, louceiro, entre outros.

Colecção | De abrangência local, a colecção apresentada incorporou o espaço do museu através de doação e recolha. Admite um estado de conservação médio/bom e é composto por peças originais. Toda a colecção se encontra catalogada, contudo não preenche os parâmetros de inventário.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | São efectuadas visitas guiadas às instalações do museu. Em paralelo, a Associação promove actividades sazonais que são realizadas fora do edifício do museu.

Comunicação | Inexistente

Divulgação | Não efectuada.

Equipamento | O cenário retrata na perfeição a sociedade da época e para tal não se recorreu a nenhum equipamento que afectasse o discurso expositivo. Uma habitação de uma família com possibilidades reduzidas ilustra pormenores das vivências que por si só se explicam.

Iluminação | Predominantemente natural.

Acessos | São efectuados por uma escadaria de pedra exterior que pode ser um factor limitativo para habitantes com mobilidade reduzida.

Segurança | No seio da comunidade onde o espaço do museu se encontra, cada um dos habitantes é uma percentagem responsável por salvaguardar a integridade patrimonial existente do museu. Não dispõe de nenhum sistema de alarme electrónico.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela associação

Núcleo Arqueológico de Canas de Senhorim | Sala museu Avelino Ferreira | Nelas

Telf. 232 671 272

Responsável | Dr. Sérgio Espírito Santo

Horário | Com pedido de visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arqueologia/ História

Tutela Privada | Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim

Colecções | Arqueologia (pré-história)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 1994

Visitantes | Registo não efectuado.

Implantação Urbana | *O concelho de Nelas integra-se no distrito administrativo de Viseu. Com uma área de 125.71 Km² situa-se no planalto da Beira Alta entre as Serras de Estrela e do Caramulo, encaixado entre os rios Dão, a nordeste, e Mondego a Sudoeste que correm paralelos. Limita ainda, com os concelhos do Carregal do Sal a Sudoeste e de Mangualde a nordeste. A sua topografia varia entre 256 e 467 metros de altitude.¹⁴ O concelho, é composto por 9 freguesias: Aguieira, Canas de Senhorim, Carvalhal Redondo, Lapa do Lobo, Moreira, Nelas, Santar, Senhorim e Vilar Seco. A instituição museológica pertence a Canas de Senhorim e localiza-se na zona histórica junto ao Solar dos Senas.*

Edifício | O núcleo museológico está inserido num edifício adjacente ao posto dos bombeiros voluntários, inaugurado pelo Professor Doutor João Luís Inês Vaz no dia 12 de Janeiro de 1996.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Metas/ Objectivos | O espaço surge como resposta a um considerável número de escavações arqueológicas realizadas pelo Município de Nelas, como forma de dar abrigo aos artefactos encontrados. Pretende despertar o interesse da população local para a preservação do património histórico e cultural da região de forma a este não voltar a ser vandalizado. *Sob este prisma os achados neste concelho são bastante relevantes e dão-nos indícios de uma ocupação do território desde dos primórdios da humanidade passando pela era Romana. São inúmeros os achados: sepulturas antropomórficas, lagaretas que confirmam a ligação deste território à produção vitivinícola, achados diversos em lugares que constituíram pequenos castros e pontes que denunciam a ocupação romana deste território.¹⁵*

¹⁴ Folheto informativo do Concelho de Nelas, adquirido no posto de turismo

¹⁵ Idem

Orgânica Espacial | O edifício está dividido em 2 pisos. O primeiro é ocupado pela biblioteca e centro de investigação, e o segundo serve de abrigo à sala museu e espaço de reserva. Não contém mais nenhuma outra dependência.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | O conteúdo de toda a sala/museu é composto por espólio arqueológico encontrado em escavações feitas na região. Algumas cerâmicas da idade do bronze, objectos cortantes e alguns objectos de uso pessoal, referentes à idade do ferro. Todas as peças, segundo a informação, encontravam-se inventariadas e o seu registo, feito numa publicação que se encontrava na biblioteca (sala do piso 0 do edifício) ao qual não tive acesso. Parte do espólio retirado das vitrinas tanto pelo coordenador da exposição como pelo IGESPAR, não voltou a ser devolvido. Na sala ainda se encontra uma vitrina vertical, situada a um canto, com todas as medalhas recebidas pelo corpo dos bombeiros Voluntários, á espera de serem inventariadas, e com alguns problemas no que respeita á conservação.

Colecção | O espólio é todo ele composto na sua maioria por peças originais de composição unidisciplinar. De tipologia permanente assume uma vertente arqueológica composta por peças incorporadas por recolha. A colecção está catalogada. O seu estado de conservação é de médio a bom. A sala não dispõe de qualquer equipamento para o registo de temperatura e humidade relativas, o que se torna um impeditivo de um bom plano de conservação preventiva.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Apenas visitas quando solicitadas.

Comunicação | O espaço museológico não se encontra devidamente identificado para o visitante que chega a Canas de Senhorim. Um edificado com fachada meramente habitacional não nos mostra o rico espólio que se encontra no seu interior. A sala de dimensões reduzidas não apresenta qualquer sinalética relativamente ao percurso, contudo este segue uma ordem cronológica e a visita deve ser feita da esquerda para a direita. Cada vitrina é explicada por um painel branco em *k-line* com informação fotográfica dos locais das escavações, e uma breve resenha histórica sobre o local. Nestes painéis, o texto é demasiado extenso, com letra e espaçamento reduzidos que impossibilitam uma boa leitura por parte do visitante. Parte deles, já se encontram bastante desbotados pela luz o que ilustra uma ideia equívoca do local. No interior das vitrinas os artefactos são identificados com um pequeno número gravado em acrílico cuja legenda se encontra num pedaço de papel numa das extremidades da vitrina. As peças dispostas ao centro da sala são também identificadas com uma tabela, em papel impresso colocada no suporte das mesmas.

Divulgação | Não efectuada.

Equipamento | O processo expositivo é feito segundo uma organização cronológica e por núcleos de escavação. A cada monumento arqueológico corresponde um grupo de painéis e uma vitrina com artefactos recolhidos *in situ*. As vitrinas são dispostas perifericamente e os painéis são colocados sobre estas. Com estrutura esquelética de madeira são vidradas no topo e nas laterais, forradas a veludo vermelho já bastante empoeirado, o que traduz alguma preocupação inicial no que respeita ao discurso museográfico e um consequente alheamento e despreocupação em manter o espaço. O centro da sala é ocupado por registos arqueológicos de dimensões consideráveis, assentes directamente no chão ou em plintos improvisados forrados com tecido bastante denso. Esta forma de exposição contrariamente ao

visualizado nas vitrinas pode ser comparada com uma sala de depósito e não uma sala expositiva. Na sala de reserva todas as peças se encontram encaixotadas sem qualquer cuidado de conservação.

Iluminação | Esta é primordialmente natural, compensada com 2 candeeiros de halogéneo colocados no tecto da sala. Este conferem uma iluminação geral, pouco utilizada, visto o espaço ser visitado preferencialmente de dia.

Acessos | É efectuado por uma escadaria exterior, o que dificulta a visita a públicos com mobilidade reduzida.

Segurança | Assegurado pelos bombeiros voluntários.

Limpeza/ Manutenção | Assegurado pelos bombeiros voluntários.

Casa Museu do Alvite | Moimenta da Beira

Telm.: 919 662 839

santargourmet@casadesantar.com

Responsável | Cecília Monteiro

Horário | Com marcação visita

Bilhete | 5€

Vocação | Abrangência Regional/ Nacional/ Internacional; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | Residentes/ Herdeiros

Colecções | Artes Decorativas séc. XVIII e XIX; Pintura e Escultura (séc. XVIII e XIX)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | -

Visitantes 2010 | -

Implantação Urbana | Saindo de Viseu com destino a Santar, são aproximadamente 18 km. Numa das ruas principais da vila, consegue-se perceber a imensidão da quinta onde sedia a casa, pois a sua fachada exterior ocupa praticamente a extensão da rua.

Edifício | Solar do séc. XVII e XVIII, foi mandado construir por Francisco Pais de Amaral e pela sua mulher D. Francisca Pais quando instituíram o vínculo de Santar de que foram seus administradores. Sucedeu-lhes o filho, António Pais de Amaral que em 1678, construiu junto á casa a capela onde foi sepultado. *“A Casa de Santar é um lindo Solar de vasta frontaria construído por três corpos levantados em épocas diferentes. O primitivo, seiscentista, tem a meio a capela da inovação de S. Francisco (...). O outro corpo, construído em 1790, é dividido por pilastras, e no meio abre-se a porta de entrada. O último corpo, no prolongamento dos existentes é obra do 2º conde de Santar nos princípios deste século, mas enquadra-se perfeitamente no conjunto. A fachada, virada a nascente deste corpo, é enriquecida por uma bela janela de varanda abalaustrada que junta a um muro, onde se abre um velho portão com o Brasão dos senhores da Casa.”*¹⁶

O andar nobre destes dois últimos corpos, rasgados por 16 vãos, é um pouco mais alto do que o primitivo. Sobre a porta de entrada, que dois lampadários iluminam, uma janela de varanda de pedra, e sobre esta, a linha do beiral levanta-se em frontão triangular, onde cravaram a pedra de armas:

Escudo esquartelado | 1.º quartel MELO | 2.º AMARAL | 3.º CASTELO BRANCO | 4.º PAIS

¹⁶ Textos cedidos pela Casa de Santar

Metas/ Objectivos | Possibilitar a divulgação do espólio da casa, na tentativa de patrocínios para melhoria/ recuperação.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | Podem ser visitadas, a cozinha, a capela, a sala dos coches e fardamentos e os jardins da habitação.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | Dependências da Habitação e espólio pertencente

Colecção | Todo o acervo se encontra catalogado, contudo não segue os parâmetros de inventário. Composta por peças originais encontra-se com um nível médio de conservação. A modalidade de incorporação foi a transferência dos herdeiros.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | visitas guiadas

Comunicação | Inexistente

Divulgação | através da loja *gourmet* e do vinho Casa de Santar.

Equipamento | Inexistente. As peças estão dispostas como se de uma habitação se tratasse.

Iluminação | Predominantemente natural.

Acessos | As dependências visitáveis são no piso 0 da habitação.

Segurança | Assegurada pelos proprietários

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pelos proprietários

Paço dos Cunhas de Santar | Nelas

Largo do Paço de Santar

3520-127 Santar

Telf. 232 960 140

daosul@daosul.com | <http://www.daosul.com/>

Responsável | Dra. Cristina Costa (Enóloga)

Horário | 10h às 19h

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Regional/ Nacional/ Internacional; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arte

Tutela Privada | Global Wines

Coleções | Mobiliário (séc. XVII); Armaria; Destaque para o jardim, com estátuas, canteiros, balaustradas e bancos revestidos de azulejos barrocos (Viúva de Lamego)

Verba Anual | -

Inauguração | -

Visitantes 2010 | -

Implantação Urbana | *“Nelas é uma vila portuguesa no Distrito de Viseu com aproximadamente 4 100 habitantes. É sede de um município, subdividido em 9 freguesias. O município é limitado a nordeste por Mangualde, a sueste por Seia e Oliveira do Hospital, a oeste por Carregal do Sal e a noroeste por Viseu. O concelho designou-se Senhorim até 1852 quando a sede passou para Nelas.”*¹⁷

Edifício | Em 1609, D. Pedro da Cunha, mandou erguer a imponente fachada do Paço. Deste, ainda perceptível, conseguimos reconstituir a memória da revolta da multidão furiosa que sem piedade, danifica o brasão quando a família, nunca bem acolhida pelo povo, é exilada para Espanha na época da Restauração. Uma marca histórica, á qual não faria sentido estar-se a recuperar. Mais tarde a residência que habita numa das extremidades da quinta, actualmente designada pela Casa do Soito, vai dar abrigo à família Coelho do Amaral e actualmente está sob a tutela da Global Wines. Com a exploração do Paço para Enoturismo, a recuperação da Casa está destinada a um hotel de charme, onde possivelmente o seu riquíssimo espólio, que com grande tristeza não me foi possível visitar, vai ocupar algumas dependências específicas do hotel, sem a salvaguarda de se tornar espólio de museu. *“O Solar do século XVII e XVIII, pertencente à Condessa de Santar e sua Família, é rodeado por jardins de sebes, buxos e labirintos de flores. Seguem-se as adegas da sociedade perfeitamente enquadradas no conjunto arquitectónico da propriedade. Construída em granito, com os seus azulejos históricos (bancos revertidos de azulejaria da*

¹⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelas>

“Viúva de Lamego”), *abriga, num ambiente do passado, as mais modernas e avançadas tecnologias. Aqui produzem-se vinhos de elevada qualidade, numa estrutura com um peso histórico de 400 anos*”¹⁸.

Orgânica Espacial | O espaço do Paço encontra-se dividido em dois pisos. Na ala da direita, onde se localizavam os antigos estábulos, hoje dá lugar à cozinha, ao restaurante de ambiente cosy e ao pequeno bar onde qualquer visitante pode degustar os melhores vinhos da casa. A ala esquerda, tem o lagar um salão de festas/ eventos. O piso superior tem também salas de jantar/ polivalentes.

Espaço Exposição Permanente | A colecção encontra-se dispersa pelas dependências do Paço. Parte dela ainda se encontra na *Casa do Soito*, e apenas poderá ser visitada, quando esta reabrir ao público como Hotel de Charme. Do espólio, já recuperado saltam à vista, dois contadores de madeira datados do séc. XVII, com incrustações de marfim... apresentados frente a frente, como forma de podermos percebermos o diferente acabamento de cada um deles. Algumas telas de Almeida Furtado são também um apontamento interessante de realçar, bem como na ala frontal do Paço, local do antigo lagar, ainda hoje preservado e utilizado em demonstrações reais. Curioso é designar esta ala, como a sala das armas, onde temos a possibilidade de observar dois grandes suporte, expostos na parede, reflexo do grande interesse dos Cunhas pelo coleccionismo, e muito provavelmente com a sensação quase exacta de que tinham de se defender para sobreviver.

Colecção | O acervo é composto, por peças originais e integrou as dependências do Paço por transferência dos moradores da *Casa do Soito*. Encontra-se em bom estado de conservação e integrou o Paço por transferência.

Divulgação | A divulgação é feita pela Global Wines, incidente sobretudo para na vinha. Quando são solicitadas visitas guiadas à vinha o enfoque dado à colecção ai disposta, é superficial.

Equipamento | Inexistente. As peças estão dispostas como se de uma habitação se tratasse.

Iluminação | Predominantemente natural.

Acessos | As dependências visitáveis são no piso 0 e no piso 1 do Paço.

Segurança | Assegurada pela empresa de enoturismo

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela empresa de enoturismo.

¹⁸ <http://www.daosul.com/pt/go/dao-vinhos-casa-de-santar>

Museu Municipal de Oliveira de Frades | Oliveira de Frades

Praça Luís Bandeira

3680 – 091 Oliveira de Frades

Telf. 232 763 789

museu_ofrades@hotmail.com | www.cm-ofrades.com

Responsável | Dr. Filipe Soares e Dra. Patrícia Lopes

Horário | Terça a Sexta-feira das 14h às 17.30h | Sábados, Domingos e Feriados das 14h às 17.30h

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Interdisciplinar; Campos Temáticos de Arqueologia/ História | Etnografia/ Antropologia

Tutela Pública | Câmara Municipal de Oliveira de Frades

Colecções | Arqueologia (pré-história à idade média); Etnografia Rural; Etnografia Artes/ Ofícios; História e Evolução da Região Concelhia

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2001

Visitantes 2010 | 2 600 ano

Implantação Urbana | O concelho de Oliveira de Frades situa-se, conjuntamente com os concelhos de Vouzela e de S. Pedro do Sul, na sub-região de Lafões, “em pleno coração da Beira Alta” (Amorim Girão). “Com uma área de 142 km², distribuída por 12 freguesias (...), (Arca e Varzielas freguesias descontínuas do Concelho, e Arcozelo das Maias, Destriz, Oliveira de Frades, Pinheiro, Reigoso, Ribeiradio, S. João da Serra, S. Vicente de Lafões, Sejães e Souto de Lafões freguesias contínuas). A vila (...) faz fronteira com Vouzela, S. Pedro do sul e Tondela (Distrito de Viseu), e com Águeda, Sever de Vouga e Vale de Cambra (Distrito de Aveiro). É este concelho, nas suas origens e nos tempos que correm, fruto de um entre cruzamento de várias linhas de força. As Serras do Caramulo, das Talhadas, do Ladário, da Gralheira, os rios Vouga, Alfusqueiro, Teixeira e Águeda, definem-lhe os contornos físicos. A altitude confere-lhe o toque de clima de interior. O Vale do Vouga adoça essa agressividade climática e fá-lo aproximar de um clima temperado atlântico, agradável quase todo o ano”.¹⁹

“Oliveira de Frades é terra antiquíssima. Comprova-o a Carta de Couto e Confirmação de Doação do Couto da Vila de Ulveira, aos frades de Santa Cruz de Coimbra, de 1169, concedida por D. Afonso Henriques, no Balneário de Lafões (actuais Termas de S. Pedro do Sul), onde se encontrava em tratamentos após a queda do cavalo, durante o cerco de Badajoz. Estes desejos de autonomia, já parcialmente corporizados no referido Couto deram origem a um longo processo de gestação municipal,

¹⁹ http://www.cm-ofrades.com/?modulo=conteudos_concelho&link=territorio_concelho

que culminou com a restauração definitiva do Concelho de Oliveira de Frades, por Decreto de D. Maria II, de 7 de Outubro de 1837.2”²⁰ O espaço do museu localiza-se na zona histórica da Vila e serve-se de uma situação geográfica privilegiada, oferecendo condições favoráveis para a atracção turística e para ser ponto de partida para a descoberta do próprio concelho.

Edifício | O espaço do museu localiza-se na antiga Cadeia da Vila que tardiamente foi destinada a acolher os serviços bancários e de correios. Todo o edifício, incluindo a parte residencial que se manteve activa durante décadas, foi adquirido pela Câmara com o sentido da criação de uma instituição museológica na Vila de Oliveira de Frades. *“Inaugurado no dia 7 de Outubro de 2001, o Museu das Técnicas Rurais – Museu Municipal de Oliveira de Frades tem-se revelado uma estrutura de inegável interesse para o concelho e para a região.”*²¹

Equipa Técnica | Composta por duas pessoas.

Metas/ Objectivos | A criação do museu, veio dar resposta, à necessidade de divulgar a História e o Património Artístico, arqueológico e Etnográfico do Município. *Na impossibilidade de recolher todos os Monumentos, que pontuam o território concelhio, dentro de um espaço fechado, o Museu – edifício – prolonga-se pelo Município, convidando o público a visitar in situ o património local: monumentos arqueológicos, religiosos, etnográficos, edifícios de arquitectura civil, entre outros.*²²

Orgânica Espacial | O edifício é composto por 3 pisos. O piso inferior é ocupado por zonas de arrumos e sanitários. O piso 1 é ocupado pela recepção, primeiras salas de exposição e auditório. O piso 2, continua com a sala de exposição permanente, tem um espaço para se efectuar exposições temporárias, os gabinetes da direcção, a reserva e a sala de preservação.

Espaço Exposição Temporária | Este espaço é amplo, sendo possível adaptar a qualquer tipologia de exposição. Com uma área reduzida mas considerável, na altura da exposição encontravam-se patentes peças representativas dos diversos tipos de bordados. Sua confecção, tipo de ponto, acabamentos e diferentes tipos de aplicações. O processo expositivo apenas dispôs todos os trabalhos sobre a parede e em locais pontuais da sala alguns plintos com diferentes aplicações do bordado, com formatos mais reduzidos.

Espaço Exposição Permanente | De tipologia permanente a exposição assume a temática arqueológica, com artefactos provenientes de monumentos espalhados pelo território concelhio e etnográfico fundamentalmente constituído por objectos ligados a um mundo rural. O espólio exposto assume referências históricas do município e encontra-se distribuído por diferentes espaços temáticos.

*“O percurso expositivo inicia com uma caracterização geográfica, geológica e botânica da sub-região de Lafões, com características semelhantes aos concelhos que a constituem – Oliveira de Frades, Vouzela e São Pedro do Sul”.*²³

²⁰ http://www.cm-ofrades.com/?modulo=conteudos_concelho&link=historia_patrimonio

²¹ http://www.cm-ofrades.com/?modulo=conteudos_concelho&link=museu_municipal

²² Desdobrável do Museu Municipal de Oliveira de Frades, Editado Câmara Municipal de Oliveira de Frades

²³ *Idem*

No núcleo Arqueológico, onde estão expostos vestígios materiais da passagem do Homem ao longo dos tempos por terras do concelho. Podem observar-se objectos do Neolítico (espólio encontrado nas escavações do Dólmen de Antelas), da época castreja (mós e fragmentos de cerâmica encontradas em vários castros) e da época romana, onde se destacam as moedas, os fragmentos de cerâmica e os marcos milenários, que pelas suas dimensões, “marcam” o percurso neste espaço.

A passagem da sala de arqueologia para o núcleo seguinte faz referência ao facto do “profano e o sagrado coabitarem no quotidiano do agricultor”, onde se pode observar uma estela funerária medieval cuja estela com símbolos de uma estrela de 5 pontas de um dos lados, e de um círculo imperfeito do outro, assume uma simbologia amprotropaica, encarada como a protecção. Segue-se o núcleo do “Espaço Rural”, com alfaias e os objectos agrícolas mais representativos do quotidiano dos habitantes, marcado pelo ciclo do pão, do vinho e do azeite. *Os objectos aqui expostos (o arado, a charrua, o carro de bois, a enxada, o mangual, a gadanha, a foice, a dorna, as mós do moinho, a pia do azeite, a pá do forno...), ainda que conhecidos e utilizados actualmente, tendem a ser “esquecidos e a perderem-se”, pela crescente utilização de alfaias mecanizados (como os tractores e as ceifeiras) que poupam tempo e suor ao agricultor e pela mudança dos hábitos e costumes das populações.*⁶

No espaço de transição para o segundo piso,(...) *pode ser observado um painel de fotografias que representam as diferentes vias de comunicação que atravessam o concelho: a via romana, o caminho de Santiago, a estrada real, o caminho-de-ferro (linha do Vale de Vouga) e o itinerário principal. Passa-se por “Uma viagem ao tempo dos moinhos de água”, funcionando o rodízio, o arreeiro e os aguilhões como memória dos moinhos que hoje estão desactivados e abandonados. No espaço “Um Município em construção”, estão expostos objectos que estão relacionados com a história do Município, como é o caso do exemplar do Diário do Governo onde foi publicado o Decreto de D. Maria II que restaurou definitivamente o concelho (7 de Outubro de 1837), ou do primeiro livro de Actas da Câmara Municipal. Ainda neste sector, pode ser visto o núcleo da “Aferição de Pesos e Medidas”, constituído pelos utensílios de aferição da Câmara Municipal.*

De seguida avança-se para a área das “Artes e Ofícios”, onde encontramos a madeira e o carpinteiro, o ferro e o ferreiro, a pedra e o pedreiro e o linho e a tecedeira. O percurso museológico neste local tem como objectivo dar uma ideia de continuidade das memórias de uma oficina que encerrou e cujos instrumentos e ferramentas ficaram arrumadas, “paradas ou adormecidas”, ainda que incorporadas, em moldes diferentes, num espaço museológico. Desta forma, o visitante pode ver ferramentas que estão associadas a cada um desses artífices: carpinteiro (plainas, serras, enxós, grelopas,...), o ferreiro (a safra com bigorna, as tenazes, o fole,...), o pedreiro (os picos, os guilhos, a zorra, a picola,...) e a tecedeira (o sarilho, o tear, a lançadeira,...).

Colecção | O acervo é na sua maioria composto por peças originais, à excepção de alguns artefactos presentes no núcleo de arqueologia. A colecção encontra-se inventariada (ainda em formato de papel). Como forma de preencher uma conservação preventiva activa, diariamente é feito o registo da temperatura e humidade. A modalidade de incorporação foi a doação e o empréstimo.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | O museu assegura visitas guiadas quando solicitadas pelo visitante, São feitas actividades com grupos, para além de se passarem diversos vídeos sobre a história do concelho. O museu é visitado por escolas locais com as quais é praticado um protocolo no início do ano lectivo. É também visitado por várias escolas fora do concelho, por grupos de escuteiros, motards e grupos de turismo sénior do Inatel

Comunicação | O logótipo, é composto por uma tipografia linear com serifas. Esta aparece com duas cores distintas o bordeaux sobre fundo bege, com a indicação da sua tipologia de “técnicas rurais”. Ou em bege sobre fundo castanho, onde indica Museu Municipal de Oliveira de Frades. O símbolo apresentado remete no seu conjunto uma inscrição feita na rocha, provavelmente sugestiva de uma gravura rupestre. Assume formas como o sol e uma simbologia de vida e fertilidade e uma estrutura rochosa que nos pode remeter para um marco milenário. O logótipo é apresentado na placa de acrílico identificativa do museu, numa faixa colocada no exterior do edifício e no flyer do museu.

O museu distribui gratuitamente um desdobrável de estrutura horizontal onde podemos ter uma ideia genérica sobre a necessidade da criação do espaço do museu, de diversos monumentos que se encontram no território concelhio do acervo que constitui o museu e suas principais temáticas. O flyer mostra também ao visitante as diferentes freguesias do concelho, planta do edifício do museu e respectivos contactos.

No que respeita à sinalética, ao entrarmos no concelho podemos encontrar diversas placas que nos sinalizam o edifício do espaço museológico. No exterior deste está colocada uma faixa identificativa. No seu interior o visitante é elucidado do percurso a seguir, sob a orientação de umas setas aplicadas na base das paredes, Sinalética aplicada de forma incorrecta pela sua altura, o que não vai ser uma vantagem de orientação para o visitante. A informação expositiva segue uma apresentação semelhante em todos os núcleos expositivos. A temática do núcleo é explicada em textos aplicados sobre a parede, em vinil. Este conjunto de palavras indica o visitante da narrativa tratada e desenvolvido nesse núcleo. Os textos admitem uma linguagem museal acessível a diferentes públicos apresentados de forma sucinta com um tipo de letra de fácil leitura, espaçamento moderado e cor que contrasta com o fundo do núcleo expositivo.

No que respeita às peças, estas são identificadas com placas de acrílico gravado. No caso de vitrinas com diversos objectos, a legenda encontra-se na lateral direita, referente a todas as peças, sendo cada uma delas, identificadas com um número. O piso inferior assume a cor branca nos textos introdutórios e o piso superior assume o cinzento-escuro.

Divulgação | Existe apenas uma referência do mesmo e do acervo, no site da Câmara de Oliveira de Frades. A transmissão de exposições temporárias é feita por cartazes colocados no posto de turismo e biblioteca, contudo a maior forma de propagação continua a ser “passar a palavra”.

Equipamento | A estrutura expositiva segue linhas diferentes, mediante os núcleos apresentados. Os materiais mantêm-se em todos os suportes, contudo a sua configuração é adaptada à dimensão e necessidade de cada peça. Podemos encontrar paredes falsas com nichos e prateleiras, vitrinas de

estrutura em madeira com perfis metálicos, (envidraçadas ou não) e vitrinas de metal vidradas no topo e laterais; bancadas de madeira, com a dupla função de expor e ser depósito de peça, plintos de madeira, e estrados de madeira ou metálicos. A sala de arqueologia assume estruturas de paredes falsas que criam nichos para a colocação dos artefactos. Os que assumem dimensões pequenas ou que admitem uma maior importância pela sua raridade, o nicho é envidraçado, até mesmo para evitar o furto das peças. Peças com dimensões superiores, como é o caso do marco milenário, são expostas em estrados de estrutura em cubo, de metal ou madeira, situados em locais estratégicos do discurso.

A sala de etnografia agrícola com bancadas de madeira que são simultaneamente suportes expositivos e reserva estão dispostas na lateral do núcleo. Estas bancadas admitem várias gavetas que possibilitam guardar espólio que não se encontra no circuito da exposição. Para além destes o centro da sala é ocupado por estrados com objectos de dimensões superiores como é o caso de uma mó em pedra ou de um carro de bois. Outros equipamentos expositivos foram construídos adaptando nichos já existentes na estrutura do edifício. Recantos aproveitados para servir de suporte a diferentes peças ligadas com a agricultura, nomeadamente alfaias agrícolas, objectos de medições de cereais e afins. No que respeita ao cenário deste núcleo todo ele é pintado de verde azeitona, cor que nos relaciona com um produto natural, base da alimentação das comunidades. O piso superior, com estruturas de equipamentos semelhantes, aproveita uma vez mais recantos para a colocação dos suportes expositivos.

No núcleo da história do concelho, os suportes salientes da parede, são protegidos por estruturas de vidro dada a fragilidade do espólio neles incorporado. No núcleo seguinte, sobre profissões, a estrutura mantém-se similar, contudo a zona central da sala é ocupada por bancadas de estrutura esquelética cujo tampo é uma estrutura de vidro. Este grupo de bancadas é intercalado com estrados metálicos que apresentam peças de dimensões superiores. A última parte da exposição, de cariz etnográfico, faz ao visitante uma retrospectiva do ciclo do linho onde o tear e objectos do processo do fabrico do linho, com dimensões mais reduzidas, se encontram expostos sobre estrados de madeira colocados na delimitação da sala de exposição. Todo este piso superior assume a cor cinzenta clara nas paredes elemento neutro que permite a passagem entre diferentes temáticas.

Iluminação | O espaço expositivo recorre essencialmente a iluminação direccionada colocada no interior das vitrinas /nichos de parede. A luz ambiente é conferida por calhas suspensas no tecto das salas. No piso superior, para além destes sistemas de se manterem os sistemas de iluminação, recorre-se também a iluminação natural incidente em peças, nas quais não vai ser um factor de degradação.

Acessos | A ligação entre os pisos do edifício, pode ser feita por escadaria ou por elevador. O espaço de circulação entre as salas é o suficiente para permitir uma boa mobilidade.

Segurança | Assegurada por um sistema de alarme geral e pelos funcionários do museu.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pelos serviços da Câmara.

Casa da Ínsua | Penalva do Castelo

Hotel Casa da Ínsua

3550-126 Penalva do Castelo - Portugal

Tlf.: 232 642 222

casadainsua@visabeiraturismo.com

Responsável | -

Horário | Com marcação visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Regional/ Nacional/ Internacional; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arte

Tutela Privada | Visabeira Turismo

Colecções | Artes Decorativas séc. XVIII e XIX; Pintura e Escultura (séc. XVIII e XIX); Arte Oriental; Mobiliário; Destaque para o jardim

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | -

Visitantes 2010 | -

Implantação Urbana | *“Localizada em Penalva do Castelo, a cerca de 25 Km de Viseu, a Casa da Ínsua é um edifício solarengo de estilo barroco, que tem como imagem de marca a sua imponente fachada e os seus magníficos jardins. Convertida num hotel de charme 5 estrelas, permite-lhe desfrutar de momentos de lazer ou de eventos empresariais verdadeiramente inesquecíveis”²⁴*

Edifício | -

Metas/ Objectivos | Turismo

Equipa Técnica | Composta por várias pessoas.

Orgânica Espacial | Dependências para visita e para hotel, divididas em duas alas, com dois pisos cada.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | O hotel admite dependências visitáveis, espaços que também podem ser alugados para cerimónias. Pode-se visitar, a sala do oriente, a sala dos retratos (pintura, mobiliário), a antiga cozinha com estanhos do séc. XVIII, os salões de jantar, contudo a principal atracção da Casa da Ínsua são os jardins de estilo Francês e Inglês.

²⁴ <http://www.casadainsua.pt/>

Colecção | Todo o acervo se encontra catalogado, contudo não segue os parâmetros de inventário. Composta por peças originais encontra-se com um bom estado de conservação. A modalidade de incorporação transferência dos proprietários.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Visitas guiadas.

Comunicação | Inexistente

Divulgação | através do site <http://www.casadainsua.pt/>

Equipamento | Inexistente. As peças estão dispostas como se de uma habitação se tratasse.

Iluminação | Predominantemente natural.

Acessos | Efectuado por uma escadaria interior.

Segurança | Assegurada pela empresa de turismo.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela empresa de turismo

Museu Municipal de Penedono | Penedono

Centro de Interpretação do Património Cultural e Natural de Penedono

Largo da Devesa

3630 – 253 Penedono

Telf. 254 509 030

cm.penedono@mail.telepac.pt

Responsável | Dra. Filomena

Horário | Terça-feira a domingo das 10h às 12.30h/ 14.30h às 17.30h. Encerra às Segundas-feiras

Bilhete | 2€ normal | 1€ +65 anos e 13 aos 18 anos e cartão jovem | 15€ grupos

Vocação | Abrangência Local, Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arqueologia e História

Tutela Pública | Câmara Municipal de Penedono

Colecções | Arqueologia (pré-história à idade média); História e Evolução da Região Concelhia

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades Separado da verba da cultura.

Inauguração | 2008

Visitantes (Setembro/ Dezembro 2010) | 187

Implantação Urbana | O Município de Penedono, situa-se no limite Nordeste do distrito de Viseu, e dele fazem parte nove freguesias (Antas, Beselga, Castainço, Granja, Ourozinho, Penedono, Penela da Beira, Póvoa de Penela e Souto). O Castelo é a imagem de marca do município, erguido muito antes do nascimento de Portugal, teve uma importância vital na Reconquista Cristã. Mas anteriormente a estes factos históricos, as terras de Penedono foram habitadas, facto comprovado pelo valioso património arqueológico do período megalítico. Localizado no centro histórico da vila, a uns 300 metros do Castelo de Penedo, o museu, vai servir de palco aos registos da estadia de outros povos.

Edifício | Imóvel edificado nos séculos XVII e XVIII, o Solar dos Freixos, foi durante vários anos a morada da Família dos Coutinhos, Condes de Marialva. Uma das construções civis mais representativa do Município que alberga alguns serviços públicos, nomeadamente o espaço do museu, situado na antiga capela do solar, doada à Câmara na década de 80 e recuperado para servir de espaço ao Serviço de Finanças. A 1 de Junho de 2008, reabre ao público como uma espaço de identidade e memória do Concelho de Penedono.

Metas/ Objectivos | *O espaço IDENTIDADE e MEMÓRIA de PENEDONO pretende mostrar fragmentos do Passado... É um lugar onde as memórias dos antepassados adquirem sentido estético.*²⁵ A exposição é o resultado de uma aposta feita pela Câmara Municipal de promover uma investigação arqueológica que durou mais de dez anos. Um projecto iniciado em 1988 com a elaboração da carta arqueológica, base fundamental para a investigação que decorreu na década de 90 do século passado, que visou o estudo das

²⁵ Desdobrável informativo do Centro de Interpretação de Penedono

expressões megalíticas do concelho. Dinamizar a comunidade local para a consciencialização do património cultural, preservação e divulgação dos bens culturais intrínsecos na história e desenvolvimento das comunidades, um projecto de memórias tornadas públicas, de um património colectivo que cada um tem dever de proteger.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 pisos, organizado numa única sala de exposição. No mesmo espaço expositivo, funciona a recepção, loja e centro de interpretação.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A exposição tem uma composição pluridisciplinar de tipologia permanente. Aborda diversos registos que começam na pré-história, passando pela época medieval e romana até à contemporaneidade. Indicadores, que datam o quarto milénio a.C. até ao segundo milénio d.C. O discurso assentam essencialmente, na exposição de marcas que moldaram os territórios, e que contam a história da passagem do homem. A arqueologia é em suma, a ciência que nos permite desvendar o desconhecido e recuperar ensinamentos perdidos. O percurso é iniciado com as comunidades Pré-Históricas, período do Neolítico Final onde são referenciados Dólmens situados pelo concelho, túmulos em pedra, que registam a grande preocupação com a vida após morte. Diversos artefactos que nos remetem para comunidades que usufruíam das dádivas da terra, que subsistiam essencialmente da caça, pesca, recollecção de frutos e da prática de uma agricultura muito rudimentar. Podem-se observar utensílios em madeira, osso, pedra e cerâmica e na sua maioria, estes instrumentos que nos proporcionam uma leitura da terra e de vivência destas comunidades, permitem-nos estabelecer semelhanças com objectos actuais. No espólio é-nos também apresentado um conjunto de peças, que ainda hoje, cumprem as suas milenares funções, como os colares de adorno, os potes cerâmicos, os machados, as mós e as pontas de seta.

Na actualidade os maiores mistérios destas comunidades estão relacionados com as suas crenças no Além, religiosidade e misticismo, que os conduzia ao investimento de tempo e recursos na construção de túmulos que perpetuavam a memória da vida. Monumentais sepulturas que assumiam também, a finalidade de templos, onde a comunidade se reunia e orava. A exposição continua com os Territórios Megalíticos, registos encontrados por todo o concelho, que datam a Idade do Cobre (IIIº milénio a.C.), do Bronze (IIº milénio a.C) e mais tardiamente do Ferro (séc. V a.C). Nesta fase o contacto com outras regiões intensifica-se e são criadas redes de intercâmbio de produtos, tecnologias e ideias. No piso superior temos a percepção do crescimento da humanidade, da gravação dos ensinamentos e do legado deixado às gerações futuras. Inventar-se a escrita e o devir cronológico institucionaliza-se na memória colectiva das sociedades. Em 218 a.C o Império Romano entra na Península Ibérica, e apesar do lento processo de romanização, encontramos testemunhos da sua eficácia.

“A língua, a religião, o direito romano, a arquitectura, a organização política, a rede viária, o desenvolvimento do sistema monetário, as técnicas agrícolas, ..., testemunham o génio deste povo, alicerçando económica e politicamente quase todo o território que corresponde hoje à Europa. A Romanização de toda esta região surge-nos directamente relacionada com o aproveitamento dos

*melhores solos para práticas agrícolas e com a exploração dos recursos mineiros.”*²⁶ Na Vila de Penedono foram identificados diversos locais com vestígios de cerâmica de construção (industrial e doméstica), colunas ou mós dispersas à superfície dos terrenos e particular referência para as minas de ouro de Sto. António (Granja) e ainda as inscrições rupestres de Rodelas e do Marcadouro (Penela da Beira). Da Idade Medieval (séc. VI a XI) é de referir a Lagareta de Barrocais (Antas), relacionada com a produção de vinho e azeite e ainda as sepulturas escavadas na rocha da Fonte Fria em Penela da Beira e Antas. A Idade Média fica marcada pela reconquista do território aos árabes por Fernando I, O Magno entre 1055 e 1057. Com a formação de Portugal, é em 1512 que D. Manuel renova todos os privilégios prescritos anteriormente e atribui o Foral Novo a Penedono, apresentado sob a forma de ilustração. Da época de D. João I aparece ainda um tesouro monetário (ainda em estudo). Tardiamente com a reforma liberal (séc. XIX) os diversos concelhos foram unificados, passando a constituir o Município de Penedono. Desta época moderna podemos observar os pesos utilizados para as trocas e os carimbos que selavam documentos do município.

Colecção | Todas as peças estão inventariadas e de uma forma geral em assumem um estado estável de conservação. Integraram o espaço do museu por aquisição e transferência do espólio CM. Colecção composta por peças originais à excepção da uma pulseira que é uma réplica

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Existe um Plano Anual de Actividades, mais direccionado para as escolas. O museu recebe diversos grupos escolares para terem aulas de história no museu. A colecção acaba por abranger um longo período da história, o que permite direccionar várias áreas de estudo. No geral as actividades, ou têm início no museu, e de seguida partem para a exploração do local, ou vice-versa. Para além da comunidade escolar o museu tem bastantes visitas de grupos de estrangeiros, no sentido de conhecer a região e visitar património arqueológico, e também bastantes grupos de Turismo Sénior.

Comunicação | O logótipo composto por um símbolo, compartimentado em cinco elementos, que no seu conjunto remete para uma forma medieval, provavelmente por toda a vila, transportar referências vivas dessa época. O *lettering* é simples, sem serifas e em maiúsculas. Assume duas cores o azul e o preto. Aparece aplicado em diferentes suportes, impresso em desdobrável, publicações, faixa exterior identificativa do espaço museológico, texto introdutórios e gravado no interior das vitrinas. No conjunto de publicações levadas a cabo pela autarquia, o flyer do Museu é um desdobrável gratuito com um conjunto geral de informação da colecção. Foram editadas publicações de cariz arqueológico e património concelhio, entre outras, *Os monumentos Megalíticos no Concelho de Penedono* de Luis Filipe Coutinho Gomes e Pedro Sobral de Carvalho (coordenação ArqueoHoje) e *A Necrópole Megalítica da Senhora do Monte [Penedono . Viseu] : Um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta* de Pedro Manuel Sobral de Carvalho editado por CEPBA – Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta)

No exterior o espaço museológico é identificado por uma faixa branca colocada na lateral do edifício. Sinalização que passa despercebida ao visitante menos atento, até porque de certos ângulos é quase que imperceptível. A exposição segue no seu conjunto, um discurso museográfico coerente. A ordem cronológica é seguida e explicada em textos acima das 8 linhas cada. Textos impressos numas lonas

²⁶ Desdobrável informativo do Centro de Interpretação de Penedono

brancas aplicadas por cima das vitrinas. Apesar de o texto ter uma linguagem perceptível, é demasiado extenso o que pode provocar algum desinteresse por parte do visitante. Contudo cada painel informativo e de contextualização, é intitulado por uma frase ou palavra que pode ser uma forma, embora demasiado reduzida, de enquadrar os artefactos apresentados. Em paralelo a esta informação, no interior das vitrinas as peças são identificadas por números e na lateral uma chapa de acrílico com a legenda impressa.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pelo Museu através de outdoors afixados pela vila e através do boletim municipal. O site encontra-se em construção.

Equipamento | No mesmo seguimento da informação o processo expositivo e os equipamentos utilizados, mantêm-se uniformes o que cria um discurso muito mais limpo. As cores utilizadas são o cinzento e o azul. O azul preenche paredes do espaço que contêm as lonas do texto, e na ausência de parede, como acontece no piso superior, todo forrado a madeira, são utilizadas estruturas de parede falsa, onde os textos são aplicados. A parede da direita, no piso se entrada é cinzenta, e no seu prolongamento um balcão com o mesmo registo cromático. Esta diferença em contraste com as outras foi também uma forma de distinguir a recepção, loja e centro de documentação.

O equipamento foi pensado para o efeito, de forma a conseguir conservar os artefactos e expor em estruturas menos densas. As vitrinas encontram-se suspensas o que permite uma maior amplitude do espaço. Estruturas de alumínio escovado de cor cinza, vidradas numa lateral para permitir observar as peças. Temos também o registo de duas peças arqueológicas de maiores dimensões, assente em plintos vidrados na parte onde assenta a peça. A estrutura é semelhante às vitrinas. Um dos inconvenientes apontados às estruturas, é o facto de não terem uma montagem acessível, o que se torna um grave problema a nível de manutenção das peças e estrutura em si. Todo o espaço do museu é reduzido, o que não dava grandes possibilidades de discurso, pelo que considero que a aposta em estruturas mais claras, poderia ter sido uma melhor escolha.

Iluminação | Ao longo da exposição, podemos encontrar duas estruturas de iluminação. Uma geral, dada por focos suspensos numa calha, que clareiam os painéis informativos, e outra mais pontual e direccionada, existente no interior das vitrinas. Esta iluminação poderá não ser a mais indicada, por ser demasiado forte, o que se torna um problema a nível de conservação.

Acessos | O museu, tem um lance de escadaria de madeira, o que impossibilita a visita de utentes com mobilidade reduzida. O espaço de passagem em ambos os pisos é reduzido.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral. Só abre na presença da responsável.

Limpeza/ Manutenção | O espaço admite falhas, no que respeita a processos de conservação preventiva, pois não existe em vigor um plano da mesma. Peças metalizadas apresentam-se oxidadas, por não existir nenhum controlador de humidade. A limpeza do espaço de circulação é feita diariamente, serviço assegurado por uma equipa da câmara.

Museu Municipal de Resende | Resende

Av. Rebelo Moniz

4660-224 Resende

Telf. 254 877 200

cm.resende@mail.telepac.pt

Responsável | Dra. Alexandra Braga

Horário | Segunda a Sexta das 9h às 12.30h/ 14h às 17.30h | Maio a Setembro | 14h às 17h

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local, Composição Pluridisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia e História | Ciência, Técnica e História Natural

Tutela Pública | Câmara Municipal de Resende

Colecções | Arqueologia (pré-história, romano, medieval e moderno); Etnografia séc. XIX e XX (traje, ex-votos, agricultura, transportes, ciclo pão, ciclo linho, pesca); Olaria e Cerâmica (séc. XIX e XX)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2006

Visitantes 2010 | 7500

Implantação Urbana | Localizado em plena Serra de Montemuro, todo o concelho é ainda ladeado por montes e serras que o beijam, Serra das Meadas, Serra da Mesquitela, Monte de S. Cristóvão, Monte da Pena e Monte Cravoeiro, exibindo “ (...) *por isso uma área de relevo acidentado com elevações montanhosas, vertentes bastante declivosas, vales encaixados e estreitos, com poucas superfícies planas*”.²⁷ No cimo do concelho, a olhar para todas estas ondulações, podemos encontrar o edificado museológico.

Edifício | O museu está instalado na antiga cadeia de Resende, edifício dos anos 30, mandado recuperar e ampliar em 2003 pelo actual executivo camarário sob a presidência do Eng.º António Borges. Destinado a ser um local de reclusão para os excluídos da sociedade, tendo cumprido esta função até 1974, data da extinção das cadeias concelhias, passando os serviços prisionais para a Cadeia Regional de Lamego. Após a sua desactivação teve várias funções, como Armazém Geral da Cooperativa Agrícola e como Oficina Municipal, função que perdurou até à sua recuperação e transformação em espaço de acolhimento para as “memórias culturais e históricas”, abre portas ao público em 2006. É caracterizado como um edificado contemporâneo, como contraste ao anterior, e nele são bem visíveis as diferentes épocas de construção. Preservando os seus traços arquitectónicos e característicos funcionais, o edifício mantém a fachada principal em cantaria e as molduras em pedra dos vãos das janelas, bem como os respectivos gradeamentos, conferindo ao conjunto a “dignidade” do desenho e do seu carácter público.

²⁷ *Roteiro do Museu Municipal de Resende*, coordenado por António Borges, Agostinho Ribeiro e Dulce Pereira, com textos de Carla Vicente, Marlene Miguel e Susana Gomes, p.15

Metas/ Objectivos | *“O Museu de Resende captou no tempo o seu rico e diverso espólio, em busca da defesa e conservação do nosso património local para o disponibilizar a todos e em especial aos jovens em idade escolar. Como elemento fundamental da educação de um povo e pólo de atracção turística, o museu assume reconhecida importância no desenvolvimento local e regional de Resende”*.²⁸

Equipa Técnica | O espaço do museu é também a sede do Pelouro da Animação e da Cultura do Concelho de Resende e nele trabalham fixamente duas funcionárias. Os restantes trabalhadores são assegurados por funcionários do Município.

Orgânica Espacial | *O museu desenvolve-se em torno de um pátio funcional interior com funções de área de estar/ lazer, arejamento e iluminação natural dos espaços que lhe são contíguos. O edifício assume um carácter polivalente e flexível nas diferentes valências: áreas de exposição permanentes e temporárias, auditório, áreas administrativas e de apoio, espaços multiusos e áreas oficinais.*²⁹ Composto por 2 pisos, no inferior a recepção e auditório, a sala exposições temporárias e parte da exposição permanente, no piso superior a última sala de exposição permanente e os serviços administrativos.

Espaço Exposição Temporária | A ampliação do edifício original, foi pensada para a criação de um espaço amplo, que permitisse ser polivalente. Mediante um programa anual esta mesma sala serve propósitos diferentes, nomeadamente o de espaço destinado a acolher exposições temporárias. Tectos falsos com iluminação embutida e calhas para a colocação de focos adicionais. Uma lateral da sala está voltada para o pátio interior e recebe durante todo o dia, iluminação natural. Na altura da visita ocupava este espaço de exposição a pintura de Nuno Castelo – Figuras. Uma sala ampla que permite discursos museográficos distintos, e que neste caso em particular, pelo facto de todo o trabalho apresentado ser pintura, estavam todas as obras expostas nas paredes seguras a uma calha que acompanha a largura da sala. Todas as obras foram alinhadas pela base e a tabela identificativa colocada à direita da obra. Esta exposição serviu dois propósitos, a visita e a conseqüente venda das obras.

Espaço Exposição Permanente | A colecção do museu assume duas tipologias distintas, a etnografia local e a arqueologia derivada de escavações feitas no concelho desde a década de 90. O primeiro núcleo expositivo, situado no piso inferior, abre a exposição com a etnografia local. Este espólio é proveniente de sucessivas campanhas de prospecção e recolha, efectuadas por todo o concelho que sob a forma de doação, cedência e aquisição, traduzem as vivências mais notórias dos usos e costumes do concelho.

A exposição é iniciada com uma maquete do concelho que demarca a região natural (morfologia, geologia, hidrografia e climatologia), e a região cultural (forais, documentos manuscritos, publicações, textos sobre o topónimo de Resende e a cronologia de acontecimentos históricos que marcaram o concelho). Daqui em diante a **Exposição Etnográfica** é apresentada sob a forma de núcleos e inicia-se no núcleo de **crenças e religiosidade popular** (colecção de ex-votos), o espaço dedicado aos **trajes e adereços tradicionais** (séc. XIX), representativos dos traços culturais da região. A **agricultura**, principal actividade económica da época, interpretada pelas alfaias agrícolas, transportes de tracção animal. O **ciclo**

²⁸ *Roteiro do Museu Municipal de Resende*, coordenado por António Borges, Agostinho Ribeiro e Dulce Pereira, com textos de Carla Vicente, Marlene Miguel e Susana Gomes, p.7

²⁹ *Idem*, p.9

do linho com um espólio ilustrativo desde o cultivo à matéria-prima. A **olaria negra**, transformada em utensílios domésticos que serviram as classes de recursos mais precários, representada com uma vasta colecção do Mestre Joaquim, último oleiro do concelho que desde sempre se dedicou às suas criações. A **cerâmica fina** (faiança e porcelana), usada pelas famílias mais abastadas do concelho. O **ciclo do pão**, pela importância que teve na alimentação local, considerado por muitos como o único sustento, e para finalizar, a **pesca e os seus utensílios**, pois outrora a pesca fluvial constituiu uma actividade económica relevante para as gentes das zonas ribeirinhas do Douro, de que ainda sobrevivem inúmeras referências históricas. No piso superior podemos visitar a **Exposição Arqueológica**, onde se instala um dos ex-líbris do museu, o fabuloso conjunto de estelas funerárias. Importante acervo do museu com ampla cronologia, desde 100 a.C. até ao séc. XVII, abrangendo diversos períodos respeitantes à Pré-História, Romano, Medieval e Moderno. Recentemente introduzido, um pequeno espaço destinado a receber, uma exposição temporária de longa duração, podemos visitar um considerável espólio de **Edgar Cardoso**, engenheiro das Pontes do Douro e conceituado professor. Núcleo que retrata a sua obra, o seu percurso e ideologias.

Colecção | De tipologia permanente, toda a colecção está estudada e inventariada, e no geral em estado estável de conservação. O acervo foi incorporado por campanhas prospecção/ recolha no concelho, doação, cedência e aquisição.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Existe um plano anual de actividade entre as escolas e o museu, estruturado e planificado para ter início a quando do ano lectivo. Actividades distintas são preparadas para jovens em idade escolar, grupos seniores e associações recreativas. Estas actividades são asseguradas por estagiários da área do turismo, informática, multimédia e animação sociocultural.

Comunicação | O logótipo, composto por um símbolo, de estrutura rectangular com uma ilustração do edifício do museu. Bicolor, azul e branco, com um *lettering* linear sem serifas e escrito em maiúsculas. A palavra museu integrada no símbolo como negativo (na barra inferior do símbolo de cor azul destaca-se a branco), e a restante designação Municipal de Resende de cor azul. Apresentado de forma simples e aplicado no roteiro do museu, na recepção (vinil impresso e aplicado na parede), e nos textos das salas de exposição.

No conjunto de publicações levadas a cabo pela autarquia, o flyer do Museu é um desdobrável gratuito com um conjunto geral de informação do edifício, e breve história do museu da colecção. O roteiro fornecido só em casos de investigação contém informação detalhada sobre toda a história e cronologia de Resende, do edificado, colecção. No que respeita às exposições temporárias, geralmente é editado um desdobrável, aproveitando todos os recursos da Câmara, tanto gabinete de imagem como no que respeita à impressão. Foi publicado em 2006 o Roteiro do Museu, que aborda a história do edificado e colecção. A sinalética exterior é reduzida, com placas identificativas do espaço museológico, contudo é compensada pelo facto do Posto de Turismo se encontrar no centro da vila, e de o espaço do museu ser conhecido pela maioria dos residentes.

O edifício está identificado com *lettering* exterior, com letras recortadas em chapa metálica, uma forma discreta que não interfere no edificado. No interior os espaços do edifício são sinalizados e cada núcleo é identificado por um painel com texto introdutório. Ao longo de todo o processo expositivo mantém-se sempre o mesmo discurso informativo, cada núcleo é comentado num placar introdutório, que refere as

peças mais significativas. Um painel com bastante imagem, onde o texto aparece com uma configuração extensa e tamanho de letra reduzido. Como reforço as peças encontram-se todas identificadas com tabelas identificativas que referem o objecto, proveniência e número de inventário. No caso de um grupo de objectos ou quando estes estão expostos em vitrinas, é utilizado um suporte metálico vertical que legenda o número atribuído a cada peça.

Divulgação | A divulgação das actividades movidas pelo museu, podem ser encontradas nos meios de comunicação local, no Boletim Municipal, no Posto de Turismo, em outdoors da vila e no site da Câmara; chega a muitos visitantes por *newsletter*.

Equipamento | O processo expositivo de igual forma ao informativo, segue sempre a mesma conduta. Entre os demais suportes, que variam consoante o número de objectos expostos, o design utilizado é sempre mantido, o vidro com perfis em alumínio, arredondado nos cantos ou no caso de peças de dimensões e peso superior, o vidro é substituído por um material branco, consideravelmente mais resistente e sem transparência.

O percurso é para ser visitado segundo uma sequência da direita para a esquerda, com um ligeiro desvio para a sala de Edgar Cardoso. Em determinadas zonas o espaço de passagem é reduzido mas não limitativo. A temática de Etnografia, é na sua maioria, composta por vitrinas verticais com prateleiras de vidro, onde os objectos mais reduzidos são mostrados, os restantes são dispostos no centro da sala, com ou sem plinto. Para a demarcação da área que é destinada às peças, o chão tem uma estrutura escura que o distingue da zona de passagem (granito creme). Na sala de arqueologia a maioria das peças de grandes dimensões estão expostas em plintos paralelepípedicos, cujo topo é revestido com uma brita pequena onde as estelas são assentes.

Ao nível da conservação, como se encontram ao ar, evitam um controle exaustivo da temperatura e humidade. Um número reduzido de peças está exposto nas paredes, seguras com suportes metálicos. Todos os artefactos se encontram no interior de vitrinas baixas, dispostos sobre o vidro e identificados com um número, de correspondência na legenda exterior. O percurso é de estrutura em C, organizado de forma cronológica. Para além dos painéis informativos, este núcleo apresenta ainda um significativo conjunto de painéis fotográficos que nos mostram os locais das escavações. Nesta sala em particular, o chão é em madeira. Na sala destinada a Edgar Cardoso, a exposição é vista da esquerda para a direita, como se de um livro se tratasse. Para além de objectos e documentos do engenheiro, expostos em quatro vitrinas, todo o espaço é preenchido por um painel cronológico que conta a sua vida e trabalho, recorrendo a imagem e texto. Texto um pouco extenso, contudo o visitante mais despreocupado, consegue absorver a informação essencial, pelos títulos empregues em diferentes pontos da estrutura. Ao centro um busto de Edgar Cardoso, colocado num plinto maciço que em cada lateral, explica cada ofício da ilustre personalidade, o inventor, o professor e o engenheiro e contém uma breve resenha biográfica.

Iluminação | Mantém um discurso semelhante em todas as salas de exposição. Foram aplicados tectos falsos e a iluminação é lateral e indirecta, o que cria um ambiente clara e luminoso. Também cada placa tem embutido spots de luz acendidos só em situações relevantes. Em casos pontuais, a iluminação natural também existe, como é o caso da sala de arqueologia, onde as janelas estão protegidas com uma cortina de *black out*. Situações como na sala de pesca que a iluminação natural é proveniente de uma janela

virada para o pátio interior, e outra situação, na sala Edgar Cardoso, que tem uma clarabóia que confere á sala a luminosidade necessária para ser visitada.

Acessos | O museu para além do lance de escadaria, tem um pequeno elevador de capacidade média, para poder servir visitantes com capacidades motoras reduzidas e para o transporte de peças.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, e diariamente só abre com um funcionário na receção, responsável pelo controlo das pessoas que visitam o espaço. Em cada sala, colocado em pontos estratégicos, existe também um dispositivo vídeo que diariamente faz o registo das visitas, como forma preventiva de furtos e vandalismo.

Limpeza/ Manutenção | A limpeza é feita diariamente nas zonas de passagem e pontualmente no interior das vitrinas e suportes que sustentam as peças. Estes serviços são assegurados por uma equipa da câmara. Não existe qualquer plano de conservação preventiva.

Museu Eduardo Tavares | S. João da Pesqueira

Praça da República

5130 – 321 S. João da Pesqueira

Telf. 254 489 999

cmsjp@cm-sjpesqueira.pt

Responsável | Milai | Dr. Artur Oliveira (CM)

Horário | Terça-feira a Sexta das 9h às 12.30h/ 14h às 17.30h. Sábado e Domingo das 14h às 17.30h. Encerra às Segundas-feiras

Bilhete | 1€ pessoa

Vocação | Abrangência Local, Composição Pluridisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia/ História

Tutela Pública | Câmara Municipal de São João Pesqueira

Colecções | Arqueologia (pré-história à época moderna); Escultura (séc. XX); Biográfico

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2003

Visitantes 2010 | 460

Implantação Urbana | O município de S. João da Pesqueira, está situado no vale do Douro, em pleno centro do Alto Douro Vinhateiro sendo o maior produtor de Vinho do Porto, situação que, coloca o concelho com a maior área classificada pela UNESCO. Possui o mais antigo foral, o que faz de S. João da Pesqueira a vila mais antiga do país. Composto por 14 freguesias, o concelho regista um grande número de igrejas e palacetes que testemunham diferentes épocas históricas, bem como vestígios arqueológicos deixados por toda a região que confirmam a permanência de civilizações antigas. Situado no centro histórico da vila, o espaço do museu faz frontaria com a Casa dos Távoras, antigo solar doado pelo rei à família no séc. XIV. Na arcada do solar ainda hoje há lembrança da época em que serviu de mercado, no séc. XVIII, e que toda a vila se dirigia à praça para se abastecer. Ainda na Praça da República podemos admirar a Torre do Relógio, preservada até hoje.

Edifício | Mandado edificar por D. Maria I a sua construção data de 1794 (inscrito na frontaria), dois pisos de fachada corrida, com portal decorado a ostentar o brasão real. Foi antigo Paços do Concelho e Cadeia, e em 2003 suporta no seu interior o Posto de Turismo e o Museu Eduardo Tavares.

Metas/ Objectivos | Divulgação do património histórico e arqueológico concelhio, bem como, homenagear a obra do escultor da terra, Eduardo Tavares.

Equipa Técnica | Composta por duas pessoas. Uma responsável pelo atendimento do Posto de Turismo e um técnico responsável pelo museu.

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 pisos, organizados com 3 salas de exposição permanente e uma sala destinada ao posto de turismo, que funciona também como recepção.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A exposição inicia-se no piso inferior com o núcleo de arqueologia, uma recolha de artefactos feita pelo concelho. Espólio datado cronologicamente de há seis mil anos, nomeadamente das escavações efectuadas no abrigo pintado da Fraga D'Aia e no Dólmen de Areita na freguesia de Paredes da Beira, bem como das prospecções realizadas em diversos locais do concelho de S. João da Pesqueira. A sala pretende ser um convite à descoberta e um incentivo à preservação do património histórico-cultural do concelho e das suas memórias, retratadas por artefactos que remontem ao IV milénio a.C. período dos primeiros agricultores do Neolítico, estendendo-se pelo Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Época Romana, Medieval, Moderna até á Contemporaneidade com a constituição do Concelho de S. João da Pesqueira.

O piso superior, reúne um importante núcleo de escultura, doada pela esposa de Eduardo Tavares, à Câmara Municipal. Um espólio riquíssimo que ilustra a carreira e vida do escultor. Nascido em S. João da Pesqueira, a exposição representa cerca de três décadas (1952 a 1982), e apesar de ter vivido grande parte da sua vida no Porto, regressa agora, à sua terra natal através deste museu. Entre o retrato, a estatuária comemorativa, as alegorias e os simbolismos, neste núcleo podemos observar diversos utensílios escultóricos e ter a percepção do percurso do escultor, por catálogos de exposições em que participou. A sua vida e a sua obra num núcleo escultórico, bastante representativo do trabalho do artista plástico, e o facto de termos duas salas de exposição neste piso, vão permitir que cada uma delas assuma discursos distintos da obra do escultor. Numa primeira abordagem, podemos encontrar referência à forma como trabalhava e estão expostas a estatuária alegórica e simbólica, painéis de alto-relevo com a mesma temática, crucifixos e dois retratos. Na segunda sala estamos perante, um maior número de retratos, bustos de celebridades, o processo que existe até chegar ao bronze e estatuária comemorativa.

Colecção | Todas as peças estão inventariadas e de uma forma geral em bom estado de conservação. A colecção é composta por peças originais e incorporou o museu por doação da viúva do escultor e por recolha em escavações efectuadas no concelho pela autarquia.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Proporciona visitas guiadas. O museu é contactado com alguma regularidade por escolas da região, pelo Turismo Sénior e pelo Curso de Arqueologia, da Faculdade de Vila Real.

Comunicação | O logótipo, é composto por tipografia com *lettering* simples sem serifas, cujo símbolo é preenchido por um M de dimensões superiores. A cor usada é o branco, e nos diferentes registos em que é aplicado, contrasta com um fundo azul. Publicações foram lançadas pela autarquia, entre elas, os *flyers* do Museu, desdobráveis gratuitos com um conjunto geral de informação do edifício, história do museu e dos núcleos expositivos. Das edições é de salientar o catálogo do museu, que incide sobre a vida e obra do Escultor Eduardo Tavares. Quanto à sinalética exterior, há diversas placas identificativas pela vila. O edifício é identificado por uma faixa exterior, já bastante degradada. No interior do museu as salas estão identificadas por um painel azul que se encontra na entrada do núcleo de arqueologia, onde as diferentes exposições são sinalizadas.

A informação, dependendo dos núcleos de exposição, é apresentada em diferentes suportes. No núcleo de arqueologia, o contexto das peças é dado por cartazes, com imagens detalhadas do local das escavações. Os painéis são azuis em contraste com o cinzento das paredes, divididos, entre o azul do cabeçalho com o título e o restante texto impresso a branco em fundo cinzento (mais escuro que a parede). Texto composto por 6 linhas, com espaçamento entre linhas considerável e letra simples, o que permite uma boa leitura. Dentro das vitrinas a peças são identificadas com uma legenda impressa em cartão, com a informação essencial de cada peça (nº inventário, designação, proveniência, utilidade e ano). As peças de maiores dimensões, colocadas fora das vitrinas são identificadas de forma similar, mas a etiqueta em cartão está segura num suporte metálico. Na sala de escultura, as obras estão identificadas com tabelas de *k-line*, seguras na parede, geralmente do lado direito da obra, a uma altura média. No interior das vitrinas, cada peça tem um número identificativo, e do lado direito inferior, uma tabela com a legenda dos números, que segue a mesma estrutura e material das exteriores. Neste núcleo não temos texto introdutório, apenas a identificação das peças, com a sua designação, material e respectivas dimensões.

Divulgação | A divulgação é feita através do site do posto de turismo, com gerência camarária.

Equipamento | O equipamento é diferenciado consoante as peças apresentadas. Podemos encontrar vitrinas metálicas beges, cujo tampo é vidrado com iluminação interior. As peças maiores encontram-se expostas em pequenos estrados de madeira, assentes numa espécie de gravilha. O percurso é feito da esquerda para a direita segundo uma ordem cronológica. No piso superior, a exposição assume também, estruturas diferentes, as vitrinas servem para expor as ferramentas e catálogos de exposições do escultor, partilham o espaço com os plintos para os bustos, e estrados que servem de suporte para as esculturas de grandes dimensões. Ambos os equipamentos são metálicos, de cor preta. Estruturas esqueléticas com mármore na base e no topo. Os expositores das ferramentas e das publicações são vidrados, como os que se encontram na sala de arqueologia. Os retratos em ambas as salas, estão seguros numa estrutura vertical preta, como uma parede, também ela, metalizada.

Iluminação | Em ambos os pisos temos uma estrutura de iluminação que se repete. Uma calha branca suspensa a percorrer todo o perímetro da sala com focos direccionados de iluminação. Como complemento, na sala de arqueologia as vitrinas têm três lâmpadas tubulares colocadas na lateral dos artefactos. Na sala de escultura, a iluminação é também compensada com a luz natural, vinda das diversas janelas. Uma iluminação difundida e não directa obtida pela colocação de cortinas microperfuradas nas janelas.

Acessos | A transição entre as diferentes salas de exposição, é feita através de um lance de escadas. Na situação do museu ser visitado por público com mobilidade reduzida, a exposição do escultor não pode ser vista.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, com o reforço da funcionária diariamente presente.

Limpeza/ Manutenção | Serviço assegurado pela câmara. Não existe plano de conservação preventiva.

Núcleo Termal do Balneário Rainha D. Amélia | S. Pedro Sul

Telf. 232 720 300

pedrovieira@termas-spsul.com

Responsável | Dr. Pedro Vieira

Horário | Horário do Balneário. Acesso livre.

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático da Ciência/ Técnica

Tutela Privada | Termolistur – Entidade Empreendedora Municipal

Colecções | Equipamento Industrial (séc. XVIII)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2001

Visitantes 2010 | Registo não efectuado

Implantação Urbana | O Núcleo Museológico localiza-se no centro de S. Pedro do Sul, com bons acessos e zonas de estacionamento nas proximidades.

Edifício | O espaço museológico, era o local do antigo Balneário D. Maria, espaço histórico datado de 1894, recuperado e adaptado, sofreu obras em 1998 e abriu ao público em 2001. Este espaço é contíguo ao actual balneário Rainha D. Amélia, tão frequentado por muitos. A título de curiosidade, na proximidade deste edifício, encontra-se o Balneário D. Afonso Henriques, um edifício já em ruínas, ao abrigo do IGESPAR

Metas/ Objectivos | O sentido da criação de um núcleo museológico, surge para retratar a evolução do termalismo, bem como a preservação do nosso património. A prática termal é defendida por muitos, como uma das melhores cura para problemas respiratórios e reumáticos. Hoje, mais do que nunca a sua prática aumentou consideravelmente, e os tratamentos feitos com a água termal são encarados como um benefício para a saúde. A recuperação do espólio, tem igualmente uma vertente turística, que pretende ser mantida pela Termolistur.

Equipa Técnica | Composta por duas pessoas, as vigilantes do balneário.

Orgânica Espacial | O edifício é composto por dois pisos. Acede-se por um amplo hall de entrada, e o visitante que tem interesse em visitar o núcleo museológico dirige-se a um espaço, na ala direita do edifício, onde se localizou o balneário primitivo, D. Maria. O edifício dispõe também de um Auditório e de uma Biblioteca. Os restantes espaços são utilizados para a prática termal e permanência de utentes.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A exposição é de tipologia permanente e no que respeita ao campo temático, podemos observar equipamentos, tecnicamente já ultrapassados da prática termal e um vasto espólio documental (registo de utentes, recibos, receitas...), documentação que caracteriza a sociedade da época.

Colecção | As peças estão catalogadas, mas não como estrutura de inventário. Espólio composto por peças originais, com bom estado de conservação e integraram o espaço expositivo, por transferência.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Visitas guiadas quando solicitadas.

Comunicação | Inexistente

Divulgação | Através do site da empresa Termolistur, contudo a informação sobre o núcleo é mínima.

Equipamento | A exposição é composta por vitrinas que se encontram numa lateral da sala. De madeira clara, com portas na parte de baixo e vidro na parte de cima. As restantes peças de tratamento termal, encontram-se dispostas no centro da sala, sem qualquer sequência. As banheiras mantiveram as fundações originais do antigo balneário.

Iluminação | Assegurada por focos de iluminação direccionada e bastante iluminação natural.

Acessos | Dada a localização do espaço destinado ao núcleo museológico

Segurança | Assegurada pelos vigilantes do balneário.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada por funcionários da empresa Termolistur

Museu Rural de Carvalhais | S. Pedro Sul

Centro de Promoção Social de Carvalhais

3660-061 Carvalhais, S. Pedro do Sul

Portugal

Telf. 232 700 040 | Tlm: 911 021 240

museurural@hotmail.com

<http://museurural.no.comunidades.net>

Responsável | Sílvia Catarina Almeida

Horário | Com marcação de visita.

Bilhete | 1,50€

Vocação | Abrangência Local; Composição Interdisciplinar; Campos Temáticos de Arte/ Etnografia/ Arqueologia/ História

Tutela Privada | Centro Promocional de Carvalhais

Coleções | Etnografia local séc. XIX (trajes, ciclo do linho, o cereal, cestaria, loiças, profissões); Cerâmica (faiança portuguesa); Arte Sacra (paramentos, missais); Arqueologia (pré-história)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2006

Visitantes 2010 | 1200

Implantação Urbana | *“O Centro de Promoção Social é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) fundada em 1991, na freguesia de Carvalhais, concelho de S. Pedro do Sul, com o objectivo de desenvolver actividades no âmbito da acção social, do ensino, da formação profissional e da intervenção cultural, contribuindo para o enriquecimento humano da população regional. Implantado numa zona do interior rural, o CPS tem assumido um papel fundamental na qualificação profissional de recursos humanos e na luta contra os índices de pobreza e a desertificação local.”*³⁰

O espaço do Centro Promocional dos Carvalhais situa-se na antiga fábrica da Igreja. Toda a zona envolvente foi recuperada e surge a proposta para a criação do Centro, ligado a outras empresas. No espaço funciona o Centro, que tem a seu cargo a Creche/ Infantário – Bogalhinha, o Centro de Dia e Apoio domiciliário, o ATL e a Escola Profissional dos Carvalhais. A Carcorest, que explora o restaurante, a cantina, os bares, a pastelaria dos Carvalhais e a das Termas, e o BioParque do Pisão (com campismo). Carva Agrícola, empresa que explora as estufas e tudo o que está relacionado com a agricultura biológica.

Edifício | O espaço do museu está situado no antigo celeiro da Igreja, datado do século XVIII. Sofreu obras em 2006 para dar abrigo ao espólio existente.

³⁰ <http://museurural.no.comunidades.net>

Metas/ Objectivos | Preservar um património etnográfico que está prestes a desaparecer. Mostrar a cultura da região e não deixar cair no esquecimento costumes e tradições que os mais novos desconhecem por completo.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O edifício é composto por dois pisos destinados a exposição. A recepção situa-se na entrada da sala do piso inferior.

Espaço Exposição Temporária | Não existe espaço destinado para o efeito, mas quando se realizam, é no piso inferior com espaço reduzido, ou sempre que possível no exterior do celeiro.

Espaço Exposição Permanente | Encontra-se dividida por três grandes núcleos, etnografia, arqueologia e arte sacra. No primeiro piso encontramos o núcleo de Etnografia, disposto por temas, que se inicia pelo **Vestuário**, onde a palhoça e a bota de cortiça/ madeira era o traje utilizado pelos pastores para proteger do frio e da chuva. A **Faiança portuguesa utilitária**, bem como um conjunto e utensílios para a confecção de ementas, como a Cataplana para as amêndoas doces (típico da região), a panela de ferro para o caldo de cebola e a panela de torresmos, o barro preto de Molelos, a **olaria** com alguidares para fazer a sangria e os enchidos e recipientes próprios para conservar os enchidos, os torresmos, a água e o azeite. O **Ciclo do Pão**, com a respectiva masseira, peneira, pulador, tabuleiro, arca de milho, mangual e maço. O **Ciclo do Linho**, representado pelo tear, ripanço, sedeiro, espanador, fuso, roca, dobadeira e cortiço. Utensílios de **medição do cereal**, como os alqueires. Segue-se a **Carpintaria**, a **Cestaria**, e a **Faiança Portuguesa Decorativa**.

No segundo piso a exposição é iniciada pelo núcleo de **Arqueologia** onde podemos encontrar fragmentos trazidos das escavações feitas no Castro da Cárcoda, como é o caso da caroleira (moer milho para fazer carolas), artefactos que remontam Época Romana, mais precisamente à Idade do Ferro. Tem Sequência o núcleo de **Arte Sacra**, composto por pinturas, paramentaria, documentos bíblicos, arca do Sto. Sepulcro, figuras religiosas e um candelabro (designado por Candelabro das Trevas ou Véu de Cálice).

Colecção | A exposição é de tipologia permanente e composta na sua maioria por peças originais. As peças expostas encontram-se catalogadas, mas não inventariadas. Integraram o acervo, por doação da igreja ou recolhidas da população de Carvalhais. Parte das peças não se encontram em bom estado de conservação, contudo não existe verba para restauro.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | O Centro promove actividades educativas dos 15 aos 18 anos, actividades com grupos mais novos do ATL e ainda actividades para grupos Sénior (Sta. Cruz da Tapada). As actividades são adaptadas ao grupo que vem visitar o museu, são feitas fora do edifício e na maioria são ligadas com a estufa e a plantação de agricultura biológica.

Comunicação | Existem uns pequenos desdobráveis, com alguma informação das peças etnográficas apresentadas na exposição. A sua edição e impressão foram feitas com os recursos disponíveis no centro. As peças estão identificadas com uma tabela de cartolina e não existem textos introdutórios.

Divulgação | <http://museurural.no.comunidades.net>

Equipamento | O processo expositivo é homogéneo em todos os núcleos. Recorreu-se a equipamentos de madeira com vidro no caso das vitrinas ou expositores de centro. No núcleo de etnografia o acervo está disposto nas prateleiras, distribuídas pela largura da sala, à excepção do tear e da masseira, colocados ao centro. Peças de dimensão considerável, são também dispostas ao centro da sala, sobre um estrado de madeira.

O núcleo de arqueologia tem peça colocadas em plintos e artefactos de dimensões mais reduzidas estão dispostos numa vitrina. O núcleo de arte sacra, segue a mesma linguagem museográfica, onde os documentos se encontram em vitrinas, a paramentaria igualmente, e restantes peças, colocadas em plintos ou prateleiras.

Iluminação | A iluminação é feita por focos direccionados em ambos os pisos. O piso superior é também compensado com iluminação natural, embora de uma forma excessiva para as peças de paramentaria e documentos escritos.

Acessos | A passagem do piso inferior para o superior, é feita por um lance de escadarias de madeira, o que se torna um impeditivo para visitantes com mobilidade reduzida.

Segurança | Assegurada pelo centro.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pelo centro

Museu Camila Loureiro | Sátão

Telf. 932 980 005

mlamego.alexandrabraga@imc-ip.pt

Responsável | Dra. Sandra Ferraz

Horário | Mediante pedido de visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local, Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arte

Tutela Pública | Câmara Municipal do Sátão

Colecções | Arte Naïf Camila Loureiro (século XX) – arte primitiva moderna

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2004

Visitantes 2010 | 7000

Implantação Urbana | À Vila do Sátão, foi-lhe outorgado Foral em 9 de Maio de 1111 pelo Conde D. Henrique e Dona Teresa. Com 900 anos de existência, o concelho de Sátão está integrado na região demarcada dos Vinhos do Dão. Caracterizado pelo verde dos pinhais e dos campos, em contraste com os vales graníticos e rochosos atravessados por inúmeros cursos de água, contém extensas vinhas e oferece uma considerável diversidade de castas, bagas, frutos, vegetais e cogumelos, sobretudo o Míscaro, pois a agricultura encarada como o maior meio de subsistência, continua a fazer hoje parte da vida da população. Composto por 12 freguesias, o concelho tem aproximadamente uma área de 200km². O espaço do Museu situado na freguesia de Sátão. Foi edificado, na hoje considerada, zona histórica, e integra uma das muitas edificações de interesse turístico do concelho.³¹

Edifício | Conhecido como a antiga cadeia da vila, vai então ser recuperada em 2004 e reabre ao público com arte naïve que a autora cria propositadamente para o efeito. Estrutura de grades nas janelas, ainda de chave de ferro, o edifício ilustra as cadeias da época.

Metas/ Objectivos | O museu nasce com a doação de uma artista plástica local, Camila Loureiro, hoje a caminho dos 90 anos e residente em Sintra, que oferece um grupo de obras à Câmara Municipal, com a finalidade de exposição. O museu vem também tentar combater o desinteresse da população pela cultura, daí promover com regularidade, actividades que criem dinâmicas na vila.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 pisos, organizados em 3 salas de exposição permanente. As salas de exposição servem também para acolher as actividades de serviço educativo.

³¹ Folheto Informativo cedido pela responsável do Museu

Espaço Exposição Temporária | O espaço destinado a receber exposições temporárias, é antigo Solar dos Albuquerque, que integra o serviço de biblioteca, salão polivalente (exposições, eventos, conferências, auditório) e sala de estudo. Na altura da visita, no edifício estavam apresentadas duas exposições. Uma na recepção, “Os Murais de Abril” com painéis e cartazes da revolução. A outra exposição era de uma artesã local, com o intuito de venda.

Espaço Exposição Permanente | A coleção do museu incide sobre a tipologia da arte - estilo naïve. O acervo é composto por 30 quadros e 9 esculturas, e encontra-se exposto na sua totalidade. Uma pintura sobre o imaginário, de cores pastel e formas geométricas. Uma pintura de interpretação que desperta no ilusório dos mais novos, longas viagens ao mundo da fantasia. A autora na sua pintura faz bastante incidência no tema da maternidade. O piso inferior inicia-se com a pintura, que se estende para a primeira sala do piso superior. A última sala é ocupada por trabalhos escultóricos dentro das mesmas temáticas e por, forma a, despertarem diferentes sensações.

Colecção | Todas as peças estão inventariadas e de uma forma geral em bom estado de conservação. O acervo é constituído por peças originais e foi incorporado pela modalidade de doação de autor vivo.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | O concelho tem por volta dos 4300 alunos, divididos pelas escolas primárias das freguesias e EB 2,3 de Sátão. Apesar do pouco interesse dos professores em contactar o museu para actividades educativas, o próprio museu envia no início do ano lectivo um programa com actividades que podem ser do interesse das escolas. Devido a esta iniciativa tem vindo a crescer o número de escolas, que com regularidade visita o museu. O programa de serviço educativo é variado e adaptado consoante o grupo que visita o espaço museológico, mas é corrente a actividade “Detectives nos Museu” e “Museu em Movimento”. Para além destas iniciativas, o museu propõe com regularidade o intercâmbio com outros espaços museológicos.

Comunicação | Catálogo da exposição, editado em 2004, com valor simbólico de 8€. Exteriormente o edifício é sinalizado com uma placa de acrílico, impressa a dourado. No interior o percurso não é sinalizado pois requer sempre o acompanhamento de um responsável. As obras são identificadas com uma tabela de *k-line* branca, com a designação do ano e da obra.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pela pelo Museu através de cartazes e pequenos programas de actividades afixados na biblioteca, cine teatro e espaço camarário. O site do município e os meios de comunicação local e regional (rádio, imprensa, jornais...) são outra das formas que auxilia o processo de divulgação.

Equipamento | O processo expositivo é simples e não requereu grandes investimentos. Nas salas de pintura as obras estão suspensas, ligadas a uma calha colocada no tecto. Na sala de escultura as obras estão expostas em plintos brancos maciços. O percurso não é estipulado e não segue nenhuma ordem específica. As obras datam praticamente do mesmo período, o que impossibilita uma cronologia expositiva.

Iluminação | A iluminação é feita focos pretos colocados no tecto. No piso superior, principalmente na sala de escultura é também complementado com iluminação natural.

Acessos | O percurso exterior, é acessível e pode ser feito a pé desde o centro da vila. Interiormente a ligação entre os dois pisos apenas é assegurada por escadaria interior. O exterior do museu tem também uma escadaria de pedra que pode dar acesso ao piso de cima, mas geralmente é apenas utilizada pelos responsáveis.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, e apenas se encontra aberto, na presença da responsável.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada por uma equipa da Câmara. Plano de Conservação Preventiva inexistente.

Museu Paroquial Padre Cândido | Sernancelhe

Rua Sr. do Castelo 12 AP 25

3640-231 Sernancelhe

Telf. 254 609 600

Responsável | Padre Cândido Azevedo

Horário | Mediante pedido de visita

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local, Composição Pluridisciplinar; Campo Temático de Arte | Arqueologia/ História

Tutela Pública | Paróquia de Sernancelhe e Câmara Municipal de Sernancelhe

Colecções | Paramentos (séc. XVI a XVIII); Arqueologia Visigótica ao Manuelino (séc. V até XVI); Botica séc. XVIII (estanho, prata e bronze); Missais (séc. XVII ao XX)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2011

Visitantes | Abertura recente. Sem registo significativo.

Implantação Urbana | O edifício situa-se no centro histórico da vila de Sernancelhe.

Edifício | O espaço do museu foi recuperado e adaptado para a paróquia da vila, e já em projecto o piso inferior ser destinado a recolher todo o espólio da igreja, como forma de preservação e dignificação de costumes e rituais religiosos que hoje já não são praticados da mesma forma. O edifício anteriormente era ocupado pelas antigas cavalariças e lojas de habitação de uma casa brasonada, Obras levadas a cabo pela Paróquia de Sernancelhe, com apoios da Câmara Municipal. Abre ao público em 2011.

Metas/ Objectivos | O museu foi criado com o interesse de promover a cultura e fomentar uma comunidade mais activa e participativa em iniciativas culturais.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em quatro salas de exposição dispostas ao longo de um piso. O edifício mantém outros serviços como biblioteca, auditório e residência paroquial, separados do espaço expositivo.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A colecção, está dividida por dois núcleos distintos. Um de arqueologia e outro de acervo religioso. O núcleo arqueológico está organizado segundo uma ordem cronológica. No núcleo religioso, nas primeiras duas salas podemos observar, paramentaria, pluviais com ilhame de prata e tecidos adamascados, frontais de altar (séc. XVII e XVIII), conjuntos completos para as cerimónias religiosas compostos por duas casulas, uma dalmática com respectivo pluvial e estolas, espólio de

diferentes épocas que retrata as cerimónias. Na última sala de exposição o visitante é convidado a ter contacto com utensílios usados para a prática religiosa, boticas (estanho, prata e bronze), missais (em latim, séc. VXII a XX) e relicários de hóstia para velas documentais.

Colecção | Toda a colecção se encontra em bom estado de conservação e é composta por peças originais. No que respeita ao inventário, está em fase de edição, contudo existe uma catalogação disponível. A modalidade de incorporação foi feita por transferência da própria Paróquia.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Visitas guiadas feitas pelo pároco. Quando o museu é visitado por grupos escolares a visita tem uma vertente mais educativa, por forma, a ligar muitas das peças com a nossa história.

Comunicação | Relativamente aos sistemas de comunicação, o pároco não considera relevante. O museu encontra-se identificado no exterior, com letras recortadas em chapa metálica. Mediante a verba, está para ser editada uma publicação sobre a exposição.

Divulgação | Toda a divulgação é feita na missa.

Equipamento | No que respeita a equipamentos, estes foram pensados por forma, a proteger toda a colecção. Na primeira sala, com a colecção de arqueologia, as peças são expostas em estrados metalizados, para não estarem em contacto com o chão. Nas duas salas seguintes podemos observar alfaias religiosas, colocadas em suportes apropriados, fora ou no interior de vitrinas. Os frontais de altar também estão expostos em vitrinas, ou nas paredes ou em vitrinas centrais. A última sala todo o espólio é também disposto por vitrinas ou numa prateleira embutida na parede (no caso de castiçais de prata). Em questões expositivas, a exposição está dividida em núcleos, organizada por ordem cronológica.

Iluminação | Em todas as salas, podem encontrar-se spots de luz embutidos no tecto, que são reforçados por focos com iluminação direccionada. O interior das vitrinas também tem pequenos focos de iluminação de intensidade reduzida.

Acessos | A entrada da unidade é térrea e a ligação, entre as diferentes salas de exposição, é feita por rampa, para permitir o acesso a qualquer visitante. Para além da entrada para os públicos, o museu, tem um acesso a meio da exposição para permitir a entrada e saída das peças caso seja necessário.

Segurança | Com sistema de alarme geral e com a salvaguarda que apenas abre na presença do Pároco.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela Paróquia.

Museu do Imaginário Duriense | Tabuaço

Rua Marquês de Pombal

5050-282 Peso da Régua

Telf. 254 310 190

museu@cm-tabuaco.pt

Responsável | Dra. Cristina Vaz

Horário | Terça-feira a sábado (Verão) das 10h às 12.30h/ 14h às 19h | (Inverno) das 9.30h às 12.30h/ 14h às 18h.
Aberto aos domingos de tarde | Encerra às Segundas-feiras

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Regional, Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Pública | Câmara Municipal do Tabuaço | Museu do Douro

Colecções | Património Imaterial (retrato de uma lenda – 3 olhares de fotografos)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 2009

Visitantes 2010 | 2 000

Implantação Urbana | O município de Tabuaço é composto por dezassete freguesias: Adorigo, Arcos, Barcos, Chavães, Desejosa, Granja do Tedo, Granjinha, Longa, Paradela, Pereiro, Pinheiros, Santa Leocádia, Sendim, Tabuaço, Távora, Vale de Figueira e Valença do Douro. Um lugar onde as lendas atravessam gerações, mas igualmente de histórias autênticas confirmadas pelo extenso património arquitectónico e paisagístico. O rio Douro e seus afluentes, Tordo, Tedo e Távora, realçam toda a grandiosidade que a natureza criou. Noutra vertente o *“vasto património arquitectónico e os inúmeros achados arqueológicos são um convite à descoberta da história e da arte nas mais variadas formas de expressão”*³², terras marcadas pelo rumo da história onde a memória do passado remonta a épocas bem remotas e nos transporta numa longa viagem ao encontro das nossas origens.

Edifício | O espaço do museu, era o edificado da antiga Escola Primária Macedo Pinto (nome da família que mandou construir a escola), que com as reformas educativas e a criação de infra-estruturas escolares, rapidamente se tornou um potencial espaço a ser recuperado e adaptado a museu. O MIDU abre as suas portas a 24 de Janeiro de 2009 com objectivos definidos no que respeita à temática das suas exposições.

Metas/ Objectivos | Na sequência do projecto do Museu do Douro, um verdadeiro museu do território, o Museu do Imaginário Duriense é o primeiro pólo de exposição sobre o património imaterial e a memória de homens e mulheres, que durante séculos trabalharam arduamente na produção e vinhas de alta qualidade que continuam a ser faladas nos cinco continentes. Numa parceria entre a autarquia de Tabuaço e a Fundação Museu do Douro, foi possível dar forma e espaço, enriquecendo o futuro na

³² Desdobrável informativo do concelho de Tabuaço, editado pela Câmara Municipal de Tabuaço

preservação dos valores que o passado nos legou. Concebido para o futuro da região, vai ao encontro de públicos com “alma nova e coração jovem”, porque “o sonho, a capacidade de criar e imaginar é mais veloz do que a luz”³³

*“O MIDU é um espaço de recolha e divulgação de todas as manifestações do imaginário tradicional do Douro, tanto na vertente do património imaterial herdado (lendas, tradições, cancioneiro, romanceiro, etc.), como na vertente da utopia e da imaginação de várias gerações. A sua ligação a espaços de referência de lendas e tradições pretende alargar a acção do museu ao território duriense, através de roteiros de visitas e evocação.”*³⁴ Como principais objectivos o MIDU pretende desenvolver e apoiar a investigação sobre o património imaterial da região do Douro, criando um centro de investigação especializado com recurso a bibliografia e a gravações audiovisuais, promovendo a realização de colóquios, encontros e seminários sobre o património imaterial da região. Desempenhar de forma activa o desenvolvimento sócio-cultural da Região do Douro, a divulgação do património imaterial, através de exposições e de um serviço educativo perfeitamente adaptado aos propósitos estabelecidos.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 pisos, organizados sob a forma de instalação, que retratam uma exposição temporária de longa duração, recepção, biblioteca e espaço Internet.

Espaço Temporária de Longa Duração | Os conteúdos expositivos é para serem alterados de ano a ano numa exposição temporária de longa duração, sempre seguindo a mesma tipologia do património imaterial nas temáticas particulares do lendário duriense. Cenários diversos, com instalações interactivas espelham a Lenda da Calçada do Diabo ou de Alpajares, retratada sob o olhar de três fotógrafos, Egídio Santos, João Paulo Sotto Mayor e Luís Ferreira Alves. O percurso expositivo começa a contar de forma sucinta a lenda ao visitante. A exposição “Olhares sobre Alpajares” inicia-se no piso inferior de estrutura em U, com um percurso da esquerda para a direita. A exposição é apresentada com diferentes estruturas visuais, que constantemente fomentam o corpo do visitante a integrar as instalações propostas, como forma a este se sentir presente nos locais retratados e a ter uma participação activa na rede imagética proposta.

Colecção | Neste caso em particular, a colecção é composta por registos fotográficos e audiovisuais, que retratam um pouco da região de Freixo de Espada à Cinta, mais especificamente Alpajares e a sua tão visitada calçada romana, onde de geração em geração passou a lenda, que esta fora construída pelo Diabo.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Anualmente é desenvolvido um projecto educativo ao serviço dos agrupamentos de escolas do conselho e regiões adjacentes, cuja actividade “Hora do Conto” é feita com regularidade. São promovidas para grupos, visitas guiadas e Café Concertos, aproveitando o espaço envolvente ao edifício do museu. O museu é regularmente visitado pela Universidade Sénior e Escolas da Região do Douro.

³³ Desdobrável informativo do MIDU, editado pela Câmara Municipal de Tabuaço em parceria com o Museu do Douro, texto de José Carlos Pinto dos Santos (Presidente da CM Tabuaço)

³⁴ Desdobrável informativo do MIDU, editado pela Câmara Municipal de Tabuaço em parceria com o Museu do Douro, texto de José Carlos Pinto dos Santos (Presidente da CM Tabuaço)

Comunicação | O logótipo foi criado mediante a missão do museu, o logótipo é composto pelas siglas do seu nome MIDU, com um *lettering* linear, apenas com serifas no “I” e de cor cinzenta. As siglas, dispostas segundo duas linhas de leitura MI, Museu do Imaginário, e DU, Duriense, conferem uma dupla leitura. A primeira remete-nos para o campo temático a desenvolver – o imaginário, o lendário... e a segunda para o Douro, tão importante região do norte. O símbolo com uma forma geométrica que nos sugere movimento, mudança, e com círculos de distintas dimensões, uma vez mais onde impera o movimento e onde, as várias cores nos transportam para diferentes histórias, afunila em direcção às siglas, como se as histórias fossem contadas, através de diferentes suportes, estruturas e dinâmicas, no espaço museológico MIDU. Um logótipo, todo ele estruturado como forma a promover a capacidade criativa do visitante, podendo mesmo transportá-lo para variadíssimos cenários e atmosferas. O MIDU apresenta um pequeno desdobrável informativo sobre a exposição. A lenda é transcrita para o visitante a poder ler e ter vontade de visitar o lugar, de descobrir imaginários de Alpjares, que vão muito além dos olhares representados sob as instalações apresentados no espaço expositivo. O percurso expositivo é-nos indicado por sinalética impressa em alguns dos suportes divisórios que compõem o espaço. De forma clara e pontual, pequenas frases ou palavras, são impressas nos equipamentos expositivos, mantendo presente no visitante, pequenas passagens da lenda retratada.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pelo Museu através de cartazes e pequenos programas de actividades afixados na biblioteca, espaço internet e espaço camarário, através do site do município e por meios de comunicação local e regional (rádio, imprensa, jornais...).

Equipamento | Todo o ambiente é fechado, denso, como que se, nos transportasse para uma atmosfera de serra, no exacto momento em que o Demo apareceu e propôs ao cavaleiro, a construção da ponte, em troca da sua alma. Sobe estruturas cinzentas toda a realidade se mistura a lenda retratada, num cenário nebuloso, é o palco da Lenda da Calçada do Diabo, e o visitante, sente-se a personagem principal. A exposição é apresentada com diferentes suportes, à medida que vamos percorrendo o espaço expositivo. Cada fotógrafo preenche uma determinada área com os equipamentos que considerou relevantes para a transmissão de todas as energias recolhidas no local. Cada autor é identificado no início do seu trabalho, com o seu nome impresso sobre os suportes.

A viagem do imaginário começa. Egídio Santos apresenta o seu trabalho numa estrutura em caixa, onde as fotografias expostas, numa linha recolhida da face da estrutura, são limitadas por espelho, o que permite dar continuidade à fotografia tirada. O segundo autor, João Paulo Sotto Mayor, inicia o seu trabalho com uma instalação onde a fotografia está impressa em pequenas tiras plásticas – sugerindo uma cortina, dispostas sob uma estrutura fechada, onde o visitante tem a nítida sensação de se encontrar no local, no centro da própria serra, com uma vista panorâmica de 360°. O seu trabalho continua, numa apresentação interactiva, onde um conjunto de imagem aparece e desaparece alternadamente em oito ecrãs interactivos, colocados num suporte. Esta dinâmica de imagens é confrontada com uma das frases chave da lenda, quando o viajante recita breves palavras que são um chamamento ao Diabo.

A exposição continua no segundo piso com o trabalho de Luís Ferreira Alves, que de forma mais corporal, convida o visitante a percorrer uma estrutura preta fechada que em cada porta apenas tem luz, numa fotografia do local. Este registo fotográfico feito em sequência permite ao visitante ter a sensação que avança sobre a calçada. No seu término, quando o visitante sai da caixa, é-lhe apresentada uma

estrutura interactiva que mostra doze ecrãs, apenas accionados se o visitante pressionar com o seu corpo o mecanismo do chão. Estes processos expositivos, retratam a própria configuração da calçada em zig zag.

Iluminação | Apresentada de forma pontual, apenas incidente onde necessária, para poder favorecer todo o imaginário do visitante para o cair da noite, o anoitecer, hora em que a personagem do Demo aparece. Aplicada sob a forma de calha suspensa, por cima de cada um dos suportes museográficos, contém pequenos focos com luz direccionada, que incidem em frases chave que nos vão retratando a história ao longo da exposição.

Acessos | O museu para além do lance de escadaria, tem um pequeno elevador de capacidade média, para poder servir visitantes com capacidades motoras reduzidas, a poderem ter acesso ao segundo piso de exposição.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, e como reforço tem diariamente na sua recepção a funcionária responsável.

Limpeza/ Manutenção | A limpeza é feita diariamente nas zonas de passagem e pontualmente nos suportes de instalação. Estes serviços são assegurados por uma equipa da câmara.

Museu do Espumante | Tarouca

Rua Egas Moniz

Tarouca

Telf. 254 677 174

casadopaco@cm-tarouca.pt

Responsável | Dona Maria das Neves

Horário | Com marcação de visita.

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Regional; Composição Unidisciplinar; Campo Temático da Ciência/ Técnica

Tutela | Câmara Municipal de Tarouca

Coleções | Maquinaria Industrial (séc. XX)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2007

Visitantes 2010 | Registo não efectuado

Implantação Urbana | Situada numa das eternidades da freguesia de Dalvares, concelho de Tarouca, a Casa do Paço de Dalvares “(...) *tem uma especial simbologia para a população local, pois durante séculos o dia-a-dia da maior parte dos habitantes da freguesia de Dalvares desenrolou-se no contexto da Casa e bens do Paço.*”³⁵

Edifício | “*Paço, era o conjunto agro-económico formado pelo núcleo base que é a casa ou morado do senhor, nobre, de dois pisos, com escadas de pedra e diversas dependências, fechada sobre si mesma neste caso, em forma de quadrado, no centro do qual ficava um pátio; em volta uma zona vasta de terra que constitui a “reserva” do senhor, normalmente um terreno cercado, delimitado por muros.*”³⁶

Construção, provavelmente do séc. XV / XVI, poderá no entanto ser a reconstrução de outro edificado mais antigo, e percorrendo uma vasta história chegamos a 1894, à morte de D. João Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, Conde e Marquês do Lindoso e senhor do Paço de Dalvares, onde se procede à primeira fase de venda dos terrenos deste senhorio. A segunda fase corresponde à liquidação de todos os bens da Casa do Paço, (incluindo a casa) na década de sessenta do séc. XX, onde se encerra a vida da Casa e propriedades deste conjunto agro-económico, habitacional e Senhorial, onde apenas fica a memória, cada vez mais ténue, apagada e distante. Nos dias de hoje a Casa do Paço, é mais recordada, por ter sido habitada por Egas Moniz do qual distam sete séculos da família dos Marqueses Condes e Viscondes do Lindoso (prováveis descendentes), que em Dalvares estiveram presentes, através dos seus

³⁵ Desdobrável informativo da Casa do Paço de Dalvares, Edição - Câmara Municipal de Tarouca. Textos Cátia Rocha e Amélia Albuquerque

³⁶ Idem

bens, até ao século XX. Recuperada e adaptada a receber diversas estruturas turísticas, o Museu do Espumante da Casa do Paço abre em 2007, as suas obras de reconstrução iniciam-se em 2004, obra a cargo do arquitecto Artur Gonçalves.

Metas/ Objectivos | Retratar um processo com décadas, que nos chega aos dias de hoje fiel às suas origens. O percurso do espumante representado pela antiga maquinaria e recursos. A Casa do Paço e a descrição das várias fases por que passa o espumante situam-se mais no campo turístico, com o objectivo das vendas.

Equipa Técnica | Composta por sete pessoas responsáveis pelo museu e dependências da Casa do Paço.

Orgânica Espacial | Na Casa do Paço, temos integrado diversas valências ligadas ao vinho: CVR - Comissão de Vinicultores, Rotas dos Vinhos de Cister, Museu do Espumante, Sala da Confraria, Salão Nobre (palestras e eventos culturais) e o espaço internet. O edifício está dividido em 2 pisos, o superior ocupado pelo salão nobre e sala da confraria, o inferior dá abrigo à exposição, disposta por três salas e uma sala destinada á venda de produtos da Rota de Cister. Neste piso temos também a sala da recepção e loja, onde se pode degustar o famoso Espumante das Caves da Murganheira.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A colecção é composta pela maquinaria e processo do espumante. Dividida por salas, uma delas com o antigo lagar, outra com a maquinaria que ilustra o processo, de engarrafar até à venda; a última sala, uma representação fiel, como o espumante ficava “a repousar”, e

Colecção | A exposição é de tipologia permanente e composta na sua totalidade por peças originais. Todas as peças estão inventariadas e em bom estado de conservação. Integraram a acervo pela modalidade de doação das Caves da Murganheira.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | São efectuadas visitas guiadas. Os grupos que contactam a Casa do Paço é no sentido de terem uma explicação no que respeita a processo do espumante, como é o caso de escolas e grupos de turismo sénior. Os grupos de Turismo, quando se deslocam a Dalvares, muitas vezes têm traçada uma rota de visita à Torre Fortificada da Ucanha e ao Mosteiro de Nossa Senhora de Salzedas. A ponte, importante edificado histórico, datado do séc. XII, classificada como Monumento Nacional, testemunho da organização senhorial medieva, numa época em que a economia dominical se baseava na cobrança de direitos e foros. Foi mandada edificar pelo Abade D. Fernando para proteger a entrada para as terras do Mosteiro de Salzedas, mandado edificar por Dona Teresa Afonso, mulher de Egas Moniz, também classificado como Monumento Nacional chegou a ser um dos mais ricos mosteiros portugueses, detentor de uma biblioteca notável. Noutra vertente, existem visitantes que procuram a Casa do Paço, no sentido de comprar o espumante.

Comunicação | O Flyer existente, apenas é explicativo da história da Casa do Paço e nenhum apontamento se refere ao espólio do processo do espumante. A sinalética é bastante escassa; no exterior o edifício não se encontra sinalizado, em benefício toda a gente da freguesia, sabe da sua existência. No interior no que respeita às salas de exposição, não se encontram identificadas.

Existem tabelas informativas, apenas numa das salas, onde pode ser percepcionado a antiga maquinaria do processo do espumante; cada máquina está identificada com a sua função. Uma tabela que nomeia o equipamento que legenda.

Divulgação | A divulgação das actividades turísticas desenvolvidas na Casa do Paço, são publicitadas pelo site da Câmara de Tarouca ou através do envio de *newsletter*. Os meios de comunicação local (rádio, jornais...), e a transmissão de “boca em boca”, são também formas de fazer chegar a informação.

Equipamento | O percurso expositivo tem início na sala do Lagar da Prensa, onde as antigas estruturas da prensa do vinho se mantiveram intactas. Alguma maquinaria existente no espaço como depósito. A segunda fase de exposição, tem a máquina representativa de cada fase, colocadas por ordem de execução, começando pelo funcionário que tinha de encher a garrafa da pipa, *Dégorgement, Máquina de espera, Doseadora, Rolhadora, Musseleta, Cápsuladora, Saca rolhas e Rotuladora*. Termina com uma adega com estruturas em madeira, onde o espumante ficava a fermentar. Aos 15 dias, leva 1/8 de volta e depois de ter a volta completa fica em posição de ”pontas” (gargalo virado para baixo).

Iluminação | A iluminação é escassa. Apenas com focos colocados em locais estratégicos, por forma, a compensarem a iluminação exterior.

Acessos | Para o acesso às salas de exposição, na recepção foi colocada uma rampa a pensar em visitantes com a mobilidade reduzida. Para fazer ligação com o piso superior, só através de escadaria.

Segurança | O espaço do Paço, tem integrado um sistema de alarme geral. Só abre na presença de dois funcionários responsáveis.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pelas funcionária que trabalham no local.

Museu Municipal Terras de Besteiros | Tondela

Solar de Santa Ana

Rua Dr. Simões de Carvalho

3460 Tondela

Telm.: 232823400

museu.terras.besteiros@cm-tondela.pt | filipa.gouveia@cm-tondela.pt

Responsável | Dra. Filipa Varela Soares Gouveia

Horário | Terça a Sexta-feira das 10:00H às 12:30h/ 14h as 18h | Sábados Domingos e Feriados | 10h às 13h | 15h às 18h

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Interdisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia/ História | Etnografia/ Antropologia | Ciência/ Técnica

Tutela Pública | Câmara Municipal de Tondela

Coleções | Capela em talha dourada; Arqueologia (pré-história à romanização); História (séc. XIX e XX - formação território – besteiros; Industrialização, caminhos de ferro, Caramulo e os sanatórios); Etnografia Local (ciclo linho, funilaria, cestaria, barro negro, mundo agrícola).

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2010

Visitantes 2010 | 3 015 ano

Implantação Urbana | O espaço do museu, está implantado no centro histórico de Tondela adjacente à Câmara Municipal e ao Tribunal. *“O concelho de Tondela passa a contar com um dos mais significativos equipamentos culturais para a promoção da nossa identidade e para a preservação da nossa história.”*³⁷

Edifício | *O espaço museológico datado da década de 80 foi outrora uma casa particular. O solar como entidade própria, individual com características arquitectónicas setecentistas, reflexo do reinado Joanino “magnânimo”, abençoado pela Santa Sé, é reflexo da família nobre que nele habitou. Casa armoriada, mostrando uma grande erudição arquitectónica que só estaria ao alcance de uma classe dominante na transição do século XVIII para o século XIX, a mesma atinge o auge da sua importância, sendo um dos morgadios mais importantes de Tondela (...). A traça desta casa revela opulência e formas sinuosas de influência barroca, do interior Beirão do país. A sua construção é importante para a história da cidade, uma vez que possui torre não ameaçada e é a única com essas características no núcleo habitacional. (...) Construção, já sem sinais ou características militares, mas que indicia continuar a tradição da casa-torre. A presença de elites, foi uma constante até ao século XX, inicialmente nas mãos de eclesiastas, o morgadio foi habitado por fidalgos, característica muito comum a outros solares do concelho. Ao longo do tempo e do espaço foram levadas a cabo mudanças em prol de um organismo*

³⁷ Catálogo do Museu Municipal Terras de Besteiros, Edição Câmara Municipal de Tondela

*colectivo, e nos anos 80 torna-se núcleo de diversos serviços camarários inclusive da biblioteca.*³⁸ A casa de Santana destinada a acolher a colecção inicia em 2006 obras profundas de recuperação e abre ao público a 16 de Setembro de 2010 com um rico património arqueológico, paisagístico, de arte, dos ofícios, do artesanato e da biodiversidade; um dos maiores pólos museológicos do concelho.

Equipa Técnica | Composta por quatro pessoas, duas técnicas e duas funcionárias da recepção.

Metas/ Objectivos | *“A obra de qualquer museu tem como sustentáculo a existência de uma colecção de objectos, sejam eles de natureza artística, arqueológica, etnológica, científica ou tecnológica. No entanto a sua formação pressupõe também a existência de um programa baseado num conjunto de objectivos que permitam com a sua abertura ao público, a transmissão de uma mensagem cultural”.*³⁹

O município ao ambicionar a criação do museu pretendia conservar com dignidade objectos que espelham a cultura, a história e as tradições desta região. Surge uma necessidade de resposta da autarquia e da população local devido à diversidade e riqueza do património existente no concelho. *“O museu Terras de Besteiros não pretende somente apresentar, desvendar e interpretar objectos, não esquecendo, que na maioria das situações eles não revelam o seu valor só por si, mas também pelo contexto de onde provêm consequentemente pela função que possam ter desempenhado.”*⁴⁰ Com este projecto pretende-se alargar o gosto pela preservação, não se limitando apenas ao espaço do edifício mas de todo um território e monumentos conservados *in situ*.

*“A recuperação do Solar dos Almiros na freguesia de Nandufe, e a sua adaptação a reservas do museu municipal, foi um dos primeiros passos para a consolidação deste projecto. Em funcionamento desde Janeiro de 2005, este espaço destinado à instalação e acondicionamento das colecções, bem como aos serviços de conservação e restauro, revela-se uma admirável infra-estrutura do museu, pouco visível no panorama museológico nacional. Este espaço encontra-se também preparado para proporcionar a um tipo de público especializado (estudantes, investigadores), o acesso às colecções do museu, bem como a um amplo conjunto de materiais e informações relacionadas com as temáticas abordadas.”*⁴¹

Orgânica Espacial | O edifício é composto por 4 pisos. O piso inferior (-1), com arrumos de limpeza e material. O piso 0, com a recepção, espaço de cafetaria, loja, auditório e espaço de exposições temporárias e início da exposição permanente. O piso 1 com área de exposição e Centro de Documentação (biblioteca). O piso 2 com uma sala polivalente, gabinete técnico e o sótão com sistema de asnas, onde por vezes é um espaço dedicado a actividades de serviço educativo.

Espaço Exposição Temporária | Existe um espaço próprio para a apresentação de exposições temporárias, situado no piso 0. Na data da visita não se encontrava nenhuma exposição presente. Para além deste espaço, situado no edifício do museu, existe ainda um Centro de Exposições, situado no antigo mercado de Tondela, também da tutela Camarária. Apesar da Vocação do museu ser directamente ligada ao Território de Tondela, não se torna impeditivo de realizar exposições temporárias fora desta temática.

³⁸ Catálogo do Museu Municipal Terras de Besteiros, Edição Câmara Municipal de Tondela

³⁹ Idem

⁴⁰ Idem

⁴¹ Idem

Agendada para o mês de Outubro uma exposição de Instrumentos Musicais Chineses, que se vai encontrar patente no Centro de Exposições, por ter uma área mais considerável para dignificar a exposição.

Espaço Exposição Permanente | O discurso museológico foca-se na acção do homem no território, a forma como o moldou, transformou este território peculiar. O homem como vector fundamental para a percepção dos ciclos da vida ao longo da história. A exposição está dividida em dois pisos num discurso diacrónico, onde impera a crescente evolução das Terras de Besteiros, numa sucessão do tempo. O processo dinâmico de um território em constante mudança que espelha a nossa realidade actual.

A exposição inicia com a evolução do homem no conselho, representada por artefactos e arte pré-histórica, provenientes de espaços arqueológicos do conselho, como são os casos da *Arquinha da Moura* e *Molelinhos*, onde são retratados o Megalitismo, a Idade do Ferro e a sua sucessão histórica na Romanização, Idade Média, a Fé dos Homens, a formação do território Terras de Besteiros e a evolução dos seus antigos municípios. Avançamos cronologicamente, e percorremos a História dos séculos XIX e XX, onde questões pertinentes da evolução da comunidade são retratadas com a Industrialização, com o aparecimento da linha de Caminhos de Ferro, com a evolução fulminante do Caramulo e a crescente construção de Sanatórios. Neste piso, são em simultâneo retratadas *“actividades ancestrais de auto-suficiência humana como a agricultura, o cultivo do linho, a funilaria, a cestaria, o barro negro e a pisoagem do burel com que se fabricavam as capuchas.”* (...) *“Descobrimo este equipamento cultural o visitante poderá viver uma experiência sensorial sobre este Território percorrendo-o através de uma viagem ao passado e ao presente, abrindo portas ao futuro de um concelho singular.”*⁴²

Colecção | O acervo e colecção apresentada, são compostas na sua totalidade por peças originais, optando-se por uma reconstituição em determinados artefactos do megalitismo, como forma a uma melhor percepção dos objectos. A exposição apresentada é de tipologia permanente e no geral assume um bom estado de conservação. Em questões de acervo existente, todas as peças estão devidamente tratadas e as que necessitam em fase de restauro. Segue as normas de inventário, em programa informático, que não o matriz net, pois na fase da aquisição ainda existiam parâmetros a que este não dava resposta positiva.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | O museu proporciona visitas guiadas aos diferentes públicos. Geralmente o espaço do museu é contactado pelas comunidades escolares das 26 freguesias que integram o concelho. São regularmente visitados por grupos de turismo sénior do INATEL, contudo o maior número de visitantes registado desloca-se de várias zonas do país e também do estrangeiro sendo os públicos locais com valores bastante reduzidos. Com grupos de creche e primeiro ciclo são feitas actividades mais dinâmicas e motivadores para a faixa etária em questão. A hora do conto ou actividades plásticas relacionadas com as diferentes temáticas expositivas (permanentes/temporárias). É de salientar que o espaço do museu, apesar de ser uma infra-estrutura relativamente recente, pelo facto de já ter admitido o acervo num espaço provisório, foi adquirindo terreno junto das comunidades próximas, factor que melhorou, consideravelmente, a visão dos habitantes de Besteiros sobre os valores patrimoniais, contudo, ainda não o suficiente para os tornar activos e regulares nas visitas ao museu.

⁴² Catálogo do Museu Municipal Terras de Besteiros, Edição Câmara Municipal de Tondela

O espaço de reserva proporciona ainda, com alguma periodicidade, iniciativas de seminários, workshops e afins relacionados com os artefactos presentes na exposição permanente. Um infinito número de temáticas que permitem conjugar diferentes actividades para diferentes idades.

Comunicação | O logótipo é composto por um símbolo e uma seta apresentada de cor vermelha. A simbologia da cor, remete para o sangue de boi, e a seta para dois conceitos, o de desenvolvimento do concelho e o de alusão a uma besta, arma utilizada para defesa, caça e lazer. A tipografia utilizada foi desenhada propositadamente para o museu. Letra com serifas e de fácil leitura. O logótipo é aplicado em diversos suportes gráficos do museu nomeadamente é utilizado como sinalética interior onde a própria seta indica ao visitante o percurso a seguir. O museu dispõe de um desdobrável, oferecido gratuitamente ao público, com informação generalizada no que respeita ao espaço do museu e respectiva colecção apresentada. Também é disponibilizado ao visitante um catálogo que de forma mais aprofundada nos fala sobre a própria região de Besteiros, sua evolução a nível social e patrimonial. Nele encontra-se uma descrição mais detalhada no que respeita a cada núcleo expositivo. Muito antes da inauguração da sede do museu Terra de Besteiros, procedia-se à edição de um boletim cultural com lançamentos semestrais onde são tratadas as diferentes actividades feitas no concelho para além de integrar artigos mais especializados sobre as diferentes colecções que integram o espaço do museu. O museu, dada a consistência cenográfica empregue no discurso, e a estruturação de uma imagem que descodificasse a sua vocação, serviu-se destes sistemas e editou alguns materiais de *merchandising*, marcadores de livro, canetas, etc. que assumem a dupla função de recordação e ao mesmo tempo de divulgação da própria instituição.

Os sistemas de comunicação que estabelecem a ligação entre os públicos e a exposição são diferenciados contudo seguem uma aplicação semelhante nos diferentes núcleos expositivos. Cada núcleo admite um texto introdutório explicativo do mesmo. Nestes, a linguagem museal empregue é acessível contudo são demasiado extensos. Recorreu-se a um tipo de letra simples e a um espaçamento entre linhas indicado para uma leitura acessível. No que respeita ao acervo exposto, é identificado, ou nos próprios equipamentos expositivos ou apresentado em tabelas gravadas em PVC e colocadas no interior das vitrinas. Em contraste com muitas unidades visitadas pelo distrito, este museu recorre a diferentes sistemas interactivos que ajudam o visitante a ter uma melhor percepção das peças apresentadas. Sistemas que despertem o visitante, a percorrer todos os temas da exposição.

Divulgação | O museu estabelece a comunicação com os públicos através do site do município de Tondela. Reencaminha, sempre que necessário, a programação para a listagem de contactos que admite em sistema de dados. O boletim cultural é também uma forma de divulgação do museu às comunidades.

A divulgação faz-se ainda através de cartazes e desdobráveis distribuídos pelo concelho para além do recurso dos meios de comunicação social de âmbito local e regional

Equipamento | O cenário apresentado faz a distinção entre dois grandes núcleos. Um que remete para as nossas origens mais remotas e que nos transporta para ambientes da idade do pré-histórica onde toda a envolvente da exposição recorre cor à preta. As diferentes salas, mediante o sítio arqueológico que representam e o respectivo acervo, recorrem a diferentes sistemas de imagens que nos dão a ideia da utilização e construção desses mesmos artefactos.

O outro, em contraste, é apresentado com a cor branca e traduz as técnicas e a evolução do concelho em épocas mais próximas da actual. Os cenários para além da cor e de diferentes imagens dos locais de origens dos objectos, são sempre identificados com os títulos de apresentação do núcleo com diferentes de letra e dimensões o que sugere uma dinâmica expositiva acentuada. Um núcleo em particular, que remete para a criação da estância sanatorial do Caramulo e que dispõe de um sistema multimédia cujo som mantém constantemente presentes sintomas dos doentes tuberculosos. A sala que faz ao visitante uma contextualização aos habitantes tondelenses serve-se de diferentes registos fotográficos colocados em paralelo com a informação. A última sala recorre uma vez mais a sistema multimédia onde o visitante pode visualizar um vídeo sobre novos conceitos em desenvolvimento do concelho.

O primeiro piso de exposição reúne um conjunto de artefactos arqueológicos apresentados na sua maioria em vitrinas suspensas de cor preta e envidraçadas no topo e à frente. Esse discurso mantém-se por praticamente todo o piso inferior, contudo a partir da romanização o ambiente transita para a cor branca. O piso superior recorre essencialmente a plintos e estrados no centro dos diferentes núcleos expositivos que simultaneamente servem de suporte para as peças e como forma de criar uma dinâmica expositiva pelas suas diferentes alturas.

Iluminação | O sistema de iluminação é semelhante no decorrer dos diferentes núcleos expositivos. São aplicados no tecto, focos de iluminação ambiente direccionada. Como complemento, as vitrinas permitem iluminação direccionada sobre as diferentes peças expostas.

Acessos | A ligação, entre os pisos do edifício, pode ser feita por escadaria ou por elevador.

Segurança | Assegurada pelas funcionárias do Museu.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela Câmara.

Museu do Caramulo . Fundação Abel e João Lacerda | Tondela

Rua Jean Lurçat, 42

3475-031 Caramulo, Portugal

232 861 270

www.museu-caramulo.net

www.facebook.com/museudocaramulo

susana.tavares@museu-caramulo.net

Responsável | Dra. Susana Tavares

Horário | Verão | 10h.13h | 14h.18h . Inverno | 10h.13h | 14h.17h

Bilhete | 7€ pessoa (desconto p/grupos, estudantes e +65)

Vocação | Abrangência Internacional, Composição Pluridisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia e História | Ciência, Técnica e História Natural

Tutela Privada | Fundação Abel e João Lacerda

Colecções | Pintura Portuguesa (séc. XVI a XX); Pintura Estrangeira Contemporânea (séc. XIX e XX); Tapeçarias *Tournai* (séc. XVI); Arqueologia Egípcia; Escultura; Cerâmica; Mobiliário; Colecção de Automóveis (1888 – 1950)

Verba Anual | De acordo com o plano anual de actividades

Inauguração | 1959

Visitantes 2010 | 30 000 ano

Implantação Urbana | Situa-se numa das zonas mais altas do Caramulo. Inicialmente com grande afluência de pessoas, a zona do Caramulo, era visitada por muitos pela qualidade e pureza do ar, propício à cura de doenças do foro respiratório. O desenvolvimento foi massivo com a construção de sanatórios para os doentes poderem ficar isolados das famílias, e as poucas construções de habitação pertenciam a familiares que os visitavam. Um espaço com uma dinâmica própria, onde todas as infra-estruturas criadas em paralelo, serviam, inteiramente, para apoiar tuberculosos. Nos anos 50, com a descoberta da cura, o Caramulo deixou de ser procurado, e para evitar que caísse no esquecimento, e de repente se tornasse numa serra fantasma, o pai de Abel e João Lacerda, responsável pela criação dos sanatórios, idealiza uma forma de dar continuidade ao seu trabalho, com a construção de uma fundação de arte.

Edifício | Lembrar o trabalho de uma vida, e dinamizar uma serra responsável pelo auxílio a uma doença contagiosa, que outrora provocou tantas mortes, surge em 1953 o mote para a criação de um museu de arte, na sequência de um enorme acervo já existente com o gosto pelo colecionismo de Abel Lacerda. Reúne inicialmente todo o seu espólio em instalações provisórias e a 20 de Junho de 1959, inaugura com a colecção de arte. A título de curiosidade a sala do piso inferior do edifício, destinada a receber exposições temporárias, aquando da inauguração é ocupada por alguns automóveis antigos da colecção privada de João Lacerda, e a título de sugestão do então Presidente da República Américo Tomás, esta pequena mostra automóvel, ocupa hoje em dia um segundo pavilhão construído a dar continuidade à

inicial colecção de arte. Hoje erradamente, este pavilhão emblemático de automóveis antigos é a temática que dá o “nome” ao museu e passou a ser a principal atracção dos visitantes, que desconhecem o inicial núcleo expositivo

Metas/ Objectivos | Proporcionar que a Serra do Caramulo continuasse a ser visitada e que o medo de se entrar nessa zona, fosse esquecido. A desertificação foi o principal motivo que levou à criação da fundação, pois, observar a decadência de um local que outrora tinha sido designado como um dos mais influentes do país, tornava-se demasiado penoso para o fundador dos sanatórios, Jerónimo de Lacerda.

Equipa Técnica | Composta por dois directores, duas funcionárias de secretaria e uma de serviço educativo.

Orgânica Espacial | O espaço do museu está dividido em 2 edifícios. O inicial encontra-se dividido em 2 pisos de estrutura em U, subdivididos em diversas salas de exposição organizadas por núcleos expositivos distintos. O piso superior com 8 salas de exposição permanente e o piso inferior, com parte de exposição automóvel (arranque manual), veículos motorizados de duas rodas, e com um espaço dedicado a receber exposições temporárias. A colecção termina a sua mostra, com 1 sala que recebe Brinquedos e miniaturas. Este piso ainda recebe, a recepção, o escritório administrativo, o arquivo e a biblioteca. O outro edifício dá abrigo à loja e cafetaria de um dos lados, e do outro, um pavilhão amplo com *mezanin*, que se destina a veículos automóveis de arranque eléctrico.

No que respeita ao espaço dedicado para as actividades de serviço educativo, desde a entrada no RPM, foram integradas práticas educativas que têm uma sala preparada para o efeito, em algumas situações, caso se justifique, estas actividades são feitas nas salas de exposição e na grande maioria dos casos, dado o privilégio do museu dispor de uma extensa área exterior, sempre que possível as actividades são feitas ao ar livre. Nos dois edifícios, nenhum deles tem espaço dedicado a reservas, contudo, devido ao aumento da colecção, tornou-se fundamental a sua existência, e de momento as reservas são deslocadas do espaço do museu, numas oficinas que pertencem à fundação.

Espaço Exposição Temporária | O espaço destinado a acolher a exposição temporária, localiza-se no primeiro piso do edifício inicial. Uma sala ampla que na data da visita expunha A ARTE DA GUERRA | Propaganda da II Guerra Mundial. Esta sala estava dividida com paredes de *pladur*, (anteriormente aproveitadas para outras exposições) que suportavam cartazes de publicidade do tema, vitrinas pontuais com propaganda de formatos mais reduzidos e dispunha também de equipamentos interactivos áudio e visuais.

Espaço Exposição Permanente | A colecção de arte ocupa o piso superior do edifício inicial, e encontra-se dividido em 8 salas de com núcleos diferenciados. Divididas por temas e também segundo uma ordem cronológica, a exposição inicia-se com artefactos pré-históricos, na sua maioria pertencentes a uma colecção particular, doada ao museu. A sala 2, a dos descobrimentos, onde uma ténue linha separa o oriente do ocidente, dispõe ao visitante a observação de ourivesaria, mobiliário e têxteis de diferentes países, cerâmica oriental muito representativa das influências e mistura de culturas.

A terceira sala, expõe prata, ourivesaria e vidro e regista um notável acervo de pintura flamenga. A sala 4 apresenta um exímio núcleo de cerâmica, não apenas em peças representativas de diferentes estilos

européus, mas também pela importância que tiveram na evolução cerâmica. A sala 5, mantém ainda um pequeno núcleo de cerâmica, paramentaria e faz a passagem para a sala seguinte com a introdução de uma pintura de Domingos Sequeira. A sala 6, é um exemplar retrato de pintura dos séculos XIX e XX, com obras notáveis de Anastácio Gonçalves, Silva Porto, Rodin, George Kolbe, António Soares, Medina, entre outros. A sala 7 expõe uma pequena mostra de movimentos da pintura contemporânea como Eduardo Nery, e uma mostra significativa de peças escultóricas do mesmo período. A sala 8 termina com grande valor com movimentos contemporâneos mais presentes na memória do público em geral, como Vieira da Silva, Amadeu de Sousa Cardoso, Júlio Resende, Júlio Pomar, Salvador Dali, Picasso, Miró, Chagall artistas plásticos com referências em pintura e escultura.

No piso inferior do edifício inicia o seu percurso da esquerda para a direita, tal como o superior, e começa com a exposição dos primeiros veículos motorizados de arranque manual. Também por ordem cronológica este núcleo, com duas salas, tem também uma pequena mostra de bicicletas e de veículos motorizados de duas rodas. Em 2004 foi introduzido na colecção o espólio de Brinquedos e Miniaturas, peças vindas de uma colecção privada, doada ao museu, que se encontra exposta na última sala deste piso (depois da saída da sala de exposições temporárias). O outro edifício assume um espaço expositivo amplo, com uma *mezanine* no sentido longitudinal do espaço. Uma vez mais sob a forma cronológica, os veículos motorizados de arranque eléctrico, estão subdivididos em categorias (desportivos, de competição, blindados, do exército, os clássicos de sempre pela potência e beleza do seu design inovador, etc.), colecção que documenta bem o primeiro século de vida do Automóvel em Portugal.

Colecção | Todas as peças estão inventariadas ainda em formato manual, adquiridas por compra e doação; de uma forma geral o estado de conservação do núcleo de arte é médio e do núcleo automóvel encontramos um bom estado de conservação.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Com a anexação na Rede Portuguesa de Museus em 2005, o museu faz a integração de práticas educativas. Para além de grupos que se deslocam ao espaço para actividades fixas anuais, o museu é visitado por escolas, juntas de freguesia, turismo sénior e grupos das Termas S. Pedro do Sul. Com maior regularidade o museu é visitado por escolas da proximidade, no sentido de desenvolver a disciplina de história da arte, no caso de cursos profissionais para as questões de mecânica automóvel e por grupos do pré-escolar para Ateliês de Expressão Plástica.

Comunicação | O logótipo de estrutura rectangular, é uma forma estilizada do edifício do museu. Com *lettering* simples de espessura larga, sem serifas. A sua cor azul, pode remeter para a pureza do ar da Serra do Caramulo. Aplicado em todas as publicações do museu e desdobráveis. No exterior do edifício aparece aplicado numa lona plástica, identificativa do edifício. No conjunto de publicações levadas a cabo pela fundação, o flyer do Museu é um desdobrável gratuito com um conjunto geral de informação do edifício, história do museu da colecção que dele faz parte. Existe também um folheto do formato circular, que contém de forma detalhada os eventos anuais a decorrer no museu, principalmente as actividades educativas. Outras publicações remetem para a colecção do museu, detalhando a sua origem e a significativa percentagem que adquirem no discurso museológico.

No exterior a sinalização para o museu foi reforçada recentemente no IP3 e na A25, as restantes placas identificativas já estão dispostas pela zona do Caramulo. O edifício é identificado exteriormente com uma

lona plástica branca aplicada do lado esquerdo da fachada do edifício. Nos locais de exposição o visitante é indicado pelo guia do percurso a seguir e em locais estratégicos, tem uma indicação impressa em *k-line* branco a referir o grupo expositivo a visitar. Ao longo do percurso expositivo a localização das tabelas vai alterando consoante a peça apresentada. As pinturas, esculturas e tapeçarias são identificadas com tabelas de polipropileno, de cor cinzento-escuro e gravadas a branco, nelas constam o número de inventário, o doador (caso tenha sido a modalidade de incorporação), suporte e materiais, autor, período artístico a que se refere, bem como um pouco da sua história. Dentro das vitrinas as peças são identificadas com estruturas de acrílico com uma tabela impressa em papel, e caso necessário no exterior da vitrina, como reforço, é colocada a tabela anteriormente referida com breve história do grupo de objectos expostos. Na colecção automóvel os recursos utilizados, são suportes pretos metálicos de chão, com a identificação do veículo, ano, marca e modelo, fabricante e especificações técnicas do mesmo.

Divulgação | O museu dispõe de site com a informação detalhada sobre o seu acervo, espaço envolvente e actividades promovidas, e de 3 em 3 meses faz o envio de *newsletter*, com actividades a decorrer. A manutenção destes sistemas em rede é feita por uma empresa de comunicação privada, Porter Norelli. O espaço encontra-se também divulgado no site da RPM, por também fazer parte integrante dos museus da rede. O museu ao longo dos anos, foi adquirindo um número considerável de parceiros, que actualmente são a parte fundamental do processo de divulgação. Entidades que divulgam as actividades promovidas pela fundação e que têm a sua cota parte representativa em práticas educativas. De referência podemos referir a Câmara Municipal de Tondela, o ACP (Automóvel Clube de Portugal), BPI (como mecenas), Inutroton, InterCycling e a Casa do Mel. BAVIERA, ACERT e a Fábrica das Águas (Caramulo).

Equipamento | No que respeita ao projecto museográfico, este vai ser distinto, consoante a colecção apresentada. No piso superior onde se encontra a colecção de arte, a exposição está dividida por núcleos, apresentada de forma cronológica e com um percurso definido de estrutura em U. Ao longo de todo o piso, temos um ambiente luminoso, com chão de mosaico creme, paredes forradas a bege, com um material específico para a humidade. Um pouco para criar contraste e para orientar o visitante que entrou noutra núcleo, as salas são separadas por uma ombreira de granito acastanhado, que marca também todo o perímetro de rodapé do piso. Construído de raiz e já preparado para a colecção existente, as vitrinas e plintos existente foram preparados para o local, e são apresentados de uma forma embutida, como se pertencessem à estrutura do edifício. O tom é o mesmo da parede e para demarcar a linha do chão, apresentam a mesma aplicação de rodapé de granito.

Os plintos são estruturas maciças, as vitrinas são de estrutura metálica com prateleiras de vidro (suspensas ou até ao chão), as vitrinas de centro, para a colocação de artefactos e peças de dimensões mais reduzidas, são também em metal, vidradas em todas as laterais exceptuando a base. Como medida de conservação e anti-roubo, as pinturas estão revestidas com um painel de vidro acrílico com peças tubulares metálicas nos cantos para fixação na parede. Molduras de grandes dimensões e tapeçarias, expostas na parede, através de cabos de aço, afixados no rodapé do tecto. No geral o processo expositivo foi pensado, por forma, a manter a amplitude dos espaços e em cada uma das salas apenas existe um elemento expositivo central (vitrina ou plinto de escultura), ou um local de fruição das obras. Estes elementos não são impeditivos de uma circulação desimpedida dos visitantes.

No piso inferior, na sala automóvel, estes são localizados numa das laterais da sala e a outra metade é zona de circulação. O percurso em U mantém-se, e em todas as salas como medida preventiva, é usado um sistema de corda para impedir a passagem dos visitantes para junto dos veículos. Salas brancas e luminosas que de quando a quando apresentam painéis vermelhos com registos fotográficos da época dos veículos expostos, ou placas originais das marcas de combustíveis ou os recipientes dos mesmos. Uma forma dinâmica de registar pequenas particularidades dos veículos da época.

No segundo edifício o espaço expositivo é amplo devido aos conteúdos apresentados serem de dimensões consideráveis, os veículos estão colocados na diagonal para se ter uma melhor visualização. Também delimitados por um sistema de corda, como forma de prevenção, o discurso é apresentado por categorias e, por forma, a conferir uma maior harmonia ao espaço, nas paredes foram colocados cartazes de eventos automóveis, convenções e exposições de veículos, filmes sobre corridas, antigos motores, gasoleiras, e chapas de matrícula e no início da sala uma vitrina branca com prateleiras de vidro, com outros registos importantes de dimensões reduzidas. Pequenos objectos que proporcionam uma narrativa mais concisa da história automóvel, onde ressalvo a particularidade, dessa parede de entrada ser pintada com uma quadrícula preta e branca, como a bandeira que marca o início e final das corridas. Na temática dos veículos de guerra, estes encontram-se expostos num cenário mais recatado e menos luminoso, que nos remete para a sua realidade. A sala de brinquedos e miniaturas, é ocupada por vitrinas de madeira, totalmente preenchidas com veículos de todas as naturezas. Não com um discurso museográfico pensado, mas dividido por categorias, cronologia e material, são um importante espólio exemplificativo da realidade do modelismo na área dos veículos.

Iluminação | No núcleo de arte, apresentada no piso superior do edifício inicial nenhuma das salas de exposição tem janelas para o exterior, logo, totalmente desprovidas de iluminação natural. Todas as salas têm tectos falsos, cujo centro é recolhido e em todo o seu perímetro, existe iluminação, que permite criar um ambiente acolhedor. Esta iluminação ambiente é compensada com uma calha aplicada na parte mais saliente, com focos direccionados de iluminação. Ainda, dentro das vitrinas, estas são reforçadas com iluminação lateral ou superior. Na sala automóvel deste edifício, situada no piso inferior, na parte virada para o exterior do edifício de forma métrica vão aparecendo janelas para o exterior, com iluminação natural (não directa mas a suficiente em termos de conservação) para reforço é colocada uma calha a todo o seu comprimento da sala com focos de iluminação direccionada. De forma pontual, e à medida que vão surgindo painéis de parede falsa, com alguns registos do mundo dos automóveis apresentados (fotografias, cartazes, placas originais de combustíveis ...), os focos de iluminação são também colocados, para criar no visitante um outro ponto de interesse. A sala de exposições temporárias da mesma forma que a anterior, mantém uma calha com focos de luzes a toda a largura e estes são direccionados para o local mais vantajoso dentro do programa museológico proposto. Nesta exposição em particular, existe também iluminação dentro das vitrinas expostas.

No edifício 2, a sala de exposição automóvel dispõe de três registos de iluminação. A principal é a iluminação natural, pois uma lateral do edifício é toda vidrada, onde apenas para cortar a intensidade, são utilizados estores metalizados. A outra frente do edifício, mantém o mesmo registo no piso superior e na parte inferior tem rasgos no tecto com iluminação embutida. Para reforço e principalmente para

compensar a pouca iluminação exterior de inverno, a todo o comprimento da sala, existe uma calha com focos de iluminação.

Acessos | O museu apenas dispõe de um lance central de escadaria no edifício principal, o que impossibilita muitos visitantes com mobilidade reduzida a visitar o piso de arte. No edifício 2, por ser um edifício térreo qualquer visitante pode ter acesso, contudo na sala de exposição automóvel, o patamar superior, uma vez mais, apenas tem acesso por escadas.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, que é reforçado pelos guias que acompanham a visita, e recepcionistas.

Limpeza/ Manutenção | A nível de conservação preventiva, é feito um relatório de controlo diário, com o registo da temperatura e humidade. Na construção do edifício todas as paredes foram forradas com um material aveludado para evitar humidades. A restante limpeza é feita diariamente nas zonas de passagem e pontualmente no interior das vitrinas e suportes que sustentam as peças. Estes serviços são assegurados pela fundação.

Museu Rural de Pendilhe | Vila Nova Paiva

Travessa Alto da Lameira

3650 – 032 Pendilhe

Telf. 232 374 129

mueu.pendilhe@cm-vnpaiva.pt

Responsável | Tatiana Canceiro

Horário | Terça-feira a sábado das 16h às 19h | Encerra às Segundas-feiras

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição interdisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Etnografia/ Antropologia

Tutela | Câmara Municipal de Vila Nova Paiva

Colecções | Etnografia Local séc. XIX (agricultura, transportes, habitação); Arte Sacra

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2009

Visitantes 2010 | 350/ ano

Implantação Urbana | Situa-se no centro da aldeia de Pendilhe, e surge na sequência de um projecto do Município de Vila Nova de Paiva, co-financiado pela União Europeia no âmbito das políticas do desenvolvimento rural. O enquadramento geográfico da sua implementação foi decisivo, pois não só o espaço do próprio museu é parte integrante do acervo, mas toda a zona envolvente, por se encontrar inserido na aldeia com casario típico, zona de tanque, forno e espigueiros comunitários. A sua construção foi feita no local da eira comunitária, um espaço de memórias, de encontros sazonais por parte da comunidade, para o tratamento do cereal.

Edifício | Construído de raiz, o espaço do Museu Rural de Pendilhe, inaugura a 5 de Outubro de 2009. Com uma estrutura contemporânea, mas perfeitamente integrada na envolvente rural. Pela sua orgânica paralelepípedica e recurso a materiais actuais, consegue entrar em contraste com os elementos rurais, contudo, os materiais foram aplicados de uma forma, que se encontram revivalismos dos conceitos arquitectónicos usados na época. A título de exercício, podemos comparar a sua aparência exterior com os espigueiros adjacentes.

Metas/ Objectivos | *As funções museológicas integram-se na reflexão mais vasta sobre a vida material, social e simbólica das comunidades rurais. (...) o Museu acolhe no seu programa de exposições e serviço educativo as manifestações criativas e interdisciplinares que interpretam possibilidade de reconversão e sobrevivência do mundo rural.*⁴³ Um projecto que surge com o objectivo de apoio à população, de evitar a partida das gerações mais novas, que pode implicar o envelhecimento e desertificação da comunidade local, constituída actualmente por 12 famílias, numa média de 580 habitantes.

⁴³ Desdobrável do Museu Rural de Pendilhe, Editado Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva.

Equipa Técnica | Composta por uma pessoa.

Orgânica Espacial | O Centro Interpretativo/ Museu Rural de Pendilhe dispõe de espaço e serviços de recepção, exposição, biblioteca e internet, reservas e laboratório. No piso inferior encontramos a sala de exposição e o espaço dedicado a reserva. No piso superior temos a recepção, biblioteca e sala de internet.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | A colecção assume duas temáticas, a Etnográfica e a Religiosa. No campo etnográfico podem observar-se utensílios usados na labora do campo (alfaias agrícolas, sacholas...), utensílios medidores (azeite e cereais), um pequeno expositor (armário antigo de cozinha), com as loiças e talheres, uma biblioteca antiga, as pipas do vinho, as cabaças, máquinas de costura, o ciclo do linho explicado em fotografia e com alguns utensílios representativos, a arca do cereais, a palhoça e o burel para proteger os trabalhadores. No campo religioso, a maioria do acervo foi proveniente de igrejas de aldeias adjacentes que fecharam. Composto por pinturas, candelabros de altar, cruzes, um antigo confessionário, e crucifixos em pedra de exteriores de antigas capelas, já demolidas.

Colecção | Todas as peças estão inventariadas e de uma forma geral, o estado de conservação é médio. A modalidade de incorporação das peças foi por doação e é composta por peças originais.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Proporcionam visitas guiadas ao espaço do museu e zona envolvente. As actividades educativas surgem no sentido de dinamizar toda a comunidade, e torná-la mais activa e participativa, sem descuidar a preocupação de manter activo o espírito de vivências, saberes, tradições e comunitarismo rural.

Comunicação | O logótipo, de estrutura rectangular assume símbolo e tipografia. A cor usada foi o branco, e em todas as suas aplicações assume a cor original ou o negativo (no caso das tabelas). O símbolo é uma forma estilizada do edifício do museu, a tipografia assume a forma de iniciais, com letras minúsculas onde o P, de Pendilhe se destaca por ser a *bold* e com serifas. No conjunto de publicações levadas a cabo pela autarquia, o *flyer* do Museu é um desdobrável gratuito com um conjunto geral de informação do projecto e vocação do espaço museológico.

Exteriormente, o edifício é identificado com uma placa de acrílico gravado, aplicada numa das paredes exteriores do edifício. No interior não existe sinalização. Apesar de existirem dois campos temáticos diferenciados, estes estão separados a nível espacial, mas não se encontram identificados. As peças são assinaladas com uma tabela em *k-line* impressa a preto, com informação do ano, doador, função e o ano de doação ao museu.

Divulgação | A difusão das actividades é feita pelo Município de Vila Nova de Paiva, através do *site* camarário e meios de comunicação local.

Equipamento | O processo expositivo é simples. Devido à arquitectura do próprio edifício, vai permitir a colocação dos diferentes núcleos em zonas espaciais diferenciadas. O acervo de etnografia devido à sua maior diversidade, ocupa a maior área do espaço museológico. A exposição é iniciada pelo núcleo religioso, apresentado num corredor. O núcleo de etnografia inicia-se numa zona ampla, onde peças de maior dimensão ocupam a área central e as restantes estão dispostas junto à parede. O percurso é feito da

direita para a esquerda, seguindo apenas uma ordem temática. Foca diversas profissões e actividades desenvolvidas pela comunidade, com alguns objectos representativos das mesmas. As estruturas utilizadas seguem a mesma linguagem durante toda a exposição. Estrados em madeira colocados a uns 10 cm do chão e quando necessário é aplicado outro estrado a um nível superior, dependendo das dimensões das peças expostas. As paredes são brancas e o espaço é luminoso.

Iluminação | Na sala de exposição a iluminação é feita por luz indirecta aplicada ao centro e nas laterais dos tectos falsos aplicados. O espaço torna-se também luminoso, pois o piso superior tem bastante iluminação natural, o que de forma indirecta cria ambiente no piso expositivo.

Acessos | O museu tem um lance interior de escadarias de madeira, contudo pelo exterior tem duas entradas diferenciadas, uma que dá acesso à cota inferior do edifício, e entra directamente na sala de exposição e outra, designada como a principal, que dá entrada para a recepção do museu.

Segurança | O espaço do edifício tem integrado um sistema de alarme geral, e só abre na presença da responsável.

Limpeza/ Manutenção | A manutenção do espaço é feita pela funcionária existente. Caso alguma peça necessite de restauro, este é feito por entidades externas ao museu, ao abrigo da Câmara de Vila Nova de Paiva.

Museu Grão Vasco | Viseu

Adro da Sé 3500-195 Viseu

Telef. 232 422 049

Responsável | Dr. Sérgio Gorjão

Horário | 3.ª feira das 14.00h às 17.30h; 4.ª feira a Domingo 10.00h às 12.30h / 14.00h às 17.30h .
Encerrado ao público à 2.ª feira

Bilhete | 4 €

Vocação | Abrangência Nacional/ Internacional; Composição Unidisciplinar; Campo Temático Arte

Tutela Pública | Instituto dos Museus e da Conservação (IMC)

Colecções | Pintura Grão Vasco (séc. XVI); Pintura Portuguesa (dos séculos XVII a XX); Escultura Barroca (séc. XVI a XVIII); Liturgia do Românico ao Barroco (pintura, escultura, ourivesaria e marfins); Mobiliário (séc. XVI); Faiança Portuguesa; Porcelana Oriental – Companhia das Índias

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 1916

Visitantes 2010 | 19 500/ ano

Implantação Urbana | O museu encontra-se situado na zona antiga de Viseu, adjacente à Catedral da Cidade. Um local de visita obrigatória para todos os que chegam, não por uma envolvência diferente, mas por albergar em si, grande parte da história da cidade. O edifício encontra-se num local de fácil acesso, nomeadamente a pé. A 10 minutos do centro, está sem dúvida num local privilegiado de Viseu, onde se pode desfrutar de uma vista panorâmica sobre a cidade.

Edifício | O sumptuoso edifício de granito construído no local da antiga casa episcopal, o Paço dos Três Escalões, foi originalmente destinado a ser um seminário para a formação do clero, junto à Sé de Viseu. A sua construção começou em 1593 e prolongou-se até meados do século XVII. Desconhece-se o ou os autores do projecto, mas a traça, quase permite, sem erro, apontar para a vizinha Espanha; aliás, o desenho da fachada da Sé, foi alguns anos mais tarde encomendado a um arquitecto de Salamanca, João Moreno. Só no século XVIII, cerca de duzentos anos depois, o edifício ficou com o aspecto actual ao ser-lhe acrescentado o último piso. Criado em 1916, o Museu foi objecto de uma profunda remodelação entre 2001 e 2004. Uma intervenção desenvolvida com um projecto da autoria do Arquitecto Eduardo Souto Moura, que libertou o interior do museu de numerosas obras que, erradamente tinham sido adicionadas à colecção e adaptou o espaço às exigências de um novo projecto museológico.

Metas/ Objectivos | Fundado com a finalidade de preservar os valiosos quadros do Tesouro da Sé e do Cabido, o museu desde a sua origem tornou visível a importância da escola da pintura Grão Vasco. Com o objectivo de dignificar artistas locais como Vasco Fernandes e colecionadores como Francisco de Almeida Moreira. Culturalmente assume um papel académico das narrativas apresentadas nos diferentes

núcleos museológicos. Tem como missão primordial garantir a salvaguarda, valorização e divulgação das suas colecções, melhorando as condições da sua fruição; promover a investigação científica e a produção de conhecimento em seu redor; dar bom cumprimento ao seu plano de actividades com eficaz recurso a uma boa gestão e controlo dos recursos financeiros atribuídos, procurando, simultaneamente, captar novas fontes de financiamento externo e desenvolvendo parcerias com agentes institucionais, culturais e económicos; reforçar a sua projecção nacional e internacional. Uma das estratégias actuais é fomentar uma eficaz e íntima relação com o serviço educativo, apostando numa enérgica oferta, tanto junto das instituições de ensino e do público escolar, como do(s) público(s) em geral.

Equipa Técnica | Composta por 16 pessoas

Orgânica Espacial | O museu encontra-se dividido, em quatro pisos. Piso 0, onde se localiza a entrada do museu, a recepção, a loja, a livraria, o café e restaurante, a zona da biblioteca, o arquivo, a sala de instalações e a área reservada a acolher exposições temporárias. O Piso 1, acolhe parte da exposição permanente do museu, os serviços técnicos e administrativos, encontrando-se no Piso 2 o segundo núcleo expositivo da colecção, a sala multimédia e sala de reservas. O Piso -1 do museu tem a zona de sanitários, o laboratório, um armazém e a respectiva área técnica. O acesso ao público é restrito em determinadas zonas do museu. Qualquer visitante pode aceder aos espaços da loja, livraria, café/ restaurante, à biblioteca (no horário do museu e na presença de um técnico qualificado) e às zonas de exposição (mediante a aquisição do bilhete na recepção). Os restantes serviços encontram-se restritos aos funcionários da casa.

Espaço Exposição Temporária | Espaço existente, localizado no piso térreo.

Espaço Exposição Permanente | O percurso expositivo é apresentado segundo núcleos temáticos, organizados cronologicamente. *Liturgia e Devoção no final da Idade Média*, a primeira sala do percurso expositivo, apresenta um grupo de objectos que, inicialmente, tiveram uma função religiosa concreta que serviu para tornar visível e acessível aos sentidos a realidade invisível de Deus, assumem agora o estatuto de obra de arte aquando da sua entrada no museu. Este núcleo é composto por um conjunto de formas criadas pelo homem medieval para usar na liturgia (missas). Para o homem do Ocidente cristianizado os objectos de culto mostravam na sua beleza a própria beleza de Deus. Fazem ainda parte integrante, esculturas antigas dos sécs. XIII, XIV e XV, como a Virgem com o menino ou a Piedade e a pintura Italiana, Anunciação da segunda metade do séc. XIV.

Díaspóra, é o segundo núcleo expositivo, com peças sobretudo a partir do séc. XV; os portugueses avançaram pelos mares em busca de novos povos. Este núcleo reúne materiais cujas formas de expressão revelam interessantes processos de miscigenação entre Portugal, África e Índia. Composto por contadores, um pano de armar bordado a seda, proveniente da China datado de meados do séc. XVII, um cofre de madrepérola indo-português, um conjunto de miniaturas em marfim. O objecto mais emblemático deste núcleo é uma *píxide* (recipiente para guardar hóstias), em marfim feita na Serra Leoa (África), esculpida com a Natividade e elementos alusivos aos descobrimentos. *Figuração do Sagrado na Estética Barroca*, é a terceira sala expositiva, essencialmente demonstrada através de uma valiosa colecção de esculturas de grandes dimensões, muito coloridas, com gestos e olhares dirigidos ao espectador; as vestes elaboradas são testemunhos da estética barroca. O tema representado é a educação

da Virgem e assinala a importância da educação religiosa e das virtudes cristãs na formação do homem. Predomina a escultura policromada e é incluída uma pintura, também do séc. XVIII, diferentes suportes com características idênticas, do serviço que a arte barroca prestou aos princípios da Contra-Reforma. **Cerâmica e Ourivesaria: da função à ornamentação**, este núcleo reúne a coleção de cerâmica e ourivesaria propondo a reflexão na mudança de estatuto e portanto do significado que o tempo e o museu conferem a este tipo de objectos. Composto por ourivesaria sacra, de uso religioso e por objectos com a mesma finalidade mas utilizados para ornamentar os interiores domésticos, como pratas e porcelanas. Neste contexto e seguindo a lógica do núcleo onde se abordou a relação artística com o oriente, são apresentadas nesta sala peças de porcelana oriental, designadas por Companhia da Índias, que desde sempre fascinaram os coleccionadores portugueses. Peças que se destacam da Faiança Portuguesa do mesmo período, que assume um papel mais rústico tanto em composição como em motivos decorativos.

Além da Morte, núcleo expositivo que faz uma análise interrogativa, direccionada à relação entre a morte, o corpo e o sagrado é mostrada nesta secção. Há aqui uma apresentação de como a morte era encarada, não como um fim definitivo da vida, mas como uma passagem para o outro estágio. Na arte esta crença é apresentada sobre as mais diversas formas. O núcleo é constituído por relicários (restos de um corpo que foi santo), esculturas de pequenas dimensões e uma obra dos nossos dias, para mostrar como o tema da morte e do corpo continuam a assumir importância na arte contemporânea.

Mobiliário: função e ornamentação - Os móveis que antes se expunham nas galerias do museu para decorar espaços e recriar ambientes, aparecem neste núcleo valorizados em si mesmos, permitindo uma visita que foca diferentes perspectivas através da história do mobiliário civil e religioso. O mobiliário civil português surge apresentado em três grandes estilos que marcaram o séc. XVIII, com nome de reis da época, nomeadamente “D. João V”, “D. José” e “D. Maria I”, conjunto constituído por cadeiras de braços, um canapé em madeira pau-santo e estofado em veludo. Integram também o núcleo, móveis de conter, como as arcas (serviam para guardar diversos objectos); uma cómoda papelreira com trabalho em talha. **Pintura Portuguesa: séculos XVII – XX**, vai ser o fim da exposição apresentada neste piso; Na sala de pintura foram seleccionadas, obras de diferentes autores. Temas da mitologia de Vieira Portuense e Domingos Sequeira; naturezas mortas de Baltazar Gomes Figueira (séc. XVII) e José Malhoa e autorretrato de José de Almeida Furtado (“Pintor Gata”). Na paisagem, tema que perdurou até aos sécs. XX, sobressaem nomes como Tomás da Anunciação, Amadeo de Souza-Cardoso; sucessores como Silva Porto e o conhecido retratista de “pintura-história” Columbano. Ainda de referência aparecem obras de Marques de Oliveira, João Vaz, António Carneiro, Mário Augusto Santos, Armando de Lucena e Eduardo Vianna. Apresentada por núcleos de quadros de cada pintor. Segue uma sequência cronológica, de tema e de técnica.

Vasco Fernandes, O Grão Vasco, todo o espaço expositivo do piso 2, é dedicado à temática que gira em torno do nome Vasco Fernandes, O Grão Vasco. Inicialmente, obras feitas pelo pintor, nas salas seguintes uma sequência e obras dos seus colaboradores, como é o caso de Gaspar Vaz e seus contemporâneos.

Colecção | Todo o acervo se encontra inventariado e pode ser consultado on-line, através do *matriz.net*. Da coleção fazem parte peças que foram emprestadas ao museu, por um período determinado, por serem de grande interesse para complementar a exposição. A exposição tem uma tipologia permanente e a

coleção é toda ela composta por peças originais. Integrou o acervo do museu por compra, doação, legado, transferência e depósito.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | No âmbito do serviço educativo são efectuadas visitas guiadas a grupos, com marcação antecipada. Pretende-se que o mesmo possua uma acção mais ampla, como interface de comunicação exterior, envolvendo as coleções, a programação temporária e a programação científica. O Serviço Educativo detém uma responsabilidade central na designada “educação para a Arte (e pela Arte)”, na construção das futuras gerações de consumidores de cultura. Está orientado para públicos de todas as idades e diversas condições, desenvolvendo uma programação de teor diverso, alguma dela em articulação com parceiros exteriores. Está prevista a relação/parceria com os museus próximos ou da região, tanto na possibilidade de criação de um bilhete único, por exemplo com o Museu Arte Sacra e o Museu da Misericórdia, como no envolvimento em actividades diversas.

Comunicação | ao longo de todo o percurso expositivo, o visitante é deparado com tabelas demasiado pequenas, com escassa informação, para não falar da complexa linguagem museal. Fica-se com a sensação que o visitante é como que “obrigado” a ter um conhecimento empírico da coleção e peças que a integram. São apresentadas em placas ou suportes de metal. Como acontece no exemplo, a chapa está a referir-se a um conjunto de porcelanas, e não é especificado nada do conjunto. No que respeita à sinalética, podemos referir que suporte e linguagem não estão contextualizados. A sinalética deveria seguir sempre a mesma linguagem, para ser mais acessível ao visitante.

No que respeita ao grafismo apresentado no museu, as formas e *lettering*, não se relacionam com o conteúdo das coleções. O logótipo consta de uma forma geométrica, o triângulo rectângulo, que sugere rigidez e frieza. Apesar do *lettering* arredondado, a forma nunca chega a ser contrabalançada. O vermelho é a cor usada para o triângulo e cinza para o *lettering*. Está integrado em expositores verticais, onde assume as suas cores, em portas de vidro e expositores de chão, numa cor neutra, na tentativa de se fazer uma referência e não de se evidenciar. O *flyer* é distribuído à entrada do museu, onde o visitante terá breves informações, não só do espaço do museu mas também em relação ao conteúdo das exposições. O roteiro do museu tem em detalhe a explicação de cada núcleo e poderá ser comprado na loja. Considero que ambos os suportes de divulgação contêm uma linguagem demasiado complexa, para ser entendida pelo público em geral. *Actualmente encontra-se em construção uma página Web, susceptível de veicular atempadamente a necessária informação, ilustrar as valências da instituição e o trabalho nela desenvolvido e projectar a sua imagem. As newsletters de divulgação do MGV têm um novo grafismo; Criou-se um novo layout do Museu, já materializado nos novos standartes que se encontram na frontaria;*

Divulgação | Cartazes, meios de comunicação local, site IMC

Equipamento | No primeiro núcleo expositivo, a paramentaria é exposta em vitrinas, e as esculturas e peças de metal em prateleiras. Na sala da Diáspora, todas estas peças são apresentadas em vitrinas à excepção do pano de armar, que se encontra pendurado. Na sala de escultura barroca, todas as peças são apresentadas em plintos brancos maciços de diversas alturas. Na sala de cerâmica civil e religiosa, as peças são apresentadas em vitrinas e prateleiras no que respeita às porcelanas No núcleo de relicários

(além da morte), a apresentação é feita em vitrinas e prateleiras. Na sala do mobiliário, as peças são expostas no chão com pequenos suportes de vidro acrílico como calço e uma delas assenta num plinto.

Todo o percurso expositivo reúne equipamento similar; plintos, prateleiras e vitrines, de forma recta sem recortes e cor branca. Encontram-se algumas excepções de vitrines de peças, que fizeram parte de exposições temporárias e que para permitir maior destaque não voltaram a ser colocadas nos seus suportes anteriores. Estas peças aparecem em vitrines e suportes de cor bourdeaux e a própria estrutura é o oposto das referidas anteriormente. Seria interessante apresentar linguagens diferentes, se houvesse realmente uma lógica para isso; a escolha da peça principal de cada núcleo, por exemplo, e evidentemente, assumir o mesmo registo em todas as salas, para o visitante poder perceber o motivo da diferença.

Iluminação | A iluminação do museu é feita tanto por luz artificial como por luz natural. Nas salas cujas obras não podem estar expostas a uma elevada exposição solar, as janelas encontram-se tapadas com uma napa micro-perfurada. No 2º piso em particular, dada a fragilidade das obras, a luz é quase inexistente e a tela usada é completamente opaca; se por um lado as obras ganham no que respeita à preservação, perdem muito mais na qualidade e técnica que apresentam. A escuridão torna imperceptível a luminosidade e perfeição das pinturas. A iluminação artificial, apresentada numa calha suspensa que vai de uma lateral à outra da sala em sentido longitudinal, revela-se insuficiente, não realçando as peças expostas e estabelecendo, mesmo, algumas zonas de penumbra.

Acessos | O acesso às salas de exposição, que se localizam nos dois pisos superiores do museu, pode ser feito por escadas ou por elevador. O elevador está preparado para a movimentar as peças da exposição, incluindo as de maiores dimensões. O museu está equipado com Saídas de Emergência, no cimo de cada entrada das diferentes salas. As indicações são as suficientes para o visitante poder sair do edifício em segurança, exemplo demonstrado pela imagem.

Segurança | O museu está equipado com Saídas de Emergência, no cimo de cada entrada das diferentes salas. As indicações são as suficientes para o visitante poder sair do edifício em segurança, exemplo demonstrado pela imagem. No que respeita a extintores, existem em número reduzido. Apesar dos funcionários estarem informados da importância e valor de cada obra e terem a plena noção qual a prioridade de saída das peças, até à data, ainda não foi feito qualquer tipo de simulacro, para testar toda a logística.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada por funcionários do museu

Tesouro da Misericórdia | Viseu

Santa Casa da Misericórdia

Largo Major Teles, 1

3500-212 Viseu

Telf.: 232 470 770

Responsável | Dr. Alberto Correia

Horário | Com marcação visita

Bilhete | 1€

Vocação | Abrangência Regional/ Nacional; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Arte

Tutela Privada | Santa Casa da Misericórdia de Viseu

Colecções | Ilustração, pintura (cerimónias e benfeitores), ourivesaria, imaginária, boticário, escultura, história Bandeira Real da Misericórdia (conjunto de espólio situado entre séc. XVIII, XIX e inícios do séc. XX)

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2007

Visitantes 2010 | 5000/ ano

Implantação Urbana | Localizado na zona histórica de Viseu, o espaço do Museu, encontra-se numa envolvente privilegiada da cidade.

Edifício | O espaço do museu está sediado na Igreja da Misericórdia, Catedral de origem antiga, “*nada restando do primeiro templo quinhentista mandado edificar pelo Bispo D. Jorge de Ataíde. O actual templo mostra a exuberante e belíssima fachada edificada em 1775 segundo o gosto rocóco, cuja impositiva presença se reforça com o jogo de luz, resultante da brancura da cal com a dourada patine de granito.*”⁴⁴ Sofre remodelação em 1842, e o seu interior barroco da primeira metade do séc. XVIII é refeito segundo a gramática neoclássica. “*A nave e a capela-mor de feição rectangular oferecem, no aparente despojamento, uma imponência que se traduz na formosa cantaria que percorre o arranque da abóbada e define o arco cruzeiro. A talha do altar-mor é de 1756. Os altares laterais construídos em 1871 foram dourados em 1883.*”⁴⁵

Metas/ Objectivos | Preservar o espólio da Santa Casa da Misericórdia, existindo também um sentido pedagógico que vai permitir, consciencializar as gerações mais novas, para as questões patrimoniais.

Equipa Técnica | Composta por três pessoas.

Orgânica Espacial | O espaço é composto por 3pisos. A ala direita e esquerda da igreja, são os espaços destinados para acolher as exposições (permanente e temporária de longa duração)

⁴⁴ Cit por Alberto Correia, Desdobrável do Tesouro da Misericórdia

⁴⁵ Idem

Espaço Exposição Temporária Longa duração | Patente na ala esquerda da Catedral, integra um conjunto de pinturas dos bem feitos da Misericórdia.

Espaço Exposição Permanente | A colecção é de tipologia permanente e de temática Arte. Apresentada segundo núcleos expositivos que vão mostrando ao visitante, uma ínfima parte de trabalho dedicado aos mais necessitados das Misericórdias. É apresentada segundo 10 núcleos, **Sentir a História; Evocação da Farmácia do Hospital, Galeria de Benfeitores, Rituais: Procissões de Endoenças**, Na cidade de Deus; Opera FIDEI – Obras de Fé, Sala da Cruz Dourada e por fim “Torre”

Colecção | Todo o acervo se encontra inventariado e em bom estado de conservação. Composta por peças originais. Não existe espaço de reserva e todo o acervo se encontra exposto. A modalidade de incorporação foi através da aquisição por parte da Misericórdia

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | São programadas com regularidade, mediante um plano anual, concertos com o órgão ou cânticos. O espaço estabelece diversos protocolos com instituições, nomeadamente no campo da educação.

Comunicação | O museu, para sua identificação, criou um logótipo, com símbolo vermelho, em forma de T, contudo. O lettering é simples, sem serifas e a imagem é aplicada em todos os sistemas de comunicação do museu. O desdobrável, é apresentado de forma objectiva, fala do edifício, suas respectivas colecções e contactos necessários. Outro sistema de comunicação, são os textos introdutórios nos núcleos expositivos, que transmitem ao visitante o conceito que proporcionou a exposição apresentada.

Divulgação | Exteriormente o museu encontra-se identificado com uma faixa.

Existe o boletim municipal, cuja periodicidade é de 6 em 6 meses, sendo também um importante cultural. Protocolo estabelecido com a Visabeira Turismo, que na compra de 1 bilhete do museu, oferece entradas gratuitas. Para além de ser uma de divulgação da imagem, será uma forma do espaço do museu, ganhar mais visibilidade.

Equipamento | Os diferentes equipamentos adoptam estruturas com uma linguagem semelhante, por toda a exposição. Plintos e estrados maciços, metalizados, de cor cinzenta, vão servir de suporte. Juntamente com sistemas de cenografia, preenchem as salas de exposição.

Iluminação | Conseguida através de um sistema de calha suspensa, aplicada a todo o perímetro. No interior das vitrinas é também aplicada iluminação direccionada.

Acessos | Efectuado por uma escadaria e elevador

Segurança | Assegurada pela Misericórdia.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela Misericórdia

Museu Etnográfico de Silgueiros | Viseu

Rua Dr. José Assunção

Passos de Silgueiros

3500-541 Silgueiros

Telf.: 232 95 2001

www.assops.pt | info.assops@sapo.pt

Responsável | Inspector Pires

Horário | 10h às 18h

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Privada | ASSOPSS

Colecções | Etnografia (a habitação, trajes, ciclo do linho, profissões, acessórios, as profissões – barbeiro, carpinteiro,

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 1994

Visitantes 2010 | -

Implantação Urbana | O espaço do museu localiza-se na freguesia de Silgueiros, e pertence ao concelho de Viseu. Integrado junto das comunidades, é u factor de promoção social.

Edifício | O edifício passa praticamente despercebido no meio da localidade, pois nada o identifica como tendo no seu interior o Museu Etnográfico de Silgueiros. Após passar a pequena ponte, de frente deparamo-nos com a fachada da ASSOPS, Associação de Passos de Silgueiros – uma instituição particular de solidariedade social – que integra serviços de ATL, Centro de Dia e Apoio Domiciliário.

O edifício na altura da sua construção em Dezembro de 1993, já tinha projectado um espaço para toda a colecção até então recolhida. A história começa com a criação do grupo etnográfico – Rancho Folclórico de Passos de Silgueiros a 27 de Julho de 1978. A recolha etnográfica surge com o intuito de vestir o grupo, situar o grupo e colocá-lo a funcionar em conformidade com as regras da etnografia.

Metas/ Objectivos | Salvaguarda de memórias que são património. De certa forma, na recolha de património imaterial para responder à questão do que é o Folclore, o que lhe pertence e o que não pertence, vieram imensas peças, documentos históricos, objectos resultantes de artesanato que acabaram por não ser usados, mas apenas serviram como ponto de partida para a construção da própria identidade do grupo. Desde a criação do grupo, até á data em que efectivamente, se concebeu um espaço com características museográficas, capazes de dignificar todo o património recolhido, contam-se 15 anos, anos de boa vontade e persistência do presidente da associação, que percebendo toda a riqueza do espólio que

tinha entre mãos começou um incansável trabalho de preservação e inventariação, fundamentado por documentação específica na área da etnografia.

Equipa Técnica | O museu apenas tem ao seu dispor 2 pessoas, sendo uma delas, funcionária da ASSOPS, que em todas as suas horas livres dá apoio a assuntos pendentes do museu e da colecção.

Orgânica Espacial | O espaço é composto por 3 pisos. O piso 0, tem o espaço de a cafeteria, a biblioteca/ centro de investigação, recepção e sala de convívio com refeitório. No piso 1 podemos encontrar a sala polivalente, que dá acesso à cresce e ATL, e a cantina para os mais novos. O museu, localiza-se no piso superior, e tem ao seu dispor duas salas, contudo, actualmente já necessita de mais espaço

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | Desde 1994, à medida das possibilidades, o espaço do museu vai ganhando forma. Situado no segundo piso do edifício o museu tem três salas distintas, uma com todo o percurso do Grupo Etnográfico - medalhas, galhardetes, ofertas dos locais por onde passaram entre tantas outras coisas. A outra sala, esta sim destinada a acolher o espólio museológico está preenchida pelas mais variadíssimas peças – vestimenta interior e exterior, complementos de trajes (sombrinhas, bolsas, luvas, lentes, óculos, lunetas, lornhons, monóculos, caixas de óculos), botões (de traje civil e de uniforme), objectos de toucador, o ciclo do linho, utensílios domésticos e de diversas profissões (barbeiro, carpinteiro, encadernador...), a luminária, a religiosidade, as medalhas, as moedas e as notas, a fotografia, o tabaco, os isqueiros e os fósforos, os brinquedos infantis, os instrumentos musicais da tradição popular, a casa de habitação e seu recheio e a história local. Em cada vitrina, é mostrado um tema específico e cuidadosamente os objectos foram escolhidos a dedo, para ocuparem este lugar de destaque, e não a estarem a ocupar um lugar na reserva como tantos outros. Mostra-se o que de mais significativo tem a colecção e muitas destas peças, que já não fazem parte dos nossos dias, contam histórias ricas que nos transportam para épocas remotas da cultura da nossa nação. Vagueei por tantas peças, das quais, não tinha ideia do seu propósito.

Colecção | Todo o acervo se encontra catalogado, contudo não segue os parâmetros de inventário. Composta por peças originais encontra-se com um nível médio de conservação. Não existe espaço de reserva e todo o acervo se encontra exposto. A modalidade de incorporação foi a recolha e a doação por parte dos habitantes locais. As peças, assumem, um bom estado de conservação. Repetidas vezes ao ano o museu recebe espólio de pessoas locais, o que por vezes dificulta a eficiência do trabalho. Contudo, a maioria do inventário já se encontra informatizado. O restante vai sendo informatizado à medida das possibilidades.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | O espaço do museu promove diversas actividades com as creches e ATL, que frequentam as instituições. O espaço do museu, integrado neste contexto de associação de solidariedade social, tem as ferramentas para desenvolver com regularidade, actividades pedagógicas.

Comunicação | A comunicação é escassa, mas sempre compensada quando alguém quer conhecer o museu, pela visita guiada que explica ao pormenor o espólio e reforça a importância de certos objectos. Foram feitas algumas publicações, Cadernos de Etnografia e Cadernos de Literatura Popular, que por vezes trazem alguma verba para o museu. Importante é salientar que a biblioteca, ou centro de investigação Etnográfico, tem ao dispor do visitante ou do investigador, uma riquíssima bibliografia sobre etnografia, catalogada por temas. As peças têm uma etiqueta de identificação, impressa em cartão.

Divulgação | Efectuada através de redes sociais, por palavra e cartazes na freguesia.

Equipamento | Espólio encontra-se separado por tipologias, nas em vitrinas de madeira apresentadas e colocadas em locais estratégicos da sala. Para além das vitrinas, muitas destas peças estão dispostas pela sala, sem qualquer protecção, e no que respeita à museografia da exposição, são aplicados conceitos já bastante ultrapassados nos dias de hoje. Mas tudo isto se deve, não á falta de informação para uma estrutura de exposição correcta e adaptada às necessidades de hoje, mas sim por falta de espaço e de apoio financeiro para se poder investir. A terceira sala, é o espaço de reserva, ocupado por armários cheios de peças riquíssimas de trajes e vestuário, lenços e botões.

Iluminação | A iluminação é geral, feita por focos. Existe uma enorme preocupação com a conservação e esta é feita através de filtros UV, nas janelas, com aplicações anuais de chilofen nas peças de madeira, uma limpeza geral 2 vezes ao ano e uma observação diária da temperatura e humidade. Nas reservas, todas as peças antes de darem entrada são limpas e expurgadas, e por exemplo na questão das roupas, são separadas com papel de seda e todos os objectos são mexidos com luvas. Apesar dos poucos recursos, tentou-se perceber todas as regras e passos para uma conservação preventiva, bem como as necessidades vitais de cada peça do espólio e sempre que possível são directrizes colocadas em prática.

Acessos | Efectuado por uma escadaria interior.

Segurança | Assegurada pela associação.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pela associação

Casa de Lavoura e Oficina do Linho | Visu

Calçada do Eiró, n.º18

Várzea . Calde

3515-758 Visu

Telm.: 232 911 004

Museu.varzea@cmvisu.pt

Responsável | Dra. Filipa Varela Gouveia

Horário | 9h às 12.30h | 14 às 17h Encerra às Segundas-Feiras

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Unidisciplinar; Campo Temático de Etnografia/ Antropologia

Tutela Pública | Câmara Municipal de Visu/

Colecções | Etnografia (transportes, curral do porco, trabalhos/ dias, vivências quotidianas – cozinha, ciclo do linho, o lagar, a adega e o celeiro); Biografia de gente local.

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2009

Visitantes 2010 | 7 000/ ano

Implantação Urbana | A sinalização desde o centro de Visu, até se chegar à aldeia de Várzea de Calde é escassa, e apenas com algumas informações recolhidas previamente se consegue chegar ao destino, de forma rápida e directa. A uns 20 km de Visu o museu está sediado numa antiga casa de lavradores abastados. Ainda de estrutura original a Casa de Lavoura, foi comprada pela Câmara de Visu e recuperada para a criação do espaço do museu. De forma persistente, levou-se a cabo um meticuloso trabalho de recolha exemplificativa de espólio suficiente para preencher a casa, e assim em Setembro de 2009 o museu abre ao público. Com 90% por doação, só uma pequena parte do espólio foi investimento da Câmara de Visu.

Edifício | O Museu implanta-se no espaço de uma clássica casa de lavrador permitindo recuperar as vivências do quotidiano e sazonais da vida agrícola e interpretar os referentes simbólicos constitutivos e integradores da casa de família, revelando alguns espaços temáticos: os transportes, o curral do porco, os “trabalhos e os dias”, a cozinha, o ciclo do linho e o lagar, adega e a tulha. O Museu dedica ainda um espaço privilegiado ao Ciclo de Linho, revelando a tradicional utensilagem aplicada no seu fabrico.

Metas/ Objectivos | Dar a conhecer toda a tradição vivencial, de um espaço de ruralidade. Preservação de memórias e património, importantes para o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos.

Equipa Técnica | Composta por três pessoas

Orgânica Espacial | O espaço do museu é composto por três edifícios. O principal, têm ao dispor do visitante a recepção e um pequeno espaço de loja. Neste piso 0, já se inicia a exposição permanente. O piso 1 é, na íntegra, destinado a ser espaço e exposição permanente. Este edifício assume ainda mais um espaço, não ocupando a mesma área, onde se encontram instalados os serviços administrativos. O segundo edifício assume dois pisos, um deles, dedicado às gentes da terra, uma retrospectiva das vivências e da sociedade. O outro piso, é ocupado pelo espaço de cafetaria. O último edifício, apenas com um piso, é o último núcleo da exposição permanente.

Espaço Exposição Temporária | Inexistente

Espaço Exposição Permanente | De tipologia permanente a exposição está dividida por núcleos. No edifício principal com 3 pisos, a exposição é iniciada com os “Transportes” e o “Curral do porco” e por último os “O Trabalho e os Dias”, no piso superior temos a “Cozinha” e por último o “Ciclo do Linho”, o terceiro piso é de área administrativa. No segundo edifício a exposição continua com “O Lagar e a Adega”. Em termos de espaço expositivo existe uma ala diferenciada “Galeria de Identidade” existente no piso inferior do terceiro edifício, com fotografias da comunidade e história local, e no seu exterior, encontra-se um forno típico. Nesta ala funciona também o auditório e no piso superior o espaço de cafetaria. De forma organizada, a história do antigamente é contada aos visitantes que chegam e não é por acaso o lugar das coisas, mas sim, porque era onde de facto existiam. A visita é sempre feita com um guia e durante os diversos núcleos esta é reforçada por tecnologia, que acaba por ser em frequente ponto de interesse para o visitante mais disperso. No edifício principal, a recepção do museu funciona em simultâneo com a loja, e aquando da chegada do visitante é entregue um bilhete mas sem qualquer custo. A comunicação do museu e a divulgação das suas actividades é feita através do site da Câmara Municipal, e desde a abertura que têm recebido diariamente marcação de visitas por parte das escolas do distrito e a nível nacional. Para lucro interno, existe uma parceria com uma cooperativa local, que cria artesanato para ser vendido na loja do museu, e mediante dias fixos têm artesãs a trabalhar no tear.

Colecção | De forma persistente, levou-se a cabo um meticuloso trabalho de recolha exemplificativa de espólio suficiente para preencher a casa, e assim em Setembro de 2009 o museu abre ao público. Com 90% por doação, só uma pequena parte do espólio foi investimento da Câmara de Viseu. Composto por peças originais e no geral, em bom estado de conservação

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | São programadas actividades com as escolas, no sentido pedagógico. Muitos dos grupos que visitam, nomeadamente do turismo sénior do Inatel, deslocam-se ao museu nos dias em que se encontra a artesã que trabalha o linho no tear.

Comunicação | Cada núcleo, é explicado por textos introdutórios, muitas das vezes com recursos a sistemas interactivos. As peças encontram-se identificadas com uma tabela em acrílico gravado.

Divulgação | Efectuada através do site do município de Viseu e pela comunidade local.

Equipamento | As peças, estão dispostas sobre estrados de parede falsa, ou na parede com recurso ao mesmo sistema.

Iluminação | A iluminação é feita por calhas suspensas com focos direccionados, e sempre que possível recorre-se a iluminação natural. Cada núcleo é iniciado com um pequeno texto introdutório e por grupos de exposição as peças são identificadas e explicadas numa tabela de suporte vertical.

Acessos | Efectuado por uma escadaria exterior de pedra.

Segurança | Assegurada pelos funcionários e pela própria comunidade

Limpeza/ Manutenção | Assegurada pelos funcionários.

Nota: Nesta unidade o arquivo fotográfico, só consta do exterior, pelo facto de não ter sido permitido fotografar no espaço expositivo.

Museu Municipal de Vouzela

Praça Morais de Carvalho

3670-250 Vouzela

Telf. 232 740 740

museu@cm-vouzela.pt

mueu.pendilhe@cm-vnpaiva.pt

Responsável | Dra. Teresa Tavares

Horário | Terça-feira a domingo das 10h às 12h/ 14h às 17h | Encerra Segunda-feira

Bilhete | Gratuito

Vocação | Abrangência Local; Composição Interdisciplinar; Campos Temáticos de Arte | Arqueologia/ História | Etnografia/ Antropologia

Tutela | Câmara Municipal de Vouzela

Colecções | Arte Sacra (barroco); Arqueologia (pré-história à idade média); Etnografia (ciclo do linho).

Verba Anual | De acordo com as necessidades

Inauguração | 2005

Visitantes 2010 | 11 519/ ano

Implantação Urbana | *A bonita e airosa vila de Vouzela encaixa-se na Beira Alta, em plena zona de Lafões, distrito de Viseu. O concelho tem uma área de 191,65 km², distribuídos por 12 freguesias. Dista de Viseu, 27 km, das Termas de S. Pedro do Sul 7 km, de Oliveira de Frades 8 km, e de Aveiro 66 km. Está situada na margem do rio Zela, afluente do Vouga, no cruzamento das estradas que ligam Aveiro a Vilar Formoso. Privilegiada na sua localização, esta terra de Lafões oferece bons acessos e facilidade na mobilidade a centros urbanos como sejam Viseu e Aveiro.*⁴⁶ O espaço do museu localiza-se no centro histórico da Vila na Praça Morais de Carvalho.

Edifício | *O antigo Tribunal da Comarca, datado da década de 70, é um edifício característico do tempo de D. João V, com janelas de frontão e avental. Por cima da porta ostenta o mais antigo brasão de Vouzela. Trata-se de um edifício barroco onde a principal característica que o distingue de outros edifícios congêneres, é a existência de um nicho que se sobrepõe à porta principal e que se prende com a função original do edifício.*⁴⁷

Durante anos, foi pensado por muitos, para as instalações do Museu Municipal. Iniciaram-se movimentações nesse sentido, na tentativa de libertar o espaço na altura ocupado pela GNR, que ao sair

⁴⁶ Desdobrável Museu Municipal de Vouzela, Edição Câmara Municipal de Vouzela

⁴⁷ Idem

para o edifício da antiga cadeia deu primeiramente lugar a salas de aula da Escola Técnica de Vouzela, e só a 1 de Abril de 1976 a Câmara deliberou a elaboração de um projecto com vista à instalação do Museu, do Posto de Turismo e da Biblioteca, iniciando as obras de reestruturação na década de 80.

Só em 2005, o edifício é na sua totalidade, espaço de museu, com a saída definitiva da Biblioteca em 1995 e do Posto de Turismo em 2005.

Metas/ Objectivos | *Na década de sessenta, foi criada em Vouzela, na Casa dos Távoras, por amabilidade do seu proprietário Sr. António A. Teixeira, uma sala de exposições que, vulgarmente passou a ser conhecida por Museu. De facto, tal sala não era um Museu propriamente dito mas sim, e apenas, um simples repositório de peças, umas antigas, outras mais modernas, doadas, na sua maioria por gente anónima. No entanto, o destino do Museu era ser municipalizado, conferindo-lhe um grau de importância que, para além de valorizar o património do Município, iria constituir um grande atractivo turístico para a Terra de São Frei Gil. (...) Actualmente o Museu Municipal de Vouzela depara-se com situações impeditivas da evolução própria de um Museu do século XXI, entre as quais se pode destacar a falta de espaço. De qualquer forma, e apesar destas limitações, continua o desafio que nos dá a todos ânimo e vontade para seguir em frente na preservação e divulgação de um património que é de todos nós.*⁴⁸

Equipa Técnica | Composta por duas pessoas.

Orgânica Espacial | O edifício do museu está dividido em dois pisos. O primeiro onde se localiza a recepção, a sala de exposições temporárias e a sala de arqueologia. No piso superior podemos visitar a sala de etnografia, uma sala dedicada às crianças e a sala de arte sacra.

Espaço Exposição Temporária | Na altura da visita encontrava-se em fase de montagem. *“Como o próprio nome indica, esta é a sala mais propícia à mudança. Por aqui passam artistas anónimos ou de créditos firmados, muitos deles com ligações efectivas a esta terra, com as mais diversas demonstrações de talento. É neste contexto que os novos valores da pintura do concelho, podem divulgar as suas obras de arte, numa exposição colectiva promovida pela Câmara Municipal de Vouzela, anualmente, por altura das Festas do Castelo. Pela diversidade das iniciativas e pela inovação patentes, durante todo o ano, esta sala de exposições, poder-se-á considerar este espaço como o que mais interesse despertará.”*⁴⁹

Espaço Exposição Permanente | A exposição tem uma tipologia permanente, que assume rotatividade de obras do acervo, por condicionantes do espaço reduzido. Dividida por núcleos expositivos a colecção é apresentada por temas e de forma cronológica. O primeiro núcleo, com um riquíssimo património arqueológico e arquitectónico faz um registo desde a pré-história com monumentos megalíticos, a proto-história, com os povoados castrejos, a Idade do Bronze Final (séc. XI a VIII a. C.) com o seu apogeu na Idade do Ferro (séc. VII a III a.C.) prolongando-se até do séc. III a IV da nossa Era. A chegada dos Romanos (séc. II a.C.), que com a sua presença nos deixam vestígios de estradas, inscrições e núcleos habitacionais. Por último, a Idade Média (séc. V), onde nos chegam testemunhos da religiosidade, das práticas funerárias, das habitações da nobreza e de alguma tecnologia agrária, com registo de um

⁴⁸ Desdobrável Museu Municipal de Vouzela, Edição Câmara Municipal de Vouzela

⁴⁹ Idem

verdadeiro património arquitectónico, como as Torres Senhoriais, de planta quadrangular, de Alcofra, Cambra e Vilharigues e também a Igreja Matriz de estilo românico-gótico, situada em plena vila e classificada como Monumento Nacional. O núcleo etnográfico, é um aproveitamento vivo do património cultural como forma de reaproximação das gentes locais, através de uma forte componente pedagógica. A exposição em vigor abrange uma série de referências à cultura do linho, através da literatura, tradição oral e romances, cantares, lendas e provérbios que testemunham a importância desta matéria-prima oriunda de unidades rurais. Para além da sua cultura e processo de fabrico, é-nos mostrado o rosto da sociedade da época, o trabalho minucioso das mulheres que com a substituição dos teares por linhas de montagem, colocou a confecção do linho em vias de extinção, perdendo-se, assim, uma parte importante da vivência colectiva do país, em geral e da região do Lafões, em particular.

A sala destinada aos mais novos, ou também à memória dos mais vividos, é um pequeno núcleo de bonecas. De várias épocas, estas peças são o regalo para muitos que visitam o museu. Transportam-nos para o estado puro e simples de “ser criança”, e retratam pela sua forma de fabrico, uma sociedade. O núcleo de Arte Sacra, foi composto por peças do concelho e muitas vezes é completada por espólio oriundo de outros locais/ museus. Uma exposição temporária de longa duração que ocupa uma das salas principais do piso superior. Quando esta exposição terminar, o museu tem acervo de tipologia diferenciada, como cerâmica, vidro, medalhista e metais, peças soltas onde não há ligação de sequência, tipologia ou cronologia.

Colecção | A modalidade de incorporação assume duas vertentes, a doação e a cedência. Todas as peças estão inventariadas e de uma forma geral em bom estado de conservação. Na sua maioria são peças originais, exceptuando o núcleo de arqueologia composto por fotografias dos monumentos arqueológicos. O museu dispõe ainda de um rico acervo de pintura, oferecido ao museu nas iniciativas levadas a cabo pela autarquia de Vouzela.

Extensão Cultural Museu/ Serviço Educativo | Visita guiada adaptada ao grupo. Durante o ano lectivo existem bastantes parcerias do museu, com as escolas e biblioteca, cujas actividades são feitas na sala de entrada do museu, que se transforma em ateliê de trabalho.

Comunicação | Os suportes visuais, flyer e faixa identificativa, são compostos por um *lettering* simples com serifas e em maiúsculas, acompanhado com a imagem de um artefacto da colecção do museu. Letra de cor branca, sobre fundo negro. O desdobrável contém informação geral, no que respeita à história do edifício e respectiva colecção. A linguagem é acessível a todos os públicos.

No que respeita à sinalização exterior, as placas de identificação do edifício são escassas, contudo o edifício está assinalado na sua frontaria, com uma faixa exterior que reforça a antiga forma identificativa, com letras de metal recortadas. No seu interior, cada sala é identificada com uma placa de acrílico que elucida o visitante para o núcleo a visitar. Consoante o núcleo expositivo, os recursos informativos são apresentados de forma distinta. No núcleo de arqueologia, temos uma pequena folha de sala que nos indica a localização dos monumentos. As tabelas são em *k-line* com a identificação da fotografia que ilustra o artefacto, ou ainda apresentadas numa folha impressa aplicada sobre um suporte de metal vertical, que dista uns 70 cm do chão (estrutura aplicada na escadaria de acesso ao segundo piso, onde se encontram as restantes estelas do acervo do museu, por falta de espaço em reserva). No núcleo de

etnografia, todas as peças, incluindo os registos fotográficos, são identificados, apenas com o seu nome, por uma tabela em *k-line* colocada ao seu lado. O núcleo das bonecas, não tem qualquer indicação. Na sala de arte sacra, as peças são identificadas de uma forma mais detalhada (nome, material, estilo, ano...), com uma placa de pvc cinzento, gravado a branco. O discurso museológico desta sala torna-se o mais completo de todo o museu, pois à medida que nos deslocamos pela sala, no chão (com vinil cinzento aplicado com película de transporte) vão aparecendo os diferentes temas do núcleo, compensados com citações bíblicas ou de figuras importantes da igreja, aplicadas sobre a parede, com vinil autocolante. De cor cinzenta, espaçamento entre linhas suficiente e tamanho de letra bem conseguido para uma boa leitura. A letra é simples e as citações são de leitura acessível a todos os públicos.

Divulgação | A divulgação é feita através do site do município e meios de comunicação local (jornais e rádio)

Equipamento | O processo expositivo não é uniforme, pois apresenta diferentes recursos, mediante o núcleo apresentado. O núcleo de arqueologia, apresentado de forma cronológica, dispõe pela sala fotografias de grande formato dos monumentos encontrados pelo concelho de Vouzela. Junto ao registo fotográfico dos monumentos magalíticos, temos duas vitrinas de chão, com artefactos cerâmicos encontrados no local. Equipamentos diferentes na forma, mas dos mesmos materiais (madeira e vidro). Estruturas paralelepípedicas de cores, bourdeaux e branco, uma delas com uma área expositiva maior em altura devido à peça exposta e outra com uma área expositiva mais reduzida, por conter fragmentos de artefactos. Na mesma sala, alguns registos arqueológicos, como uma mó ou uma estela funerária, são colocadas sobre plintos de madeira maciços, de cor branca.

O núcleo de etnografia segue também uma sequência, neste caso do processo do linho. As peças estão dispostas sobre um estrado de madeira branca, distanciando uns 15 cm do chão, colocado em toda a lateral da sala, começando pelos utensílios até chegar aos trabalhos feitos com a matéria-prima. As peças são acompanhadas com registos fotográficos antigos que mostram a sua utilização. Fotografias colocadas em molduras de vidro, todas elas aplicadas num painel de madeira branca que percorre a parede de toda a sala. No centro da sala, para permitir uma visualização de 180°, foi colocado um tear, montado para a confecção das peças de linho. A sala das bonecas, assume um discurso semelhante a um quarto de criança. As bonecas encontram-se dispostas num estrado coberto por uma manta cor-de-rosa, e as mais delicadas (porcelana) numa pequena vitrina branca com prateleiras de vidro. Uma das paredes foi pintada de rosa, e em todas elas, encontram-se fotografias antigas de habitantes da vila, com as suas respectivas bonecas. A sala de arte sacra assume um discurso bastante distinto dos outros núcleos. Organizada segundo temas, as peças escultóricas distribuídas junto às paredes da sala, estão dispostas sobre plintos brancos maciços ou bourdeaux, e as peças ao centro encontram-se dentro de vitrinas de base e topo de madeira branca e centro vidrado. O discurso é composto por pinturas, esculturas e um vitral aplicado a uma determinada distância da parede, com uma luz direccionada na parte de trás. É a única sala onde as peças expostas são acompanhadas com passagens transcritas na parede e as temáticas diferenciadas com letras no chão, onde se percebe um maior cuidado no discurso museográfico utilizado.

Iluminação | A iluminação é conseguida por focos direccionados, à excepção das salas de etnografia e das bonecas, cuja iluminação é natural. Na sala de arte sacra, as vitrinas expositivas, têm iluminação embutida.

Acessos | Os acessos ao edifício são bons, por se localizar no largo central da vila. Os acessos às salas de exposição têm algumas limitações, nomeadamente para o segundo piso, pois apenas é feito através de um lance de escadas. Para o primeiro piso é directo, factor que foi decisivo para a escolha da sala de exposições temporárias.

Segurança | Assegurada pela funcionária da recepção do museu.

Limpeza/ Manutenção | Assegurada por serviços da câmara.